



UFRN/PPGCS

# O TEMPO DAS BRINCADEIRAS

Memória, Turismo e Tradição em Barra do Camaratuba - PB

GEKBEDE DANTAS DA SILVA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O TEMPO DAS BRINCADEIRAS**  
**Memória, Turismo e Tradição em Barra do Camaratuba-PB**

**GEKBEDE DANTAS DA SILVA**

**NATAL  
2006**

**GEKBEDE DANTAS DA SILVA**

**O TEMPO DAS BRINCADEIRAS:  
Memória, Turismo e Tradição em Barra do Camaratuba - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na área de concentração: Cultura e Representações.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção.

**NATAL  
2006**

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Gekbede Dantas da.

O tempo das brincadeiras : memória, turismo e tradição em Barra do Camaratuba – PB / Gekbede Dantas da Silva. – Natal, RN, 2006.

191 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura e Representações.

1. Etnografia – Manifestações culturais – Dissertação. 2. Memória e tradição – Dissertação. 3. Turismo – Dissertação. 4. Barra do Camaratuba – PB – Comunidade de pescadores – Dissertação. I. Assunção, Luiz Carvalho de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 39(043.2)

## **GEKBEDE DANTAS DA SILVA**

### **O TEMPO DAS BRINCADEIRAS:**

**Memória, Turismo e Tradição em Barra do Camaratuba - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na área de concentração: Cultura e Representações.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção.

Aprovada em 21/09/2006

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção  
Orientador - UFRN

---

Prof. Dr. Andrea Ciacchi  
Examinador externo - UFPB

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lisabete Coradini  
Examinador do programa - UFRN

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia de Vasconcelos Gico  
Suplente - UFRN

Dedico este trabalho aos moradores de Barra do Camaratuba, por terem nos deixado ouvir suas vozes e conhecer suas histórias.

## AGRADECIMENTOS

Na vida sempre encontramos desafios. Cumprir esta tarefa foi mais um deles. Foram risos e lágrimas derramadas, experiências e encontros. Dividi momentos com pessoas queridas que me ajudaram nessa árdua, mas prazerosa caminhada.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa CNPq, pela bolsa de estudos no segundo ano de mestrado;

Aos moradores de Barra do Camaratuba. Graças às suas contribuições e receptividade em suas casas realizamos esse trabalho;

Aos meus pais Bento Francisco da Silva e Geni Dantas da Silva por serem meu exemplo de vida. À minha família pelo apoio e cuidado;

A Placivaldo Henrique Targino. Sua paciência, sabedoria e amor ajudaram-me a não desistir e a acreditar que seria capaz de completar mais uma etapa;

A todos que me ajudaram de alguma forma a definir os contornos da pesquisa. Ao meu orientador Luiz Assunção, pela paciência, carinho e por ter acreditado na minha capacidade e neste trabalho. A “cigana” sempre guardará seus ensinamentos;

Aos membros da banca, Andrea Ciacchi, por ser mais que um mestre: um amigo. Agradeço a atenção, o carinho e por ter-me dado a oportunidade inicial em conhecer e “pensar” Barra do Camaratuba. À professora Lisabete Coradini, pelo acompanhamento, desde minha seleção, pelas valiosas sugestões e contribuições a este trabalho e a minha formação como mestre. À professora Vânia Gico pelas contribuições na banca de qualificação;

Aos companheiros da Base de Cultura Popular (UFRN), especialmente a Paulo Marcelo pela amizade e paciência em ouvir minhas dúvidas e angústias, disponibilizando um pouco do seu tempo à leitura dos primeiros capítulos. Ao Marcos Queiroz, com quem aprendi a amar como grande amigo e a admirar pela grandeza do profissional e ser humano que és. A Analice Silva, pela revisão e ao amigo Flavio Buriti;

Aos integrantes do Laboratório de Estudos da Oralidade (UFPB), especialmente a Maria Ignez e Marcos Ayala, Ana Cristina Marinho, os quais contribuíram para os primeiros ensinamentos sobre cultura popular, pesquisa e oralidade quando nos reuníamos para discussões;



A todos os amigos que participaram direto ou indiretamente de cada feito;

À amiga sempre presente Cristiane Sousa Palitot, que esteve comigo desde o início da caminhada acadêmica e, às vezes, mesmo que de “longe”, disponibilizando atenção, apoio e amizade. A Estevão Palitot e ao lindo Cauã.

Aos amigos de “campo”, André Gondim do Rego, Ariana Monteiro, Edith Bacalháo, Luiz Gonzaga Júnior, Diego Rocha e Ricardo Carvalho;

Aos colegas de curso, e em especial a Acilino por conceder-me, muitas vezes, o traslado Jampa-Natal e à querida amiga e parceira de jornada Gabriela Dowling (Gabita), com quem dividi todos os momentos de angústias, incertezas, alegrias, descobertas, ensinamentos. Sei que teria sido mais difícil se não fosse sua amizade. Por isso, minha gratidão e eterna amizade;

Aos professores e coordenadores do PPGCS e do DAN que contribuíram de alguma forma na minha formação;

Aos queridos funcionários e amigos Adriano (secretário do DAN), a Ana (secretária do PPGAS), Edmilson de Jesus (ex-secretário do PPGCS) e a Otâniel e Geraldo (secretários do PPGCS). Muito obrigada pela paciência e disponibilidade em sempre atender aos meus constantes pedidos. Ao Departamento de Assistência ao Estudante, representado por Rosângela e Graça;

À Ana Claudia Fonseca, pelo carinho, amizade e por ter-me cedido seu lar no início da jornada. Também à amiga Rílvia, minha querida Stelamares e Raquel que ofereceram mais do que “casa”, me deram apoio familiar. Amo vocês;

À Marlene Macário pelos momentos de companheiros na residência universitária;

A seu Marcos e família por sempre nos receber tão bem em sua casa em Mataraca;

À amiga/tia Josefa Silva, pelo apoio e a presença em todos os momentos da minha vida;

Ao Pr. Josué Peixoto e sua esposa Marliete (minha “mãezinha”) por lembrarem de mim em suas orações;

Ao meu Deus, por ter-me permitido estar na “terra Potiguar”, aprofundando os meus conhecimentos e, guardando-me no dias “maus”.

"Estas páginas foram escritas para serem ouvidas. Lidas, sim, mas ouvidas, também. Nelas, estão impressas vozes, vozes que, antes de acabar nestas páginas, foram gravadas. Palavras pronunciadas, estórias, causos, memória: vida traduzida em experiência e lembrança."

(Andrea Ciacchi)

## RESUMO

Barra do Camaratuba, pertencente ao município de Mataraca, próxima à divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, foi a comunidade escolhida para desenvolvermos este trabalho, objetivando estudar o conjunto das práticas das manifestações culturais e as implicações da atividade turística local, considerando a dinâmica cultural. Procuramos reconstruir histórias a partir das narrativas dos moradores mais “antigos”, nativos, entre outros que vivenciaram, de alguma forma, experiências individuais e coletivas relacionadas às brincadeiras populares e às festas tradicionais, levando em consideração o que falam e imaginam sobre o vivido e sobre sua cultura. A Lapinha, o Pastoril, as Cantorias de Viola, os Bailes de Sanfona, o João Redondo, o Boi de Reis, o Coco de Roda, eram práticas comuns perceptíveis através dos vínculos comunitários. Dentre essas manifestações, a única que resistiu por mais tempo foi o coco de roda. A festa de São Pedro é outra manifestação popular que aparece no cenário atual como a festa de padroeiro, enquanto outras práticas culturais vão compondo o cenário do espetáculo. Estas questões percorrem muitas das narrativas dos entrevistados no entrelaçado entre memória, turismo e tradição. Portanto, procuramos construir nosso trabalho a partir da memória, da observação participante, da oralidade, das técnicas da história de vida, depoimentos pessoais, entre outros métodos fundamentais para a reconstrução de uma “memória coletiva”. Falar sobre o passado de Barra do Camaratuba é reviver as festas, as relações de parentesco, o terço, o trabalho nos roçados, na casa de farinha, as pescarias, o lazer e os hábitos da vida cotidiana. Nessa comunidade há presença de conflitos de ordem social e cultural, causados pelas “classes hegemônicas” que patrocinam as festas. Na festa de padroeiro percebemos que a lógica mercantil começou, muito recentemente, a transformar o fator religioso num pretexto para movimentar a economia do local. Dessa forma, uma comunidade originada a partir de pescadores artesanais e agricultores, tendo a pesca como meio de subsistência e as brincadeiras com referência de diversão, passaram a compor um novo quadro social com a chegada de “outros” e com o suposto e recente desenvolvimento turístico. Percebemos transformações de impactos sócio-ambientais e culturais, exemplificados por uma atividade não planejada ou um turismo predatório. As mudanças sempre serão apontadas e comparadas a outras passadas numa esfera de relações vivenciadas pelos nativos, brincantes e pescadores locais.

**Palavras-chave:** manifestações culturais; memória e tradição; turismo; comunidades de pescadores – Barra do Camaratuba-PB.

## ABSTRACT

Barra do Camaratuba belongs to Mataraca city, nearby the boarder between Paraíba and Rio Grande do Norte states. It was the chosen community to develop this research, objectifying to study the set of practical of the cultural manifestations and the implications of the local tourist activity, considering the cultural dynamics. We tried to reconstruct stories from the narratives of “the oldest” inhabitants, natives, among others that they had lived, some how, individual and collective experiences related to the popular tricks and the traditional parties, considering what they speak and imagine about their experiences and its culture. The Lapinha, the Pastoril, the viola’s songs, the Balls of Concertina, the João Redondo, the Ox of Kings, the wheel of Coconut were common practical perceivable through the communitarian bonds. Among these manifestations, the only one that resisted for a longer time was the wheel coconut. The São Pedro’s fest is another popular manifestation that appears on the current scene like the padroeiro party, while others cultural practical compose the spectacle’s scenery. These questions cover many of the narratives of the interviewed ones in the interlaced thing between memory, tourism and tradition. Therefore, we tried to build our research from the memory, participant observation, orality, techniques of the life history, personal depositions, among others basic methods for the reconstruction of a “collective memory”. Speaking about the past of Barra do Camaratuba is to live again the parties, the blood relations, the “terço”, the work in the “roçados”, in the flour house, the fishing, the leisure and the habits of the daily life. In this community, there is the presence of conflicts of social and cultural order, caused for the “hegemonic classes” that sponsor the parties. In the padroeiro party we perceive that the mercantile logic has started, very recently, to transform the religious factor into an excuse to put into motion the local economy. This way, a community originated from artisan fishers and agriculturists, having the fishing practical as a way of subsistence and the tricks as a reference, they had started to compose a new social picture with the arrival of “the others” and with the presumption and recent tourist development. We perceive social, environmental and cultural impact transformations, exemplified by a non planned activity or a predatory tourism. The changes will always be pointed and compared with other passing in a sphere of relations lived by the natives, local players and fishers.

**Key words:** Cultural Manifestation; memory and tradition; tourism; fisher community – Barra do Camaratuba – PB.

## LISTA DE SIGLAS

<b>BR</b>	_____	Rodovia Federal
<b>LEO</b>	_____	Laboratório de Estudos da Oralidade
<b>IBGE</b>	_____	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBAMA</b>	___	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>SEBRAE</b>	_____	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>AGICAM</b>	_____	Agroindústria do Camaratuba S/A
<b>PBTUR</b>	_____	Empresa Paraibana de Turismo
<b>PRODETUR</b>	_____	Programa de Desenvolvimento do Turismo
<b>AMTUR-LN</b>	_____	Associação dos Municípios Turísticos do Litoral Norte
<b>MILPLAN</b>	_____	Agroindústria do Camaratuba S/A
<b>MILLENNIUM</b>	_____	Millennium Chemicals – Paraíba
<b>LYONDELL</b>	_____	LYONDELL Chemical Company (Usina de Minério)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Boca da Barra no período de carnaval  
Figura 2 – Rio Camaratuba, manguezal e o barco de Toro  
Figura 3 – Poço na comunidade  
Figura 4 – Igreja de São Pedro  
Figura 5 – Casas de veraneio  
Figura 6 – O mangue, o rio Camaratuba e a Boca da Barra nos anos 90  
Figura 7 – Pescador entrando no mar de Barra do Camaratuba  
Figura 8 – A pescaria  
Figura 9 – Toro mostrando seu instrumento de trabalho.  
Figura 10 – Zé do Doce mostrando os caranguejos que “pescou” no mangue.  
Figuras 11 – Baiteras  
Figura 12 – Pequenas embarcações  
Figura 13 – Moradoras dançando coco de roda  
Figura 14 – Primeira balsa na comunidade  
Figura 15 – “Forró de sanfona” no Bar da Arraia  
Figura 16 – Boate Potiguar Dancing  
Figura 17 – Montagem das barracas comerciais  
Figura 18 – Moradores enfeitando a caiçara dos pescadores  
Figura 19 – Procissão pelas ruas  
Figura 20 – Missa na igreja à São Pedro  
Figura 21 – Quadrilha junina de Mataraca  
Figura 18 – Moradores enfeitando a caiçara dos pescadores  
Figura 22 – O show: Luciene Melo e banda  
Figura 23 – Dançando coco de roda  
Figuras 24 – Quadrilha junina dançada por moradores locais.  
Figura 25 – Ida da imagem do santo São Pedro para Cumaru  
Figura 26 – Chegada da imagem do santo São Pedro em Barra  
Figura 27 - Preparação para a festa de São Pedro  
Figura 28 – Barraca comercial da igreja e Grupo Jovem Caminhando com Cristo  
Figura 29 – Grupo Renascer de Mataraca  
Figura 30 – Grupo parafolclórico Macambirais  
Figura 31 – Jovens de Barra dançando xaxado  
Figura 32 – Público da festa de São Pedro  
Figura 33 – Coquistas dançando forró na caiçara dos pescadores  
Figura 34 – Neves, Aragão, Rita Branca na caiçara dos pescadores

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	PARA UMA REFLEXÃO: Memória, Cultura e Tradição.....	28
3	CONTANDO HISTÓRIAS, TECENDO MEMÓRIAS.....	45
<b>3.1</b>	<b>O campo e suas histórias.....</b>	<b>48</b>
3.1.1	Os narradores.....	48
3.1.2	O lugar.....	51
3.1.3	Os espaços “coletivos”.....	56
3.1.4	A pesca e a agricultura.....	61
<b>3.2</b>	<b>No tempo das Brincadeiras.....</b>	<b>70</b>
4	TURISTIFICANDO O “LUGAR” E A “TRADIÇÃO”.....	88
<b>4.1</b>	<b>A chegada dos “outros”: o turismo em Barra do Camaratuba.....</b>	<b>92</b>
4.1.1	A comercialização, o artesanato e a prestação de serviços: as novas alternativas de trabalho.....	94
<b>4.2</b>	<b>Projetos Turísticos.....</b>	<b>101</b>
<b>4.3</b>	<b>Turismo não planejado: entre Impactos e transformações.....</b>	<b>103</b>
5	A FESTA DE SÃO PEDRO: Tradição e Turismo.....	114
<b>5.1</b>	<b>Tempo de (a) festa.....</b>	<b>116</b>
<b>5.2</b>	<b>Do “ tempo de atrás” ao “tempo de agora”.....</b>	<b>130</b>
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
	REFERÊNCIAS.....	146
	ANEXOS.....	152



Fonte: Folder da Pousada Porto das Ondas, 2003.



# 1 INTRODUÇÃO

Comunidades de pescadores artesanais<sup>1</sup> podem nos revelar saberes tradicionais dos mestres, pescadores, agricultores, poetas, dançadores, cantadores, artesãos, trabalhadores comuns, entre outros que fazem do seu ofício uma melhor forma de viver e da sua tradição, as festas e as brincadeiras, o que há de diversão e a evidência de sua cultura.

O interesse em conhecer estes saberes conduziu-me a Barra do Camaratuba<sup>2</sup>, município de Mataraca, localizada no litoral norte paraibano a aproximadamente 112Km de João Pessoa/PB e 100km de Natal/RN. A convite do professor Dr. Andrea Ciacchi, conheci a comunidade e seus moradores no ano de 2001, participando de um projeto de iniciação científica “LIT/ORAL: História, Memória e Oralidade na Costa da Paraíba” vinculado ao PIBIC/CNPq, na Universidade Federal da Paraíba, quando ainda fazia graduação em Ciências Sociais.

Estas pesquisas, nas quais participei como bolsista, resultaram em um trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2003). No entanto, as minhas reflexões iniciais começavam a me incomodar por algo a mais, ao perceber que Barra do Camaratuba, uma comunidade relativamente pequena, com aproximadamente cerca de 600 a 800 habitantes, sendo a maior comunidade fora de sua sede, que teve sua constituição baseada economicamente na pesca artesanal e na pequena agricultura familiar, vem apresentando um considerável crescimento desde meados dos anos 70, e com uma maior evidência da chegada de “outros” no final dos anos 90, devido à inserção do turismo no lugar.

Barra do Camaratuba<sup>3</sup> apresenta uma multiplicidade de aspectos que afetaram e afetam, de alguma forma, sua organização social, econômica e cultural.

---

<sup>1</sup> Usamos esse termo para fazer referência às comunidades que tiveram a pesca como um dos “pilares” para sua constituição, tendo muitas vezes a atividade pesqueira como fonte de subsistência ou ainda mantêm, de alguma forma, o exercício do trabalho pela tradição.

<sup>2</sup> Apesar de alguns documentos (como mapas, por exemplo), notícias, sites de Internet sobre turismo, entre outros, usarem o nome Barra **de** Camaratuba, preferimos usar o nome Barra **do** Camaratuba, considerando a fala dos nativos que se referem à origem do nome do lugar associado ao rio Camaratuba.

<sup>3</sup> Barra do Camaratuba pertenceu ao município de Mamanguape até início da década de 60, passando a distrito de Mataraca em 17 de junho de 1963 devido à sua emancipação política. Dentre as principais fontes de renda encontradas na região, destacamos a atividade de agricultura canavieira (Usina AGICAM); Mineração (LYONDELL – Mina de Guaju, antiga Millennium Innorganic Chemicals,

A experiência anterior a essa pesquisa de campo, já proporcionava uma percepção de que, com o crescimento populacional e, mais recentemente, a chegada do turismo, a comunidade vem apresentando uma nova configuração urbana, alguns indícios de especulação imobiliária, impactos ambientais e sócio-culturais e intervenções externas, entre outros fatores. Isto poderá se tornar problemático quando os nativos e moradores locais forem impossibilitados de participar como agentes ativos nas discussões e consolidação dessa atividade, ficando “à margem da dinâmica social” (JUCÁ, 2003, p.18), podendo ocasionar um estado de passividade, mas este, por sua vez, permanecerá somente enquanto eles (os moradores locais) não buscam formas de fazer suas “vozes” serem ecoadas. Para uma comunidade que tem uma atividade tão recente, mas que implica em tantas questões, muitas vezes conflituosas, decidimos dar continuidade à pesquisa de campo anterior.

O turismo pode até proporcionar emprego e renda aos moradores locais, no entanto, percebemos que muitas vezes, comunidades com características de população tradicional<sup>4</sup>, quando vivenciam essa atividade, tem seus espaços de trabalho e diversão reestruturados, reorganizados e alguns dos seus elementos culturais apropriados, transformados em “mercadorias” para serem vistas e “consumidas” por turistas (GARCÍA CANCLINI, 1983), tendo assim práticas “tradicionais” ressignificadas e refuncionalizadas como, por exemplo, as festas.

Mas o que desperta ainda mais o nosso interesse em “olhar” esta comunidade, é o conhecimento de experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos moradores, relacionadas a manifestações culturais, como brincadeiras populares como o Boi de Reis, chamado por eles de “Boi de Resi”, a Lapinha, o

---

localizada no Km 25 da rodovia PB - 065) pecuária, comércio e pesca. Mesmo assim, Barra do Camaratuba parece ter passado um tempo esquecida. Antes pela inexistência de estrada, o acesso à Barra era dificultado, deixando-a isolada. Hoje, existem dois caminhos de acesso, depois de percorrer a BR 101(entrando a direita): um pelo caminho de Mataraca, chamado pelos moradores de estrada de baixo, caminho de barro que seque o percurso do rio Camaratuba, onde também podemos observar uma grande extensão de pantanal, berçário de jacarés do papo-amarelo segundo pescadores da região; e o outro caminho é pela estrada de cima (por fora da cidade), caminho asfaltado em 2004.

<sup>4</sup> Partindo das conceituações de Diegues e Arruda (2001) consideramos como população tradicional aquelas quando sua formação se dá por pescadores, artesãos e pequenos agricultores, enfim, pessoas cujas atividades de trabalho não apenas encontram atreladas ao manejo do ambiente, mas, sobretudo, medidas por relações históricas, sociais, e, conseqüentemente, culturais.

Pastoril, João Redondo, os Bailes de Sanfona e o Coco de Roda<sup>5</sup> e as festas tradicionais, de cunho religioso, como a festa de São Pedro, referenciadas nos discursos dos nativos como atividades presentes num 'tempo de diversão'. No contexto atual, percebemos que algumas dessas brincadeiras não acontecem mais, a única que parece tentar resistir "ao tempo" é o coco de roda, enquanto vão compondo o cenário da festa outras práticas da indústria cultural<sup>6</sup>.

Estes fatos nos levaram a refletir sobre os significados da cultura popular (as brincadeiras populares e a festa), ou seja, qual o sentido que tinha o brincar e o dançar no passado para os moradores locais, e como elas se dão hoje. E quais os fatores que se interpuseram e se interpõem à sua realização, apesar de haver uma grande aceitabilidade dessas manifestações pelos moradores. Nesse contexto, resta-nos saber como vão emergir as novas práticas culturais dentro dessa nova esfera econômica: o turismo.

Portanto, o presente trabalho tem como objeto as manifestações culturais de uma comunidade pesqueira considerando o dinamismo da cultura popular e o turismo local, com o objetivo de estudar o conjunto das práticas das manifestações culturais e as implicações da atividade turística em uma comunidade de pescadores artesanais. Procuramos reconstruir histórias a partir da percepção dos moradores locais, os detentores da memória, os únicos capazes de narrar o passado e presente da comunidade de Barra do Camaratuba - PB. Buscamos uma história, especificamente, a que discursa sobre as brincadeiras populares e as festas de um "povo" que sabe a arte do pescar, do brincar, do dançar, que faz rima em verso de coco de roda, de lapinha e poesia. Um "povo" que nos ensinou sobre um "tempo" que não se quer esquecer.

Procuramos entender as brincadeiras entrecruzando duas temporalidades: passado e presente. A primeira nos remeteu à descrição de como era a comunidade no tempo quando todos se reuniam na caçara dos pescadores para dançar e se divertir até amanhecer. Quais e como eram as manifestações culturais? Como e

---

<sup>5</sup> Outras brincadeiras também foram citadas nas narrativas dos nossos informantes, como estas foram e são as mais presentes nos discursos, resolvemos priorizá-las para descrição.

<sup>6</sup> A indústria cultural reordena elementos retirados da cultura popular e da cultura erudita, compondo novos conjuntos. É a manifestação mais aparente da tendência à uniformização cultural e ideológica. Segundo Ayala e Ayala (1995, p. 59), sua função consiste, explicitamente, em difundir para o conjunto da população produtos culturais elaborados por especialistas e, implicitamente, padrões cognitivos, estéticos e éticos que lhes são subjacentes.

onde aconteciam as brincadeiras? Quais eram as relações com as pessoas de fora? Quem organizava? É o tempo da memória que nos levou a descrever a sociabilidade comunitária anterior às construções das casas de veraneio, das pousadas, da televisão, entre outros. Procuramos saber também se alguma dessas brincadeiras continuou existindo na prática e como isto se deu?

O tempo presente refere-se aos momentos em que estávamos em campo, convivendo com os moradores e etnografando<sup>7</sup> os momentos da festa de São Pedro, referenciada como a festa tradição, que nos conduziu a perceber ressignificações e refuncionalizações na sua produção, quando a prefeitura passa a organizá-la.

A relação entre passado e presente torna-se fundamental por serem duas temporalidades que se cruzam a todo tempo na contextualização de uma história. Dessa forma, compreenderemos como o passado é lembrado hoje na visão dos moradores que participavam, de alguma forma, da produção e realização das manifestações culturais e que vivenciaram e/ou vivenciam o processo de desenvolvimento local.

Segundo Cardoso de Oliveira (1998, p.19), o olhar do pesquisador diante do objeto de análise precisa estar “devidamente sensibilizado pela teoria”. Para isto, fez-se necessário direcionarmos esse olhar, partindo dos pressupostos conceituais referentes à memória, à tradição, à cultura popular, tendo como exemplos casos em comunidades “tradicionais” ou originadas pela pesca artesanal que vivenciaram, de alguma forma, atividades semelhantes ao turismo. Partimos dos referenciais conceituais de Néstor García Canclini (1983,1989) que nos ajudou a pensar a cultura, mais precisamente a cultura popular, em relação à atividade turística. Buscamos as leituras de autores como Maria Ignez e Marcos Ayala (1987,2003), Oswaldo Xidieh (1976), Alfredo Bosi (1997), entre outros cujas idéias serviram de subsídios para pensarmos a cultura popular e a tradição como processo de dinâmica cultural. Eric Hobsbawm (1984) também contribuiu para pensarmos a festa de São Pedro atual de Barra do Camaratuba, produzida pela prefeitura, como uma “tradição inventada”, sem negarmos sua capacidade de reelaboração. Também buscamos nos guiar por Paul Zumthor (1997) que, além de suas contribuições sobre tradição,

---

<sup>7</sup> A lições sobre a etnografia vem das leituras de Clifford Geertz (1978), Roberto Da Matta (1987), Roberto Cardoso de Oliveira (1998), entre outros que vêm a observação participante e a descrição elementar na pesquisa de campo.

traz questões sobre a memória e Maurice Halbwachs (1990) nos ajudando a compreender à “memória coletiva”, entre outros autores considerados relevantes para o nosso trabalho. Suas idéias aparecerão no decorrer da discussão.

Recorremos também a outras leituras que tratam de questões relacionadas à atividade turística em comunidades que apresentaram, em algum momento de seu contexto histórico, atividades que a reconheciam como “tradicional”. Estas serão citados ao longo do trabalho, como forma de justificar nossa hipótese.

A metodologia usada para o conhecimento desses fatos tratou-se de um levantamento bibliográfico de autores com trabalhos desenvolvidos abordando temáticas semelhantes a que propomos, sendo também necessária uma revisão de documentos, mapas, literatura e das transcrições das entrevistas gravadas, no período de 2001 a 2003, e levantamento de dados com referências a 2005-2006, em jornais e revistas, em sites da Internet, sobre Barra do Camaratuba.

Consideramos a pesquisa de campo fundamental para apreendermos as questões aqui abordadas, utilizando os recursos da história oral e histórias de vida, depoimentos pessoais, “entrevistas” com o uso do gravador, a observação participante e a etnografia, tendo sempre em mãos o caderno de campo, para as nossas anotações.

Como Barra do Camaratuba não se tratava mais de um lugar ‘estranho’, as idas a campo foram resumidas a seis visitas, no ano de 2005, principalmente no período do ciclo junino<sup>8</sup>, totalizando doze entrevistas com moradores, em especial nativos, pescadores e brincantes, participantes da vida social, ou mesmo, os conhecedores da cultura local.

No ano de 2006, para a conclusão deste trabalho, com objetivo de tirar dúvidas e complementar dados, realizamos algumas entrevistas por telefone com alguns moradores.

Considerando a especificidade do nosso objeto (as manifestações culturais) propomos desenvolver um trabalho de campo, construído através do “diálogo prolongado” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998) e estabelecido a partir da observação participante, que influenciou a percepção de fatos e tornou os moradores mais acessíveis. O contato com o campo ou a relação entre pesquisado e pesquisador foi

---

<sup>8</sup> Esse período se caracteriza por festejos, no período de junho, aos santos: Santo Antônio, São João, São Pedro.

fundamental no que diz respeito à troca de saberes. Como afirma Cardoso (1986, p.95),

Um pesquisador capaz de uma 'boa' interação com as minorias ou grupos populares será sempre porta-voz de seus anseios e carências, logo, da sua 'verdade'. O critério para avaliar as pesquisas é principalmente sua capacidade de fotografar a realidade vivida. Sua função é tornar visível aquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do *statu quo*.

Através da reconstituição da “memória”, da observação de campo, da etnografia, procuramos obter os dados que nos facilitassem captar o processo de ressignificações vivenciado nas manifestações culturais. Pensamos o método etnográfico a partir de Geertz (1989, p.15), o grande estudioso dessa prática de pesquisa em que se faz necessário “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário”. Dessa forma, encaramos a etnografia como uma construção das informações apreendidas e interpretadas e seus significados construídos em um espaço social. Uma “descrição densa” contribuirá para a realização de uma análise do processo de transformações sociais e culturais, como também da festa “tradição” de padroeiro. As descrições serão construções de interpretações partindo da “visão de mundo” dos seus atores sociais, ou seja, tentamos construir o texto antropológico, a partir de “interpretações de interpretações” (GEERTZ, 1989).

Para Geertz (1989, p.24) “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os conhecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”. Portanto, procuramos trilhar o “caminho etnográfico”, considerando a cultura popular, como modos de vida de um determinado grupo ou comunidade, onde sua compreensão estará intrínseca a um contexto.

As entrevistas aconteceram preferencialmente na casa dos moradores ou no seu ambiente de trabalho ou na caiçara dos pescadores. Alguns diálogos, considerados desnecessários em sua íntegra ou quando se tratava de um contato inicial, não foram gravados, mas anotados e descritos nos diários de campo.

As primeiras conversas foram abertas, algumas relacionadas a histórias de vida ou histórias sobre o lugar. Em outros casos, devido o campo não ser mais “estranho”, os moradores abordados para uma primeira “conversa informal”, já não se importaram com a gravação de suas narrativas. Quando necessário, recorriamos aos depoimentos pessoais em busca de respostas para nossas questões.

O método da História Oral<sup>9</sup> se deu a partir de conceituações de Paul Thompson, contribuições contidas em *A voz do Passado: história oral* e de Gisafran Jucá, autor que fez em *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*<sup>10</sup> uma releitura do processo de desenvolvimento da história oral no Brasil e da técnica da história de vida. Estes recursos proporcionaram excelentes resultados ao estudo de campo, pois o seu uso possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores, como uma forma democrática de escrever a história (THOMPSON, 1992).

Sobre as técnicas de pesquisa, Maria Isaura Pereira de Queiroz, no seu livro *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, estabelece algumas distinções entre as técnicas da história de vida e os depoimentos pessoais. Segundo a autora, as diferenças entre as histórias de vida e os depoimentos pessoais surgem a partir das formas utilizadas pelo pesquisador durante o diálogo. Se ao pesquisador interessam apenas alguns fatos ou acontecimentos que venham esclarecer aspectos do seu trabalho, os depoimentos pessoais são mais indicados. Nestes existe uma condução do pesquisador. Segundo Queiroz (1988, p. 20 e 24),

É possível utilizar a técnica de história de vida buscando encontrar a coletividade a partir do indivíduo desde que o objetivo de um pesquisador seja captar o grupo, a sociedade de que aquela vida narrada é parte. [...] A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se

---

<sup>9</sup> Cf. Jucá (2003) traça um histórico da fundamentação da História Oral, apontando sua dimensão metodológica.

<sup>10</sup> Neste livro que trata de um estudo com velhos que residem em partes urbanas de Fortaleza, o autor se propôs a compreender a construção social do significado atribuído ao velho, na era da globalização, destacando sua condição de cidadão experiente, rico em experiências individuais e coletivas do seu cotidiano. Em seu trabalho, além dos depoimentos prestados por esses sujeitos, o autor achou válido tomar como ponto de partida uma síntese histórica a respeito da adoção da História Oral como recurso metodológico na historiografia brasileira. Ele procurou contrapor a história escrita à história oral.

delineiam as relações com os membros do seu grupo, sua profissão, de sua camada social.

Na história de vida, quem decide o que vai falar é o narrador. Neste caso, o pesquisador limita-se a ouvir o relato, não procura avivar a memória do informante. Para esta pesquisa, usamos estas duas técnicas: nas primeiras entrevistas, ou seja, o primeiro contato com o informante, usávamos a história de vida, e nas demais, conforme os conhecimentos prévios podíamos recorrer aos depoimentos orais.

Nossa proposta foi a de tentar seguir os passos de Thompson (1992) no que diz respeito à História Oral como maneira de dar voz aos que por algum motivo não têm uma história oficial. Vemos nesse autor que suas análises possibilitaram uma nova alternativa de trabalhar a história e através dele os historiadores sociais passaram a utilizar dados orais para darem voz àqueles que não se expressam no registro documental.

[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância [*sic*], a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções de experiências e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1992, p.137).

O historiador e professor Jucá (2003) nos mostrou como o método da História Oral torna-se um recurso relevante ao dar voz aos excluídos da História, como também nos ensina Thompson (1992, p. 15). Estes nos mostram que a história oral está numa dimensão mais ampla e não apenas na condição de fonte complementar, ocupando amplos espaços e propiciando alargar os horizontes de análise do conhecimento histórico.

A História Oral nos remete à compreensão do significado dos depoimentos, onde a subjetividade do expositor favorece a reconstrução do passado. Assim como,

O valor do uso da História Oral reside na possibilidade de diálogo a ser mantido entre o entrevistador e o pesquisador, onde a subjetividade na construção do conhecimento histórico não brota exclusivamente de uma única posição, mas do diálogo travado entre o entrevistador e o entrevistado. A construção das lembranças



apresentadas passa pelo molde subjetivo de elaborá-la, sempre aproximando o indivíduo o espaço social rememorado (JUCÁ, 2003, p.52).

Os relatos orais podem transmitir a vivência comunitária, nos remeter a uma memória coletiva, relações de compadrio na visão de seus moradores, sujeitos detentores por excelência da experiência de vida e das manifestações e brincadeiras populares da comunidade, além de ocasionar um diálogo interativo entre pesquisador e entrevistado.

Enfim, propomos, através dos recursos metodológicos, aqui apresentados, que têm como técnica a entrevista informal (depoimentos orais), um caminho para delinear a reconstrução de histórias, fundamental na apreensão das narrativas dos indivíduos que residem em uma comunidade dita “tradicional” que permaneceu isolada por um determinado tempo da sua história.

Nessa perspectiva, torna-se inconcebível falarmos de História Oral sem nos remetermos à memória, pois foi em decorrência do enlevo dessa história, segundo afirmação de Jucá (2003, p.33), que a memória passou a ser utilizada como recurso para ultrapassar as barreiras impostas pela documentação “oficial”. A história oral está para a memória porque pode ser considerada de acordo com “a dimensão social que representa, uma realidade em que se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional” (JUCÁ, 2003, p. 16). Ela permite revelar aspectos sociais que, em algum momento, foram esquecidos ou relegados, fazendo brotar a lembrança dos que se consideravam excluídos do processo histórico.

Neste trabalho, a memória é apreendida não somente como uma teoria em si, mas como um recurso metodológico, sendo ela necessária para a fundamentação das histórias sobre o desenvolvimento local e das manifestações culturais do nosso campo de pesquisa, enfatizando sua importância numa esfera coletiva e individual para a reconstrução das histórias de um lugar.

Portanto, o uso da memória é tratado aqui não para a compreensão do passado em si, mas a partir dele compreendermos o presente. Como nos ensina Maurice Halbwachs (1990) que, através das lembranças, as pessoas reconstroem os acontecimentos vividos, escrevendo, portanto, a sua história do presente.

A memória torna real a trajetória da aproximação entre o ontem e o hoje e, por sua vez, a história é alimentada pela memória que poderá constituir uma fonte

na reconstituição das experiências de vida, das manifestações culturais que delineavam a sociabilidade comunitária num passado. Ela pode ser considerada a principal fonte de informação para a história, “ata o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura” (ZUMTHOR, 1997, p.14).

A sua busca renova o valor do conhecimento histórico, tornando fundamental o estudo do passado, em virtude da necessidade de associá-lo à compreensão dos fatos mais recentes. Como também lembra Bergson (1990, p. 36), a memória “já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente”.

É na memória que o sujeito tem a sua existência guardada e no ato de lembrar e contar tem a possibilidade de revivê-la. Recorrer à memória é reconstituir através das narrativas a história de um povo e trazer à tona a existência de uma tradição, contribuindo para uma valorização cultural dos detentores dessa cultura, assim como do próprio pesquisador.

A memória é estruturada de acordo com as idéias ou mesmo experiências partilhadas com os outros, mas a confirmação da memória como algo subjetivo permanece nítida nas experiências observadas, por isso devemos considerar os seus aspectos sociais, remetidos a um panorama mais abrangente e significativo.

Para Jucá (2003), a memória nos faz entender a sua divisão em uma parte objetiva, que preserva os fatos e uma outra subjetiva (sua visão de mundo), que expressa tanto informações descritivas, como peculiaridades da abordagem apresentada, de acordo com os sentimentos expressos pelo depoente.

Narrar a história de uma comunidade nos remete a um passado específico, presente ainda na memória dos moradores mais “antigos” ou nas histórias contadas por eles para seus filhos, netos, etc. A natureza da narrativa possui uma dimensão utilitária, carrega sempre um ensinamento. Para Benjamim (1994) “o narrador” é um homem que sabe dar conselhos, um sábio, um detentor de uma sabedoria que é transmitida através de suas histórias. A narrativa deriva de uma coletividade, de experiências compartilhadas.

Segundo Queiroz (1988, p.25),

os comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem na organização de que haviam participado, e assim se pode conhecer parte do que existira anteriormente e se esmaecera nos embates do tempo.

Escrever a história, tendo como recurso principal a memória e dela compreender a história de vida das pessoas, que está fundada no social, é considerar o que se fala e o que se imagina sobre o vivido e sobre sua cultura. As narrativas e seus fragmentos, e as várias versões permeadas por interpretações e representações dos sujeitos sobre suas vidas e seu mundo reconstruíram as histórias do lugar. Assim, escrever a história vivida e lembrada é considerar cada fala pronunciada, cada gesto, cada voz, para compormos o texto de vida “vivida”. Como nos lembra Benjamim (1994, p. 201), “o narrador retira o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Recorrendo à memória e às narrativas dos moradores “antigos”, principalmente os que participaram e participam ou dos que ouviram falar, através de parentes, sobre as manifestações culturais locais, é conhecer sua forma de ver o mundo e suas representações mais concretas inseridas na sociabilidade comunitária ou na própria estrutura social.

Ao relatar fatos e histórias de vida ou de um lugar, a memória passa a ser um documento vivo, expondo o que está ou ficou guardado na memória dos indivíduos, lembrando que “a memória é espontânea e por isso só relata o que realmente o sujeito tem vontade de falar” (JUCÁ, 2003, p. 53).

Lembrar do tempo passado é recordar o trabalho na roça, as “grandes” pescarias, as farinhadas, o terço, as festas e as brincadeiras. “A memória é uma atualização do passado ou uma presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”, como afirmou Chauí (2003, p. 140) ao apresentar uma definição de memória, ou ainda, como diz Bosi (2003 p.44) quando o sujeito “evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de sua vivência. Enquanto evoca, ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”.

O foco escolhido neste trabalho torna-se relevante por dar vez e voz àqueles que vivenciam uma “tradição” e realizam ou realizavam as brincadeiras populares e as festas em Barra do Camaratuba. Segundo Jucá (2003), a utilidade da oralidade

como fonte informativa pode fornecer subsídios valiosos, reconhecendo a dimensão simbólica da memória, que nos fazem compreender não apenas os indivíduos entrevistados, mas o seu espaço social.

As narrativas contribuíram para a articulação entre uma memória específica das brincadeiras e do lugar e a visão de mundo, determinados pelas condições objetivas de produção e reprodução da vida material. Nelas encontraremos relatos sobre o presente e o passado, trajetórias de vida, sendo também possível encontrarmos, no seu interior, “reminiscências saudosas de manifestações culturais transformadas, fragmentadas ou mesmo sufocadas diante de mudanças de ordem cultural, social e econômica” (FONSECA, 2005, p.236)

O tempo da pesquisa de campo nos proporcionou acompanhar algumas mudanças nos espaços de moradia, trabalho, festa e lazer devido à especulação imobiliária e turística. Dessa forma o recurso fotográfico tornou-se importante como registro, complementando a discussão que este trabalho propõe.

Acreditamos, portanto, que a pesquisa se justifica na busca de entender a realidade de comunidades de pescadores, como Barra do Camaratuba, onde os significados dados às manifestações populares, ora aparecem associados à vida comunitária, e ora, reféns de “intervenções” externas, das mudanças nos seus espaços e na cultura, com a chegada de outros<sup>11</sup>, e até mesmo de um turismo não planejado. Muitas poderão ser as influências externas ou as intervenções de instituições (prefeitura, estado, donos de pousadas e bares) nas realizações das brincadeiras e da festa na comunidade. Dessa forma, a cultura popular “luta” para continuar presente e atuante frente à cultura dominante, presente na vida cotidiana e nas esferas de sociabilidade. Como afirmou Geertz (1998) a cultura é produto de uma atividade humana, da totalidade dos produtos dos homens.

Em Barra do Camaratuba, todos os elementos de ordem social, cultural, político e econômico se misturam e se contrapõem. Há presença de conflitos de ordem social e cultural, causado pelas classes hegemônicas<sup>12</sup> (a prefeitura e outros) que patrocinam as festas.

Segundo García Canclini (1983, p.128) a festa é uma continuidade do cotidiano. As mudanças ou transformações causam desestruturação ou uma

---

<sup>11</sup> O termo outros aqui é usado para referir-se aos não nativos ou moradores locais, pessoas vindas de fora para residir, ou veranistas, turistas e surfistas.

<sup>12</sup> Conceito de hegemonia usado por Antonio Gramsci (1978).

reestruturação substancializada. Ao invés da participação, tem-se a apresentação. A festa é esquematizada e as “tradições” viram espetáculos. Nesse sentido, se “todas as manifestações da cultura popular ocorrem no interior do sistema capitalista” (GARCÍA CANCLINI, 1983), deve-se encontrar uma maneira de compreendê-las juntas.

Assim como a festa, os espaços também mudam. Há interferência na vida dos pescadores, em seus espaços no mangue, no mar, no rio e na realização das festas tradicionais. Como relata Carlos (1999, p. 25),

Cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas como o do turismo, e desse modo praias, montanhas e campos entram em circuito da troca, apropriada, privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas.

Os turistas buscam lugares onde a aventura do desconhecido e do exótico se combina com as atividades de lazer. Dessa forma, as festas populares passam a ser produzidas para satisfazer e atrair turistas.

Segundo Hall (2003) as mudanças causam processos de transformação e reorganizações. Há um jogo de transformar e criar algo novo. Como afirma Ayala e Ayala (1995, p.40) “alguns aspectos da cultura popular podem desaparecer, enquanto outros podem ser reelaborados”. Acreditamos que as manifestações em Barra, inclusive a festa de São Pedro, estarão sujeitas a ressignificações.

Para tanto, o presente trabalho encontra-se dividido em: a primeira parte refere-se a esta introdução, onde procuramos expor as informações gerais a respeito do tema, a justificativa do trabalho e os referenciais metodológicos, seguindo as primeiras reflexões que consideramos fundamentais para pensarmos no âmbito das ciências sociais: a memória, a tradição, a cultura popular relacionadas ao turismo em comunidades de pescadores artesanais, ou àquelas consideradas “populações tradicionais”.

No terceiro capítulo, apresentamos o campo de pesquisa, Barra do Camaratuba, os moradores chamados aqui de narradores, a memória fazendo uma reconstrução de histórias do lugar, do trabalho da pesca, das brincadeiras populares, com o propósito de fazer um contraponto entre o presente e o passado, considerando o conjunto dos elementos das práticas culturais.

No quarto capítulo, procuramos fazer um breve panorama da atividade turística na Paraíba e sua inserção em Barra do Camaratuba (litoral norte), fazendo posteriormente uma breve análise comparativa, a partir da leitura de textos de autores que mostraram comunidades que vivenciaram também processos semelhantes ao que observamos, podendo assim levar a uma reflexão sobre as causas de um turismo não planejado e a importância da comunidade local em participar ativamente das decisões que venham gerar transformações nos seus espaços e na cultura local. Apontaremos alguns impactos e transformações refletidas na esfera sociocultural.

No quinto capítulo, apresentamos uma etnografia da festa de padroeiro São Pedro (a maior referência em manifestação cultural) de 2002 e 2005, interligada às narrativas dos nativos sobre as festividades anteriores, dialogando duas vias - turismo e tradição - apontando as caracterizações da festa, como alguns moradores locais (os mais antigos, nativos, pescadores, brincantes) percebem e participam da festa. E posteriormente, apresentaremos os elementos que fazem com que os mais antigos caracterizam o “ontem” melhor que o “hoje” e quais os fatores, apontados por eles, que fizeram com que algumas brincadeiras populares deixassem de acontecer como prática comum.

Nas considerações finais, a sexta e última parte desse trabalho, montaremos um quadro geral de idéias, sobre as manifestações culturais e as implicações do turismo em comunidades de pescadores artesanais ou “comunidades tradicionais”. Este é o caso de Barra do Camaratuba.

A pertinência desse tipo de estudo está na contribuição que poderá dar à outras reflexões na comunidade acadêmica, assim como, entre os nativos, moradores locais, ou sujeitos que trabalham com e para comunidades, como esta aqui analisada.

## 2 PARA UMA REFLEXÃO: Memória, Cultura e Tradição

Trazemos nesse trabalho algumas reflexões a partir da leitura de importantes estudiosos como García Canclini (1983, p.12), o qual nos ajuda a perceber a relação da cultura com a atividade turística, “uma vez que todas as manifestações da cultura popular ocorrem no interior do sistema capitalista”, que desestrutura, reorganiza e se apropria de algumas práticas culturais, dando novos significados e uma nova função. Ele também mostra que comunidades tradicionais podem se adaptar, resistir ou se articular diante de uma classe dominante<sup>13</sup>.

García Canclini (1983, p. 42) define a cultura popular como aquela produzida nas classes subalternas, preferindo usar o seu termo no plural. Para ele, as *culturas populares* são aquelas que se “constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida”.

Este autor compreende a cultura popular perpassando as esferas do que o povo faz (produção), o que se vende nos mercados e *boutiques* (circulação) e os espetáculos (consumo), ou seja, ela pode ser entendida em todas as suas instâncias dialogando “numa interação conflituosa com os setores hegemônicos” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 42), podendo assim defini-la como um produto de interação das relações sociais.

Em *As culturas populares no capitalismo*, publicado em 1983, se propõe a desenvolver uma compreensão global das diversas manifestações da cultura popular e interpretar os conflitos interculturais com comunidades indígenas, no México,

---

<sup>13</sup> Néstor García Canclini seguiu as trilhas deixadas por Antônio Gramsci, pensador italiano contemporâneo, que desenvolveu uma análise da cultura popular chamando atenção para a dominação, observando essa cultura produzida no interior de uma sociedade dividida em classes antagônicas, constituindo uma forma de expressão dos setores subalternos da sociedade. Gramsci (1978) entende a cultura popular levando em consideração o confronto entre as “classes hegemônicas” e as “classes subalternas”. Para ele, a cultura popular é vista como uma forma específica de cultura que, embora apresente um caráter fragmentário, está sempre em contraste com as concepções predominantes na sociedade. Essa cultura, numa visão gramsciana, é percebida como uma “concepção do mundo e da vida, em grande medida implícita de determinados extratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo ‘oficiais’ (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas), que se sucederam no desenvolvimento histórico” (GRAMSCI, 1978, p. 184).

analisando a absorção de manifestações culturais populares pelo capitalismo – suas formas e conseqüências sobre a produção, circulação e recepção da cultura popular. Suas reflexões surgiram a partir de uma pesquisa sobre as mudanças da cultura popular no capitalismo, observando o artesanato e as festas populares, em 1977 e 1980, em povoados da zona tarasca (grupo étnico) do estado de Michoacán, onde vivenciaram influências de agentes externos, como urbanização, desenvolvimento do mercado capitalista na economia local e o turismo e com isso, os “objetos artesanais e o acontecimento da festa, além de centrais, nos povos indígenas e em vários povos mestiços” sintetizaram os “principais conflitos da sua incorporação ao capitalismo” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 50). Ele observou as razões que levaram a produzir cada vez mais suas festas e artesanatos para outros (turistas), para serem admirados e comprados.

Sua crítica à lógica capitalista, nesse caso ao turismo, é quando este superficializa os significados dos elementos da cultura popular, numa tentativa de preservar a cultura, e os transforma em “mercadorias” sem reproduzir seu sentido primário de produção ou o conhecimento de quem as produziu.

A cultura é tratada de modo semelhante à natureza: um espetáculo. As praias ensolaradas e as danças indígenas são vistas de maneira igual. O passado se mistura com o presente, as pessoas significam o mesmo que as pedras: uma cerimônia do dia dos mortos e uma pirâmide maia são cenários a serem fotografados (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.11).

Segundo o autor, o que “o turismo requer é a sua mescla com o avanço tecnológico: as pirâmides ornadas com luz e som, a cultura popular transformada em espetáculo” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.37).

Nesse sentido, as classes dominantes desestruturam as culturas étnicas, nacionais e de classe, reorganizando-as num sistema unificado de produção simbólica com funções diferenciadas. Seu enfoque teórico e metodológico baseia-se na tese de que,

O capitalismo, sobretudo o capitalismo dependente possuidor de fortes raízes, em seu processo de desenvolvimento não precisa sempre eliminar as culturas populares; ao contrário, ele inclusive se apropria delas, reestruturando-as, reorganizando o significado e a função dos seus objetos e das suas crenças e práticas. Seus recursos preferidos são o reordenamento da produção e do consumo



no campo e na cidade, a expansão do turismo e a presença de políticas estatais de refuncionalização ideológica [...] com a finalidade de integrar as classes populares ao desenvolvimento capitalista, as classes dominantes desestruturam [...] as culturas étnicas, nacionais e de classe, reorganizando-as num sistema unificado de produção simbólica. É com este intuito que separam a base econômica das representações culturais, rompem a unidade entre a produção, a circulação e o consumo, bem como entre os indivíduos e a sua comunidade. Enquanto estes, num segundo momento, recompõem os pedaços, subordinando-os a uma organização transnacional da cultura que é correlata à multinacionalização do capital (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.12-13).

A partir dele, percebemos que a cultura popular não pode se vista genuinamente pura ou isoladamente de um contexto, pois ela faz parte de um processo, onde “o artesanal e o industrial, a tradição e a modernidade se implicam reciprocamente” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 37).

Para explicar estes fatos, García Canclini (1983) demonstra a relação de várias festas com a atividade turística (com a mercantilização), em comunidades indígenas, a partir do estudo de caso em três situações: as festividades dedicadas a São Sebastião, a Quaresma na semana Santa, São Pedro e São Paulo, a do Santo Cristo, entre outras, em Ocumicho, a de Santo Rei de Pataben e a festa dos mortos na região do Lago Patzcuaro, todas no estado de Michoacán. Suas análises demonstram a espetacularização de rituais, numa nítida transformação da festa em recurso econômico, matéria prima que origina o produto turístico através de vários fatores como a proletarização do artesão, comercialização do artesanato, espetáculo das festas pelo turismo. Ele estuda as manifestações culturais populares inseridas em um contexto sócio-cultural atravessado por contrastes sociais do capitalismo e pelo confronto entre as culturas subalternas e hegemônicas.

Nesses estudos, García Canclini (1983) examina rituais com maior ou menor interferência do turismo, e percebe que elas formam uma escala, uma ‘evolução’, da festa mais tradicional à mais recheada de símbolos da urbanidade e da comercialização. Comparando a festa urbana com a rural, observa que esta última vai cedendo terreno aos modelos mercantis urbanos e são parcialmente substituídos por divertimento e espetáculos. Assim essa lógica mercantil transforma o fator religioso num pretexto para se movimentar a economia do local com os “consumidores/turistas” de todos os cantos do mundo. Este fato faz com que seja questionada a autenticidade das festas, chegando a dizer: “Este tipo de

contraposição gerou – como no caso do artesanato – polêmicas bizantinas a respeito do que seria a essência da festa, a autenticidade exclusiva da festa e da sua decadência, devido às variações que sofre, nas cidades” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.114).

Dissertando sobre o artesanato e as festas, ele já apontava a presença de uma dinâmica cultural, onde a festa se apresenta como fenômeno global que acaba por se adaptar às mudanças internas e externas devido à sua natureza mutante e à sua manutenção dentro de campo de interesses diversos. E assim as festas,

sintetizam, simbólica e materialmente, as mudanças dos povos que a fazem. Representam o estado atual de conflitos entre uma produção camponesa tradicional, que há não muito tempo foi uma economia de subsistência, centrada no núcleo doméstico, orientada pela lógica do valor de uso e a sua progressiva inserção no mercado capitalista. O enfraquecimento das estruturas e das suas cerimônias antigas, a substituição, complementação ou refuncionalização através de agentes ‘modernos’ são dramatizados na hibridez da festa (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.128).

Dessa forma, as mudanças nas danças e na decoração, a sua convivência com espetáculos e diversões urbanas, mostram “as imposições dos dominadores, ao mesmo tempo em que também são tentativas de reagir sobre elas, de vincular o passado às contradições do presente” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.128).

Segundo ainda o autor, a festa mostra uma função do econômico, do político, do religioso e do estético no processo de transformação-continuidade da cultura popular. Ele observa que

os rituais, a sua repetição, desaparecimento e inovação podem ser lidos como esforços voltados para uma intervenção no processo de remodelação das suas estruturas sociais, com o objetivo de manter uma regulação endógena da vida do povoado (Ocumicho) ou de reformá-lo para que se integre à ordem externa (o mercado nacional e o turismo em Janitzio) (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.128).

Uma das contribuições desse autor não é para pensarmos se o turismo é bom ou ruim, mas como implica nas culturas “tradicionais” e na realização das manifestações culturais.

García Canclini (1997) ainda observa que existem momentos em que atividades econômicas, como o turismo, agem nas relações da cultura, se rearticulam-se à situação relacional nos componentes do campo social, encarregando-se de provocar e movimentar as práticas culturais tradicionais, criando uma outra socialização.

O incremento do artesanato em países industrializados revela [...] que o progresso econômico moderno não implica eliminar as forças produtivas que não servem diretamente para a expansão se essas forças tornam coeso um setor numeroso e ainda satisfazem necessidades setoriais ou as de uma reprodução equilibrada do sistema. Ao contrário e de forma complementar, a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.238).

E complementa dizendo que “a reelaboração heterodoxa – mas autogestiva – das tradições pode ser fonte simultânea de prosperidade econômica e reafirmação simbólica” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 239). Para descrever melhor esse fenômeno, o autor propõe novas categorias que tentam explicar a complexidade das culturas na modernidade, categorias como a de culturas híbridas. Entendemos por hibridismo cultural o meio pelos quais aspectos da cultura se separam dos contextos em que são produzidos, configurando novas práticas na combinação com aspectos originados de outras culturas.

E por que trazemos aqui suas reflexões? Para nos ajudar a compreender a realidade vivenciada em Barra do Camaratuba, onde observamos que as manifestações populares, na grande maioria, foram realizadas pelos nativos e, no contexto atual, a prefeitura começa a organizar e a intervir ocasionando uma relativa mudança na realização da festa de São Pedro, o que ocasiona ressignificações e refuncionalizações, considerando também o período marcado pelo desenvolvimento da atividade turística.

Mas a contribuição maior que esse autor nos dá é no sentido de observarmos como a comunidade nativa e local, no caso formada por artesãos, como mostrou na sua pesquisa realizada no México e, no nosso caso formada por pescadores e brincantes<sup>14</sup>, percebem estes fatos. Argumentando que eles precisam participar

---

<sup>14</sup> Expressão usada para identificar as pessoas que fazem e participam das brincadeiras populares.

desse processo transformador, sendo sujeitos ativos na “produção, circulação e consumo” da cultura para que os impactos sejam amenizados, pois esta é a forma “para que a festa popular não se dissolva inteiramente num espetáculo, para que continue a ser centrada na vida comunitária, oferecendo um tempo e um espaço para a participação coletiva” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.134). Pois, “antes de tudo, a cultura popular é feita e desenvolvida por gente e deve-se manifestar interesse por essa gente, ouvindo o que tem a dizer, prestando atenção em suas explicações, naquilo em que acreditam essas pessoas, na sua maneira de ver o mundo” (AYALA, 2003, p.90).

Toda manifestação popular tem um sentido de acontecer, tem um significado próprio intrínseco à vivência coletiva de uma comunidade e, muitas vezes, as intervenções externas impossibilitam que sejam percebidos os motivos que as levam a acontecer. Assim como o artesanato e as festas analisados por Garcia Canclini, as brincadeiras e a festa de São Pedro de Barra do Camaratuba recebem um significado simbólico e material ou passam por uma resignificação e refuncionalização. É bem verdade que “todo objeto recebe o seu significado” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.94), mas importa sabermos como a comunidade interpreta esses novos e múltiplos significados.

A cultura popular relaciona-se à vida cotidiana (o trabalho, o lazer, a diversão) e constitui uma sociabilidade comunitária, onde o tempo do passado referente as brincadeiras será diferenciado do tempo presente por uma visão capitalista, “onde o costume é estabelecido” (THOMPSON, 1998, p.283). Desse modo,

[...] Todas as manifestações da cultura popular ocorrem no interior do sistema capitalista, deve-se encontrar uma maneira de compreendê-los juntos. A redefinição do que é hoje cultura popular requer uma estratégia de investigação que seja capaz de abranger tanto a produção quanto a circulação e o consumo (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.13).

Buscamos nos guiar a partir das leituras de autores, além dos já citados, como Maria Ignez e Marcos Ayala (2000, 1995) que, no livro *Cocos: alegria e devoção*, relatam um trabalho de pesquisa sobre as manifestações culturais, especificamente o coco de roda, em várias comunidades da Paraíba e, na obra *Cultura Popular no Brasil*, que contribuem para pensarmos a cultura popular como

viva, atuante e dinâmica. Essas leituras nos fazem compreender que, por mais que manifestações culturais vivenciem um contexto de transformações e assim algumas brincadeiras deixem de acontecer, não significa que a tradição “morra”, pois a “a cultura popular não morre, não necessita de injeções aqui, injeções lá. Se ela for, de fato popular, enquanto existir povo ela não vai morrer. Cultura popular é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer” (BOSI, 1997, p.44), e por sua vez, a memória torna-se a grande guardiã da tradição<sup>15</sup>. Isto pode ser percebido em Barra pela existência de manifestações que não acontecem mais como prática comum, mas que os mestres não cansam de pronunciá-las como um “o saber popular”, retomadas pela memória.

Dessa forma, seguimos os passos desses autores procurando não ver as manifestações da cultura popular como práticas isoladas, cristalizadas, imutáveis, pois se assim fizéssemos não as perceberíamos como parte de um contexto sociocultural historicamente determinado, que “as explica, por vezes torna possível sua existência e, ao se modificar, faz com que também aquelas práticas culturais se transformem” (AYALA; AYALA 1995, p.8). Esses autores afirmam que, com o processo de mudança das condições de vida e trabalho, alguns aspectos da cultura popular podem desaparecer, enquanto outros podem ser reelaborados, passando a responder às novas condições enfrentadas.

Tanto pode ocorrer uma adaptação ou sujeição às transformações quanto uma reaglutinação de elementos, antes difusos, em determinadas manifestações culturais, que passam a se configurar como formas de resistência à imposição de padrões culturais dominantes (AYALA; AYALA, 1995, p.40).

A cultura popular é dinâmica. Por isso, ao longo de qualquer desenvolvimento local de uma comunidade “tradicional”, recebe novos significados, ou seja, é ressignificada. Segundo Bosi (1997, p. 51), engana-se quem pensa, partindo de uma visão genérica da cultura popular, que esta seja muito homogênea e que diga sempre as mesmas coisas. Ela não designa um conjunto coerente e homogêneo de atividades, pois suas características são a heterogeneidade, ambigüidade, a contradição (AYALA; AYALA, 1995), assentada numa sociedade plural (AYALA, 2003). Dessa forma, na reprodução de suas manifestações populares e brincadeiras

---

<sup>15</sup> Cf. HALBWACHS (1990), BOSI (1999), GIDDENS (2003), ZUMTHOR (1997), entre outros.

deve haver o reconhecimento parcial do que elas desempenham numa trajetória social e cultural.

Também não podemos deixar de mencionar Oswaldo Xidieh, autor muito citado por Maria Ignez e Marcos Ayala assim como por Alfredo Bosi. Para Xidieh (1976), a cultura popular pode ser definida como um tipo de cultura criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura 'erudita', porém, mantida sua identidade, ou seja, a cultura popular pode ser pensada em movimento, como um processo dinâmico passível de transformações quando articulado a outros níveis de cultura. Esta é a definição de cultura que adotamos neste trabalho.

Nessa perspectiva, a tradição pode ser entendida como uma questão chave na cultura popular, pois também será compreendida num mesmo processo dinâmico de reelaboração, diferentemente de alguns folcloristas clássicos que a definem como algo imutável, pois,

a idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas (GIDDENS, 2003, p.51).

Encontramos em Bornheim (1997, p. 13-29) a explicação de que a palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire* e significa precipuamente "entregar"; designa o ato de passar algo para outra pessoa ou de passar de uma geração a outra geração. Nos dicionários refere-se ao conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e o dito é repassado na coletividade. Giddens (2003, p. 48) ainda acrescenta que a tradição

significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. *Tradere* foi originalmente usado no contexto do direito romano, em que se referia às leis da herança. Considerava-se que uma propriedade que passava de uma geração para outra era dada em confiança – o herdeiro tinha obrigação de protegê-la e promovê-la.

Segundo Bornheim (1997, p.18), a tradição é constituída através do elemento dito ou escrito quando algo é entregue, passado de geração em geração e, por sua vez, também ao se constituir, nos constitui, ou seja, ela faz parte da nossa vida.

Poderíamos pensar assim “a cultura como tradição” (BOSI,1997), percebendo-a na esfera da dinâmica cultural, em constante reelaboração, adquirindo sempre novos significados e, ao mesmo tempo, mantendo-se enquanto expressão popular que, mesmo “transformada”, tenta continuar como “agente de produção” e transmissão, quando está diante dos processos “hegemônicos” do capitalismo: o turismo.

Consideraremos também a conceituação do medievalista Paul Zumthor (1997) que revela a concepção de que a tradição é reelaborada atribuindo novos significados. Em seu livro *Tradição e esquecimento*, ele propõe que a tradição é dinâmica e processual, porque está acessível a negociações decorrentes das transformações histórico-sociais e, nesse processo, alguns elementos culturais podem ser esquecidos e outros reelaborados. Para ele, nenhuma tradição cultural é verdadeiramente fechada, no sentido de se cristalizar no tempo e no espaço. Tradição e memória estarão proximamente associados. Cabe então anteciparmos algumas conceituações sobre memória, para melhor compreendermos suas idéias.

Zumthor (1997, p.13) afirma que “a memória do grupo tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida”. Através da memória é reforçado o sentimento de pertencimento, que mantém a identidade do grupo, conferindo, assim, a “continuidade” da tradição. Para ele,

A memória coletiva luta contra a inércia do cotidiano, captura os fragmentos que sente significantes ou úteis, e trabalha por dinamizá-los, transformados em elementos de tradição. Assim isolados, centrados, funcionalizados, estes fragmentos mudam de natureza e esta mutação é o próprio resultado da seleção, a conseqüência de uma vontade do esquecimento (ZUMTHOR, 1997, p. 27).

A memória favorece a continuação de valores que compõem a tradição. Assim, ela atua como um elemento “preservador” da cultura, operando-se através da rejeição e seleção. Este é o papel seletivo e funcional da memória apontado por Zumthor (1997). Para ele, o esquecimento aparece em sua positividade como necessário para permitir a dinamicidade e, assim, a atualidade da memória. Algumas

coisas são esquecidas e outras são clarificadas, ou seja, o “lembrar” também implica em esquecer, e assim vai redefinindo tradições. Na lógica da tradição, a seletividade da memória pode ser percebida quando o “esquecimento implica um desejo latente. É dinâmico: rejeita, mas em vista de. Ele não anula, ele pole, apaga, e, por isto, clarifica o que deixa à lembrança, transformando-a em tipo, extraíndo daquilo que foi sua fragilidade temporal” (ZUMTHOR, 1997, p.15), ou aquilo que revela desnecessário ou que poderia prejudicar sua própria existência.

Enfim, para Zumthor (1997) uma tradição só continua existindo na proporção que se reelabora e se ressignifica, sendo um processo vivo e dinâmico de transmissão de saberes, nos quais alguns elementos são esquecidos, enquanto outros reelaborados. Sendo assim, ao “olharmos” para Barra do Camaratuba, torna-se necessário percebermos como os nativos, mestres e brincantes participam na produção e circulação das manifestações culturais ou, até que ponto resistem para reafirmar sua cultura contribuindo na sua transmissão. Nesse processo, perceberemos momentos de conflitos, em que o consentimento e a resistência são esferas embricadas para evidenciação da cultura e da identidade de um grupo social.

Concordamos que a tradição se reelabora e é reelaborada constantemente, mas também é uma “invenção”, segundo a perspectiva de Hobsbawn (1984). Dessa forma, fazemos também referência a ele, um dos autores de *A invenção das Tradições*<sup>16</sup>, que afirma que a “tradição é uma invenção” implicada em questões de interesses diversos de poder. Seu objetivo, ao conceituar a tradição como algo inventado, era desmascarar a construção da homogeneidade nacional, considerada por ele como ideologicamente fabricada, que critica o processo de invenção burguesa das tradições nacionais, principalmente na Inglaterra. O que seria isto? Para a teoria marxista, em voga na época, o Estado-nação era considerado uma invenção. Então Hobsbawn, adepto dessa linha teórica, propôs a se mostrar como o Estado-nação foi inventado, discutindo como é que, sobre formas de sociedades camponesas, de sub-diferentes classes sociais, criou-se a idéia de que as pessoas vivem num estado homogêneo e que compartilham a mesma cultura e história, ou seja, “como é que podemos dizer que somos todos brasileiros”.

---

<sup>16</sup> Esse livro foi escrito por Eric Hobsbawn em parceria com Terence Ranger, mas como usamos mais as reflexões dos textos iniciais, vamos nos referir com frequência a Hobsbawn, sem desmerecer que as contribuições de ambos foram fundamentais para o conjunto da obra.



Na tentativa de desconstruir essa idéia de homogeneidade, Hobsbawm (1984) mostra como tradições foram construídas. Assim afirma que os instrumentos, as práticas sociais, as idéias que a classe burguesa usou para construir a homogeneidade da Inglaterra, da França, do Brasil, deu-se com a “invenção das tradições” ou a “tradição inventada”, ou seja, para instituir a homogeneidade nacional, a camada e a elite burguesa, desses países, inventaram a idéia da nação e inventaram tradições que legitimassem essa idéia e, sutilmente, dominar o “povo”. Para esse autor, na medida em que há referência a um passado histórico, “as tradições inventadas” se caracterizam por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial, sendo reações a situações novas que, ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória.

Então, segundo Hobsbawm (1984), a tradição se refere sempre a algo inventado. Para explicar isto, ele mostra a diferença entre costume e tradição. Afirma que o costume é contínuo, cotidiano, característico da sociedade “tradicional” (as sociedades camponesas, pré-capitalistas); as pessoas não têm consciência de que estão vivendo dentro dele, ou seja, é inconsciente, é dinâmico, aberto a modificações pois é de sua natureza se transformar. Essa “tradição inventada”, por sua vez, é recortada do costume e congelada, comportando a obrigação de não mudar. Ela não pode mudar, ou seja, ela é conscientemente recortada da vida social e legitimada como tal, fixa idéias, é descontínua e existem os períodos em que ela é evidenciada, vivida apenas em grandes momentos rituais.

Para Hobsbawm (1984), a ‘tradição’, neste sentido, deve ser nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades “tradicionalistas”, ou seja, nas sociedades pré-capitalistas ou não industriais, nas quais o objetivo e a característica das tradições, inclusive das inventadas é a invariabilidade. Isto é, toda tradição quer ser invariável, não mudar, para dizer que o passado sempre se repetiu como é, pois, “o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas, tais como a repetição”. (HOBBSAWM, 1984, p.10). Foi justamente para criar uma realidade adequada para a burguesia que a tradição foi inventada, isto é, com o objetivo de legitimar o processo histórico para o seu próprio bem.

O costume teria nas sociedades “tradicionalistas” uma dupla função: de motor e volante, não impedindo as inovações, podendo mudar até certo ponto, e sua função seria a de dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a

legitimação da anterior, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. Na perspectiva de Hobsbawm (1984), o costume é o arranjo temporário do processo histórico de uma correlação de forças. Por isso ele sempre vai mudar. Enquanto a tradição quer ser invariável, o costume não. A este é permissível a mudança. Assim entendemos que o costume trata-se de uma correlação de forças históricas e a tradição é uma “arma” usada por determinados grupos como um instrumento para atender seus interesses, dentro dessa correlação que pretende manipular outros grupos ou fatos. O costume é o contexto histórico enquanto a tradição é o instrumento de luta nesse contexto.

Hobsbawm (1984, p.10), ainda afirma que,

A diferença entre ‘tradição’ e ‘costume’ fica bem clara. ‘Costume’ é o que fazem os juízes; tradição (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do costume inevitavelmente modifica a ‘tradição’ à qual ele geralmente está associado.

O que ele está mostrando é que o ato julgar e a posição que os juízes ocupam seriam, nessa ordem, o costume, mas, os instrumentos usados por ele tratar-se-iam de uma “tradição inventada”. Antes, todos os juízes tinham que usar uma peruca só porque era uma situação de auto *status* e concessão do rei, só que isso mudou, pois hoje para se obter um cargo de juiz deve-se passar por um concurso e o único que usa peruca é o nomeado pelo Presidente da República: são os juízes do supremo. Os demais não usam, ou seja, são retirados os elementos que davam a aura de diferença de juiz. Dessa forma, entendemos que o costume tem seus limites, mas sempre se transforma e, quando isto acontece, conseqüentemente, a tradição também muda, mesmo que esta tente manter aparência de imutável.

Não negamos a distinção feita por Hobsbawm (1984, p. 10) sobre costume e tradição, porém relevando algumas de suas diferenciações, vamos considerar estes conceitos como aparentemente semelhantes, pois estão proximamente associados. Noutras palavras, a tradição também é posta em certos momentos como um costume, pois dele se apropria a tradição e o legitima como tal. Concordamos com a idéia de que “tradições são inventadas”, em um dado momento da história por interesses de determinadas “classes”, mas também são reelaboradas, transformadas no conjunto da interação dos grupos sociais.

Na leitura da obra de Hobsbawm e Ranger (1984), percebemos uma crítica radical ao tipo de tradição construída pela burguesia, porém também temos que lembrar que a “tradição inventada” pode se dar por um grupo dominado, quando este a reelabora, criando e recriando outras tradições. Este seria um discurso contra-hegemônico.

As conceituações de Hobsbawm (1984) são importantes para o nosso trabalho em vários aspectos. Primeiro ajuda a pensarmos as relações criadas pelos diferentes grupos sociais. Barra do Camaratuba não é uma comunidade uniforme, e os nossos narradores fazem parte de um determinado grupo dentro de uma totalidade maior. Em segundo lugar, importa-nos a reflexão a partir da idéia de “invenção da tradição” nas festividades realizadas pela prefeitura, pois nos ajuda a compreender a realidade vivenciada no nosso campo de pesquisa, ou seja, a verificar a maneira como se dão as ressignificações e refuncionalizações das manifestações culturais, principalmente a festa de padroeiro, como já apontamos anteriormente.

Nesse sentido, concordamos com os vários autores que afirmam que tradições podem ser inventadas, mas também não devem ser vistas como genuínas e imutáveis, pois elas mudam. Apesar dos seus objetivos, ao serem criadas, buscarem apresentar “as coisas” como sempre foram. Assim dizemos que a tradição é “inventada” (HOBSBAWM; RANGER, 1984) “reinventada” (GIDDENS, 2003) e “reelaborada” (ZUMTHOR, 1997). Como acontece com a moda, pois se “olharmos” as roupas e os acessórios femininos da nossa atualidade, por exemplo, perceberemos um retorno da moda dos anos 70 e 80, e a mistura de vários estilos, que associados a outros, recebem significados diferentes do anterior, como o estilo do *hippie chique*, o uso de *saias balonesas* e rodadas, entre outras. E nesse cenário de dinâmica cultural, a responsável em trazer à tona “velhas tradições” e promover sua “circulação” é a memória.

Em Barra do Camaratuba, brincadeiras populares como o Boi de Reis, da lapinha, do coco de roda, entre outras manifestações culturais, têm, no componente da memória a percepção dos significados de sua tradição. Portanto, concordamos que “falar em cultura como tradição sem falar em memória é não tocar no nervo do assunto. A memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto da cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da história” (BOSI, 1997,

p.53). Isso considerando seu fator mutável de perpetuação. Assim, não podemos negar que os conceitos de memória e tradição estão estreitamente relacionados.

Dessa forma, trazemos aqui referências à memória, à cultura popular e à tradição porque podemos considerá-las como construções numa vivência coletiva. Nessa perspectiva de análise, foram fundamentais as conceituações de memória a partir de autores como Maurice Halbwachs (1990), entre outros referidos ao longo do trabalho, os quais nos ensinam sobre a importância do social na constituição da memória.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs publicou em 1925, *Lés Cadres Sociaux de La Mémoire*, obra em que faz uma análise das classes sociais através do estudo dos quadros sociais da memória (objetos de investigação). Em 1950, foi a vez de *A memória coletiva*, publicada postumamente. Na verdade seus livros trouxeram à tona a idéia do social na constituição da memória, refutando assim o pensamento vigente na época em que tomava esta como um fenômeno individual. Suas últimas análises abriram caminho para o estudo sociológico da vida quotidiana. Tornou-se, assim, o precursor no conceito de memória coletiva, destacando que toda a memória é estruturada em identidades de grupos.

Esse autor, no seu estudo de *Memórias Coletivas*, abordou primeiro uma associação entre memória e sociedade, apontando que a memória é fruto de interações sociais que ocorrem no presente, pois tudo o que nós lembramos do passado faz parte de construções coletivas do presente e, segundo, compreendeu a memória como ato de reconstrução, que nunca é idêntica a qualquer imagem do passado, mas há lugares da memória que podem ser estudados como formas de acesso ao passado, pois “qualquer sociedade, na medida em que existe, subsiste e toma conhecimento de si mesma, terá os traços que deixou de si mesma reconstruídas” (SANTOS, 1998, p.12). Ele foi um dos primeiros intelectuais do século XX a priorizar o estudo de imagens e a inserir em sua investigação dados arqueológicos, iconográficos e arquitetônicos, relacionando-os a testemunhos da época. Ao falar dos lugares da memória, seu estudo é capaz de tornar evidente que as marcas deixadas pelo passado não são tão imperceptíveis como muitos supõem.

As idéias de Halbwachs (1990) tiveram influência da escola sociológica francesa, mais especificamente a vertente durkheimiana, que compreende o indivíduo como produto de suas relações sociais. A análise que Halbwachs (1990) faz da memória se assemelha diretamente à inspiração de algumas idéias de Émile

Durkheim<sup>17</sup>, pois enquanto discípulo, a concepção de memória coletiva do sociólogo francês se construiu em concordância no que diz respeito à “consciência coletiva”: um produto cultural, social e histórico, um sistema com vida própria que estará difuso em toda a extensão da sociedade, que ligará gerações, ou seja, num sistema de representações coletivas de uma determinada sociedade. Assim a memória, na concepção de Halbwachs, opera na manutenção de uma consciência coletiva, no repasse para as gerações futuras dos saberes, valores e costumes da tradição engendrada na coletividade.

O foco central do pensamento teórico de Halbwachs (1990) gira em torno da idéia de que os indivíduos constroem suas memórias como membros de uma coletividade, utilizando-se obrigatoriamente de convenções sociais disponíveis, as quais estão relacionadas ao que ele chama de quadros sociais da memória. Estes são, por sua vez, os grupos e as instituições abarcados durante a vivência do indivíduo, incluindo-se assim o trabalho, a classe social, a família, a escola, entre outros, ou seja, quando este autor expõe a idéia desses quadros sociais, está considerando a presença do “outro genérico”, em nossa percepção da realidade, na construção da realidade individual e na constituição da identidade. Os quadros sociais da memória, para o sociólogo, não são constituídos pela combinação de lembranças individuais, nem mesmo de formas vazias, mas, ao contrário, “são os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes da sociedade” (HALBWACHS, 1990 apud SANTOS, 1998, p.7).

Myrian Sepúlveda dos Santos<sup>18</sup>, fazendo uma análise das obras de Halbwachs, principalmente sobre *Les Cadres Sociaux de La Mémoire*, aponta a idéia de que, apesar dele ter percebido que a reconstituição do passado era realizada por grupos sociais, procurou mostrar que a busca do sentido das construções coletivas deveria se localizar na investigação dos quadros sociais da memória, estruturas, para ele estáveis e capazes de se tornarem objetos de uma análise sistemática por parte do cientista social. Assim, Santos (1998) propõe que compreendamos esses múltiplos quadros em contínuo movimento e reestruturação, associando-os a

---

<sup>17</sup> Sociólogo francês considerado um dos maiores pensadores de sua época (séculos XIX e XX). Criou a escola sociológica francesa e foi o fundador da sociologia comparada e o pioneiro do uso rigoroso da indução nessa ciência.

<sup>18</sup> SANTOS, M. S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 1998.

possibilidades de mudanças, ou seja, pensá-los sempre em contínua transformação, diferentemente de Halbwachs, pois “há várias representações coletivas, conflitivas e em mudança, relativas a diferentes grupos, por meio das quais indivíduos se socializam e constituem suas identidades e memórias ao longo de suas vidas” (SANTOS, 1998, p.7).

Ainda sobre Halbwachs, para ele toda memória está proporcionalmente relacionada à sociedade. Para explicar isso, ele distinguiu duas memórias: uma pessoal (memória individual) e outra social (memória coletiva). A primeira apoiar-se-ia na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria mais ampla, representando o passado de forma resumida e esquemática. Para esse autor, a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p.81).

Halbwachs (1990, p. 51) explica que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que muda conforme o lugar que ali o indivíduo ocupa. Isto é, os indivíduos se lembram enquanto membros de um grupo, ou seja, sua expressão individual é determinada pela sua vivência grupal, pois “nossas memórias apóiam-se umas sobre as outras”. Assim, ele reconhece e admite tanto a memória individual quanto a coletiva como integrantes da vida social, no entanto, ocupando níveis diferentes. E ainda observa que,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dado ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990, p.34).

O autor demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referências nesta reconstrução que

chamamos memória. O depoimento vai ter sentido em relação ao grupo do qual faz parte, pois supõe-se um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam.

Dessa forma, as lembranças seriam reconstruídas a partir de uma conjunção de elementos dados ou noções comuns de uma determinada sociedade. Seguindo sua tese, nossas lembranças sempre estarão contidas na de outros, ou seja, elas são resultado do convívio do indivíduo com outros. Ele afirma que a memória é coletiva porque todos nós só nos lembramos enquanto membros de uma coletividade, tornando-nos capazes de lembrar somente pela presença ou pela evocação. Aqui ele aponta a importância do outro para o processo da constituição da memória no indivíduo, ou seja, a própria rememoração. Pois, se nossas “lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratem de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

As lembranças do passado retornam ao presente passando necessariamente por um processo construtivo, onde o indivíduo reelabora suas lembranças a partir dos dados presentes de seu entorno social. Assim, a memória vai se apresentar sempre baseada em representações da sociedade, devidamente atualizadas. Assim também, podemos apontar outro fator importante para a duração da memória que é o espaço onde o indivíduo está inserido, pois, como afirma Halbwachs (1990, p.136), “quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, não somente seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores”, ou seja, se a memória coletiva trata-se da representação de uma realidade social, a qual também muda, a menor alteração do meio social também atingirá a memória, fazendo com que esta se transforme.

Dessa forma, adotamos sua perspectiva de análise que põe a memória como ato de reconstrução do passado, categoricamente reelaborada no presente, onde o individual e o coletivo não se confundem, mas se fundam para constituir uma história, pois através dela poderemos perceber os processos de mudanças inerentes à vida e às práticas culturais vivenciadas pelos indivíduos de Barra do Camaratuba

e, assim, descrevemos as histórias que permeiam as brincadeiras populares do passado, para compreendê-las posteriormente com dados do presente.



### 3 CONTANDO HISTÓRIAS, TECENDO MEMÓRIAS

Contar histórias de um lugar nos conduz a expor um saber único dos nativos ou mesmo daqueles que, de alguma forma, compartilharam de uma coletividade de trabalho e diversão, vivenciaram e participavam ou participam das brincadeiras, das conversas na caiçara dos pescadores, do trabalho no rio e no mar, as pescarias, as festas aos santos, a chegada da energia elétrica, da água encanada, de outros vindos de ‘fora’, da construção de novas casas e do crescimento populacional, assim como das transformações socioculturais.

Mas antes de contar é preciso ouvir as “vozes da memória” que trazem no seu discurso a vivência comunitária do brincar, do dançar, da devoção ao santo São Pedro, elementos estes que compõem os elementos da tradição local.

Os caminhos traçados, ao longo da pesquisa de campo, procuraram reconstruir uma história ‘tecida’ pela memória. A cada ida a campo, nossos olhos e ouvidos registraram gestos, fatos e falas, que faziam surgir novos elementos os quais foram repensados e analisados, aqui, minuciosamente como um tear<sup>19</sup>.

Entendemos que a memória torna-se fundamental para pensarmos histórias de vida e delas compreendermos a cultura popular de um lugar, a qual deve ser entendida como forma de cultura específica que está inserida em outras formas de cultura, na dinâmica do processo social.

Portanto, apresentamos nesse capítulo a história contada a partir das narrativas dos entrevistados.

Dar voz aos nativos ou aos que vivenciaram o “crescimento” local é considerá-los representativos de uma memória coletiva. Aqui a memória pode ser compreendida pelo seu caráter de reconstituição. Nesse sentido, perceberemos na “reconstrução da memória” que

[...] uma lembrança não pára de evoluir. Isso ocorre porque primeiro durante a vida nossas lembranças fluidas, incompletas, somam-se às lembranças dos outros; segundo, nós mudamos, pois mudou o lugar que ocupamos no grupo devido à própria dinamicidade do tempo, e terceiro, os grupos dos quais fazemos parte nas diversas épocas não são genuinamente mais os mesmos, e é do ponto de vista deles que

---

<sup>19</sup> No dicionário Aurélio a palavra tear significa aparelho de tecer os fios da teia, urdir.

consideramos o passado. É assim que no momento em que a pessoa rememora, ela, com ajuda de membros de seu grupo, segundo dados do presente, monta um quadro [social] que de modo algum traz o passado exatamente como foi (HALBWACHS apud CHAGAS 2004, p. 36).

Ecléa Bosi (1994, p.55) afirma que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. Concordamos que o “reviver” da memória nunca apresenta os fatos da forma exata, ou seja fiel à maneira exata dos acontecimentos, devido à dicotomia do tempo vivido. No entanto, mesmo que o tempo seja outro, não podemos negar que as narrativas dos cantadores, tocadores, pescadores, assim como outros, de Barra do Camaratuba, carregam uma subjetividade, refletida muitas vezes nas suas expressões de riso. Quando perguntamos algo relacionado à sua própria história, denunciam um “viver de novo”. Como reforça Lucio (2001, p.127), ao analisar um relato pessoal de um cantador de coco.

Sabemos que é impossível reviver o passado, a lembrança de coisas que aconteceram num tempo distante não nos faz reviver os mesmos sentimentos e emoções – o tempo é outro, nós somos outros. Mas quando escuto as histórias de Joventino não consigo afastar a idéia de que, para ele, lembrar e narrar as noites de brincadeira de coco é viver de novo, através dos versos e da dança. Narrado e vivido se misturam. Revive-se através da criação, pela invenção. Lembrar/cantar os cocos é um refazer ou re-sentir momentos vividos.

Se as lembranças são reconstruções do passado a partir dos dados do presente, então, é importante perceber que é na memória que compreenderemos a história do lugar e das manifestações culturais, partindo da interpretação dos sujeitos que vivenciaram, importando-nos a ‘verdade’ daqueles que “acumularam, durante todo o viver, experiências que, por sua vez, lhe conferem autoridade para falar, para narrar” (CHAGAS, 2004, p. 38).

Os relatos orais possibilitaram a descrição da sociabilidade comunitária de um tempo em que a falta de energia proporcionava momentos para tocar um ganzá, bater um *zabumba*<sup>20</sup> dançar sem hora para acabar, ou mesmo, prostrar, contar e cantar versos seja nas ruas, nas casas dos compadres ou na caiçara dos pescadores. Tornou-se importante registrar essas narrativas, pois elas “são portadoras de olhares que tendem a fugir dos estereótipos e das versões que já

---

<sup>20</sup> Em algumas narrativas os termos referentes a este instrumento variam, podendo ser chamado de bumbo ou bumba.

foram estabelecidas” (CABRAL, 2003, p.33), podendo ser percebidas não somente a subjetividade do interlocutor, mas também suas hesitações.

A partir das narrativas coletadas sobre o passado, permitimos-nos compreender o sentido da vida coletiva de uma história social e cultural, assim como os diferentes depoimentos nos permitem uma melhor reconstrução da realidade estudada e “a aproximação entre memória e história representa um apoio essencial à compreensão do panorama social estudado” (JUCÁ, 2003, p. 37).

Como afirma Santos (1998, p. 11),

A imagem lembrada é sempre uma criação do presente, há sempre uma distância entre a imagem construída sobre o passado – em gestos, pensamentos ou ações – e o passado, embora este último não seja ausente da imagem do presente.

Para tanto, se o tempo da memória, o lembrar, é permutado constantemente pelo passado e o presente, torna-se relevante descrevermos aqui a história construída a partir de uma visão de mundo dos sujeitos que detêm uma experiência de vida própria.

Procuramos, nas transcrições das narrativas, mantermos-nos os mais fiéis possíveis à fala do entrevistado, sendo necessário, em alguns casos, ocultar alguns trechos e substituí-los por parênteses com reticências, quando considerados desnecessários ou quando por situações de conflitos internos, percebíamos que tais narrativas pudessem gerar algum problema para os autores dos discursos. Claro que essa fidelidade à fala, também carrega interpretações do próprio pesquisador, como afirma Edith Bacalhaó, baseada em Queiroz (1988),

Na passagem do relato oral para a escrita, instala-se um “indivíduo intermediário” entre o narrador e ouvinte. Este intermediário por mais que tente ser fiel ao relato do narrador, sempre terá uma nova interpretação do que se foi relatado. Portanto, o pesquisador deverá ter atenção de conservar de forma mais fidedigna e precisa a linguagem do narrador (BACALHAÓ, 2000, p.18).

É, portanto, fundamental o uso de algumas convenções (uso de pontuações), técnicas de transcrição de narrativas, as quais aprendemos desde o tempo que participava das discussões no Laboratório de Estudos da Oralidade<sup>21</sup> e adaptamos conforme nossa realidade de campo. Através das pontuações buscamos evidenciar

---

<sup>21</sup> LEO - Grupo de estudo da UFPB.

as pausas ou o silêncio usando reticências sem parênteses e as reticências entre parênteses (...) foram usadas para marcarmos as interrupções. Colocamos entre [colchetes] algumas das nossas observações, quando achávamos pertinente um esclarecimento para contextualização do texto. Em alguns casos também se fez necessário deixarmos a pergunta do pesquisador, destacada em **negrito**, e as cantigas apresentadas no decorrer do texto em *itálico*. E, quando achávamos pertinente destacar algo na fala do sujeito narrador, usamos o sublinhado. Por fim, escolhemos deixar as narrativas formatadas com o estilo de letras *Comic Sans MS*, fonte 12, evidenciando a importância que damos à fala do outro, o narrador, neste trabalho.

### 3.1 O campo e suas histórias

#### 3.1.1 Os narradores

Percorrendo as ruas de Barra<sup>22</sup>, conhecemos homens e mulheres, devotos de São Pedro - o padroeiro dos pescadores – que trabalham, cantam, dançam e contam histórias e que nos levaram ao conhecimento de sua subjetividade, processada pelo tempo da memória.

Para escrevermos essa história, não podemos deixar de fazer referência a pessoas<sup>23</sup> como seu Tota Madeiro, considerado por todos o patriarca do lugar por ter legalizado terras, a casa de farinha e construído a Igreja São Pedro, ainda a única na comunidade. Ele teve cinco filhos, em dois casamentos. Do segundo casamento com dona Maria Padilha, nasceu Mãe Santa. Depois da morte de seu pai, Mãe Santa única nativa possuidora de uma casa à beira-mar, ficou responsável pelo cuidado com a igreja, a casa de farinha, o cartório eleitoral, assim como pelo gerenciamento de algumas propriedades deixadas por seu pai<sup>24</sup>. E dona Maria Padilha, mãe de Mãe Santa, falecida ano passado, de quem tive o prazer de ouvir histórias do ‘desenvolvimento’ local, das festas e do seu marido, Tota Madeiro, de

---

<sup>22</sup> Ver Anexo C - Registros Fotográficos.

<sup>23</sup> Ver em Anexo B – Notas, a biografia completa dos moradores.

<sup>24</sup> Cf. MONTEIRO (2003).

quem lembrava com saudades. Seus gestos e o brilho nos olhos revelavam um retorno às lembranças do tempo passado.

Estas foram as primeiras pessoas da comunidade que conhecemos. Através delas ficamos sabendo quem mais poderíamos procurar. Então seguimos em busca dos “narradores” daquele lugar. Fomos caminhar pelas ruas, observar e conhecer o nosso campo. Quando chegamos na Boca da Barra (fig.1), vimos um homem num *bote*<sup>25</sup> à beira do rio (fig. 2). Era Toro, pescador e presidente da colônia dos pescadores. Ele nos apresentou as belezas e a diversidade dos recursos naturais do “lugar”. Levou-nos a conhecer os percursos do rio Camaratuba, o manguezal, as falésias e muitas histórias, principalmente as que discursavam sobre trabalho, pesca e a atividade turística. Nas primeiras conversas podíamos perceber que ele se tratava de um líder comunitário, devido ao seu discurso “político” e participativo.



Figura 1 – Boca da Barra no período de carnaval  
Fonte: Jornal Vale Notícias, Fev. 2002.



Figura 2 – Rio Camaratuba, manguezal e o barco a motor de Toro  
Fonte: Gekbede Silva, em 04/01/2001.

Aos poucos foi nos apresentando sua família e indicando pessoas com quem poderíamos conversar. Através dele conhecemos dona Maria José, sua sogra, mulher nascida e criada em Barra, que aprendeu com os mais velhos a cantar e dançar lapinha. Uma senhora tímida que resistiu inicialmente a ter nossas conversas gravadas e sempre fugia quando pedíamos para fotografá-la.

Depois conhecemos Angelita, esposa de Toro e Angélica sua filha. E, ao longo da pesquisa, fomos conhecendo mestres de pesca como seu Moisés Coelho, Manuel Madeiro entre outros pescadores como seu Antônio Amaro, conhecido como Antonio da Arraia, João Cândido, Menininho, Soca, Agripino, Manuel Aragão, Antônio Caboclo. Tivemos o prazer de conhecer o pescador e artista Belezal, falecido em 2002, mas com quem ainda dialogamos sobre do turismo local. Durante

---

<sup>25</sup> O único barco a motor que encontramos na comunidade.

as conversas, ele sempre mostrava algumas expectativas de desenvolvimento local através dessa atividade. E conhecemos também pessoas que tinham uma experiência de vida construída e relacionada às brincadeiras populares, entre elas dona Rita Branca, Carminha, Neves, Liquinha, dona Suna, Tereza, Alice, Antônio Careca, e outros como Maria das Dores, Nezita, Alexandre, Moça, seu Olegário<sup>26</sup>, ex-pescador, poeta que sempre tinha um verso pra recitar, entre tantos outros que contribuíram com seus discursos para a construção deste trabalho. Também não podemos deixar de citar seu Eptácio, falecido recentemente, ex-pescador considerado por todos como o “mestre” na arte de puxar o coco de roda, com quem conversamos meses antes do seu falecimento.

A partir dos diálogos com alguns destes narradores, principalmente os mais “antigos”, soubemos que a comunidade se originou, num primeiro momento, com a chegada dos portugueses, vindos nas grandes embarcações, e pelos indígenas, vindos dos povoados vizinhos da Baía da Traição. Esses narradores contam que o lugar foi originalmente formado pelas famílias: Madeiro, a família Brasilino, família Costa e dos Coelhos. A família dos Madeiro é uma das maiores e considerada genitora no processo de formação e fundação. Foram os Madeiro que venderam os “melhores terrenos, sobre pequenas dunas, para a burguesia da ‘cidade’, que ali foi construindo, aos poucos, as suas casas de veraneio, e uma pousada relativamente grande luxuosa: os seus centros de lazer extra-urbanos” (CIACCHI et al. 2002, p. 3).

*Olha, existe a família Madeiro, a família Brasilino, mas que um sangue só, porque é parente (...) O lugar é formado por uma só família, que é família Madeiro (Mãe Santa, E1 em 09/02/2001<sup>27</sup>).*

Aos poucos, foram chegando outros pescadores, atraídos pelas pescarias na costa paraibana, assim como outros trazidos para trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, como veremos a seguir.

---

<sup>26</sup> Para mais detalhes sobre os nossos narradores, veja os anexos onde desenvolvemos uma biografia sobre alguns, para um melhor conhecimento do leitor.

<sup>27</sup> Considerando o caráter das informações das entrevistas, apresentaremos aqui narrativas realizadas num primeiro momento de pesquisa, período de 2001 a 2003, quando dividia o campo com mais três colegas de curso, e um outro, no período de 2005 a 2006 quando retomamos a discussão. Em anexos consta um “quadro de viagens” com as datas que estivemos em campo.

### 3.1.2 O lugar

Partindo deste pressuposto, a história de Barra do Camaratuba pode ser dividida em momentos de ruptura ou de esfacelamento nos modos de vida comunitária. O primeiro momento acontece em meados dos anos 60 e 70, uma época em que percebemos uma relativa migração, com a chegada de outros moradores, atraídos pelas oportunidades de emprego na lavoura da cana-de-açúcar, nas várzeas do rio e no minério na praia em direção norte.

Foi uma época, em que os moradores vivenciaram, de uma forma mais efetiva, experiências individuais e coletivas relacionadas com brincadeiras populares como o Boi de Reis, a Lapinha, o Pastoril, o João Redondo, a Cantiga de Viola e o Coco de Roda.

O segundo momento é marcado nos anos 80, pela construção de novas casas<sup>28</sup> e a chegada da energia elétrica e, com ela, a televisão. Conta-se que, isolada geograficamente e com poucos residentes, sem infra-estrutura, as pessoas viviam como podiam e trabalhavam para sua própria subsistência. Passaram por grandes dificuldades, sem água encanada, precisando andar andavam vários quilômetros para puxar água de um poço (fig. 3) ou do rio Camaratuba, a energia elétrica só chegou em 1986; e, além disso, só existia uma rua coberta de areia impossibilitando a entrada de carros. Alguns moradores lembram bem desse tempo.



Figura 3 – Poço na comunidade  
Fonte: Gekbede Silva, em  
23/06/2005.

Nasci aqui (...) até os vinte anos aqui era tudo no escuro, não existia energia, não tinha água encanada, né! É, até os vinte anos a gente nada disso tinha... na rua principal não passava nem carro, porque era um *areano* tão grande entre essa rua principal. Era! Quando foi em 81 pra 82 foi que o prefeito de Mataraca botou o barro (...) Era tudo areia. Não entrava carro na rua não (...). Puxava água de um poço, em 82 perfuraram o poço e daí puxavam água do poço, foi perfurado o poço (...). A luz chegou parece que foi em 86... não tinha essas ruas que existe agora não. Tinha somente essa rua aqui de frente, a rua principal e uma parte, a rua aqui do meio, essa rua do meio e não era em toda, era pequena a rua. A outra rua não tinha, nem a outra, são quatro ruas (Mãe Santa, E32 em 19/02/02).

<sup>28</sup> Ver Anexo C - Registros Fotográficos.

Até vinte e sete anos de idade, a gente aqui era no escuro, não tinha energia, não tinha geladeira, não tinha nada, não tinha água encanada, a gente ia carregar água lá no olheiro, acho que vocês até passaram lá. Lá tem um olheiruzinho, e o cacimbão aqui da rua que foi feito em 1960, por seu Fernandes de Mamanguape, ele que fez a procuração. Porque e antes aqui pertencia a Mamanguape, antes de Mataraca ser município. Aí pertencia a Mamanguape. Aí pra todo o povoado era todo pequeno, num era como agora. Que agora tem quatro ruas e mesmo assim as casas eram tudo de palha, tinha umas duas ou três casas, muitas poucas casas. Eu sei que a água do cacimbão era pra lavar roupa, pra lavar prato e tomar banho. E pra beber e cozinhar era do olheiro, lá pro Roncador que era onde papai trabalhava [serviço na agricultura]. Não entrava nenhum carro na rua, há cinco anos atrás não entrava nenhum carro, era só areia, era um areno só que nem um carro entrava. Era uma dificuldade tão grande que só Deus vendo. Mamãe contava que muita mulher sofria e morria de parto, era!? Pra você ver como a dificuldade de Barra era difícil (Mãe Santa, caderno de campo em 07/06/2003).

(...) aqui era um lugar calmo, não tinha água, água, sabe... carregar lá de uma casinha que tem sabe? Muito longe daqui, dá quase uns dois quilômetros pra chegar, lá a mulher carregando na cabeça pra cima... rodagem não tinha, né? Era tudo no grosso mesmo, não tinha nada aqui nesse lugar, e de lá pra cá eu vinha de pescaria que eu tinha, nessa época eu tinha três barcos bom de pesca..." (Toro, E44 em 29/05/2002).

Quando eu cheguei pra'qui não tinha luz, não tinha água, a água gente pegava num cacimbão, né (...) O pessoal pegava água lá. Todo mundo da rua pegava água lá. Só tinha lá mesmo pra buscar água, não tinha outro canto né. Todo mundo da rua pegava água lá. Só tinha lá mesmo pra buscar água, não tinha outro canto né. Então foi se modificando é... veio na campanha de João Madruga, que ganhou aqui, o pessoal diz né, que nessa época nem votava, fez uma caixa da água, fez uma caixa d'agua, botou água encanada na rua. Já foi uma



boa, né? Com o tempo veio a energia, botou energia (Belezal, E22 em 19/01/2002).

(...) Rua? Rua só tinha mesmo só duas. No meu tempo eram duas ruazinhas ali na frente. Mas depois... (Maria José, E48 em 23/06/2005).

(...) uma mata só naquela outra rua, rapidinho, num piscar de olhos derrubaram tudo, encheram de casa... (Maria dos Navegantes, E34 em 19/02/2002).

Quando nós chegamos aqui não tinha nada. A energia chegou em 80(...) Há muito tempo atrás não tinha nada, só tinha parente da gente (Liquinha, E52 em 28/06/2005).

A única igreja da localidade (fig. 4) foi construída por seu Tota Madeiro e seu irmão Zé Madeiro, no ano de 1986. Pessoas religiosas rezavam o terço todas as noites. A celebração da missa, das novenas eram consideradas uma tradição de cunho religioso e também uma das diversões.



Figura 4 - Igreja de São Pedro  
Fonte: Gekbede Silva, em 07/06/2003

O que a gente mais ia todas as noites era pro terço. Papai rezava o terço diariamente. Primeiro a gente rezava o terço na casa da minha avó até os quinze anos de idade. Quando tinha quinze anos a minha avó morreu e papai passou a rezar o terço em casa, depois com um tempo ele construiu a igreja em 1986, ele e titio Zé Madeiro. Aí a gente passou a ficar rezando o terço na igreja. (...) A nossa confissão era assim, no tempo não tinha igreja, mas todas as noites chovesse, fizesse sol e nesse tempo não tinha energia a gente ia rezar o terço na casa da minha avó. Ia todo mundo. Ele fazia uns travesseiro deste tamanhinho aqui pra a gente se ajoelhar, tirava o terço todinho de joelho e ninguém cansava não, por quê? Porque já era acostumada, agora eu vá agora me ajoelhar não passo dois minutos, nunca mais me ajoelhei. (risos) Mas com os travesseirinhos ajoelhava (Mãe Santa, E45 em 29/05/2002).

Cada mês era dedicado a um santo,

Quando chegava o mês de março que era o mês de São José, rezava o mês todinho de São José, a coroinha São José, o terço São José. Depois passava abril, chegava maio, mas só que esse terço era diariamente. Só que tinha os meses pronto, assim: São José, mês de maio agora mês de Maria né? O mês de junho que era mês consagrado ao coração de Jesus. É o mês consagrado a Jesus. Papai rezava o terço e rezava o mês do coração de Jesus. No primeiro de junho começava a se rezar a trezena de Santo Antônio que vai até o dia treze. E quando era no dia do santo fazia as procissões, como até hoje a gente faz, eu ainda faço. Tem o São João, tinha São Pedro, a gente faz a procissão do São Pedro, aí vem o mês de julho, agosto, setembro que é o mês da Bíblia... outubro era o mês do Rosário, rezava três terços. Sim, rezava os três terços contínuo, né. Mas a gente durante o mês de Rosário ele fazia a gente rezar os três terços durante o dia. Durante o dia nós tinha que rezar dois terços durante o dia, de noite fazia mais três, dava pra completar o rosário que são o mês de novembro, o mês das almas. Ele tinha um livrinho que rezava todas as orações e assim, nossa vida foi assim (Mãe Santa, E49 em 23/06/2005).

Aos poucos foram construindo novas ruas, novas casas, realizando novos trabalhos, constituindo novos hábitos e foram congregando novos sujeitos que parecem romper com a sociabilidade comunitária, baseada em relações de compadrio e parentesco, antes existente. Como a população era praticamente formada, inicialmente, por quatro famílias, todos se conheciam através das várias práticas comunitárias: de trabalho – como a pesca artesanal no rio e o mar, o trabalho no roçado e as farinhadas na casa de farinha<sup>29</sup>; de diversão e lazer – como as brincadeiras populares e o banho no rio Camaratuba. Ainda podia-se brincar e dançar lapinha, pastoril, coco de roda, entre outras diversões nas ruas.

O terceiro momento nos anos 90 é caracterizado pela chegada de uma outra “onda” de novos sujeitos, uma época marcada pelas divisões e conflitos de terra. Muitos venderam suas terras para pessoas de fora que construíram pousadas e

---

<sup>29</sup> Ver Anexo C - Registros Fotográficos.

casas de veraneio à beira-mar. Famílias dividindo suas terras, outros se apropriando e vendendo para pessoas de fora. Esse fato é relatado nos discursos de dona Maria Padilha que, ao descrever como eram as casas no seu tempo de juventude, enfatiza a recente construção das casas de veranistas (fig. 5)



Figura 5 – Casas de veraneio  
Fonte: Gekbede Silva, em 22/06/2005

Tinha não (...) essas casas começou de um ano desse pra cá. Quando eu me casei com Tota, quando eu vim pra cá que me casei com ele eu (...) aqui só tinha duas casas de telha, somente casa de telha, as outras era tudo chalezinho arroxado, de palha e coberto de palha e a porta de palha... Só tinha a casa do meu sogro coberta de telha e de um outro velho, seu Miguel de Piá, e seu Coronel, tio de Tota, que era Manuel Soares da Costa, mas chamava ele coroné (Maria Padilha, E2 em 09/02/01).

As ruas aumentaram e, aos poucos, a comunidade foi crescendo, primo casando com primo e assim formando outras famílias. Além das famílias que moravam na Barra, pessoas de diversos estados e cidades vizinhas, principalmente turistas, vieram do Rio Grande do Norte e de outros municípios vizinhos.

(...) O pessoal vem, chega, gosta e acha bonito e aí já vem comprar um terreno. Aí, é atrás de um terreno, traz uma família, traz um irmão uma irmã, traz a mulher, já vem um amigo, já gosta também. Pronto através disso aí um amigo meu já fez uma casa, já vem outro, já veio outro, de Natal. Já fez outro, vizinho. Comprou um terreno vizinho. Já fez. Então quando você chegar aqui já tem mais gente. E com isso aí isso aqui tá se movimentando (Toro, E19 em 19/01/2002).

São pessoas de vários lugares que vêm, uns já têm casa, mas a gente quase nem vê, as casas são quase sempre alugadas para veraneio mesmo... (Maria dos Navegantes, E46 em 29/05/2002).

Vinham muitas pessoas pra cá, daqui mesmo do Rio Grande do Norte, o turista mais é daqui, do Rio Grande do Norte. É Pipa, Baía Formosa, Tibau do Sul (Toro, E58 em 28/12/2005).

É, eu vim pra aqui em, faz vinte anos que eu tô aqui. Vinte anos que eu tô em Barra do Camaratuba. Então eu gostei daqui, fiz esse trabalho aqui. Montei uma barraca aqui na Boca da Barra (...) Eu cheguei aqui, não sou daqui, sou pernambucano, vim pra qui, gostei daqui e eu tô aqui... (Belezal, E22 em 19/01/2002).

O quarto momento pode ser percebido a partir do ano 2000, quando a comunidade começa a ser pensada, de forma efetiva, como um atrativo turístico e, com isto, atraindo mais pessoas e empresários para o lugar. Em 2001, presenciamos a chegada de oitenta homens de vários estados para trabalhar na MILLENNIUM (uma mineradora que passou em 2005 a chamar LYONDELL Chemical Company), que alugaram casas dos moradores e ficaram residindo por seis meses, enquanto montavam um *draga* para a mineradora. E mais recentemente, a venda de terrenos para estrangeiros, empresários de Pipa e donos de pousada.

Com o crescimento populacional, aumento do número das casas, a chegada de energia elétrica e, com ela, a televisão, e a existência de duas vias de acesso ligadas à BR-101, a comunidade compõe na atualidade, um panorama diferenciado do anterior, principalmente nas esferas culturais.

### 3.1.3. Os espaços “coletivos”

Barra do Camaratuba tem representado outros tantos cenários, nos seus espaços, delimitados entre o mangue e o rio (fig. 6), as casas de veraneio, o mar, podendo ser ainda percebíveis “outros” espaços como os coqueirais e a caiçara dos pescadores.

Figura 6 - O mangue, o rio Camaratuba e a Boca da Barra nos anos 90, antes da construção das palhoças comerciais. À esquerda (da foto) desmatamento ao manguezal.

Fonte: Revista Vivernordeste, out./nov., 2005, p. 22. [adaptações nossa]



O **mangue** corresponde a uma extensão de 74,80 hectares de área preservada como Parque Municipal Eco-Turístico<sup>30</sup>. Contam alguns moradores, que ele era sua única fonte de subsistência, de onde eles retiravam madeiras para construção de casas, portas e materiais de pesca, até os anos 70. Atualmente, depois da oficialização do Parque Municipal, sua utilidade é para pesca de crustáceos e seu percurso alinhado ao rio Camaratuba, uma beleza exuberante, propício a passeios turísticos, constituindo uma área de uso e de benefício, mas também o espaço onde percebemos impactos ambientais ligados a carcinicultura<sup>31</sup>.

**As casas de veraneio** foram construídas há mais ou menos uns dez anos, “roubando” da comunidade a vista e a brisa do mar, deixando a comunidade recuada ou, poderia dizer, dividida em espaços diferenciados – os nativos e os veranistas. Vale ressaltar que nessa faixa de território mora uma única família, herdeira de nativos. Trata-se da casa de Mãe Santa, hoje reformada, para ampliação da Pousada e Bar Brisa-Mar.

O cenário da comunidade é praticamente constituído pela paisagem de **coqueirais**<sup>32</sup> entre as casas e as ruas. Os moradores contam que, na década de 40, o lugar era coberto por uma vegetação de mata atlântica, tão exuberante que chovia todos os dias. Havia uma consciência e organização entre eles de preservação do caranguejo como forma de promover uma produção para subsistência. Aos poucos, os coqueirais foram substituindo a mata nativa; em cada coqueiro plantado existe um símbolo marcando a posse daquele espaço e o domínio do possuidor.

Podemos fazer referência também ao **rio Camaratuba**, que traça os limites da comunidade de pescadores com as comunidades indígenas. O rio, assim como o mar, pode ser identificado como espaço de trabalho e lazer e, em alguns momentos, até era preferível por pescadores, como podemos conferir nessa narrativa,

*Eu pescava de tarrafa muitas vezes, muitas vezes eu pesquei, muitas vezes mermo. Até, até as pescaria que eu pesquei na maré faz muito tempo já. Mas fiquei pescando no rio, né. Que no rio aqui... a coisa é mais maneira, né. Mais*

---

<sup>30</sup> Lei Complementar nº 001/98. Ver anexos.

<sup>31</sup> Cf. SILVA (2003), MONTEIRO (2003) e REGO (2004).

<sup>32</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

fácil. Mas pesquei. Pescava... (Manuel Madeiro, E7 em 10/04/2005).

Torna-se impossível falar no rio Camaratuba, sem citar a **Boca da Barra**, conhecida assim devido ao encontro do rio com o mar. Uma área da praia que antes era só ocupada pelos nativos e pescadores e alguns surfistas, começou no final dos anos 90 a atrair turistas e, tornando-se o cartão postal do local e, atualmente, o espaço de maior concentração turística na comunidade. Alguns pescadores, na tentativa de atingir melhores condições de vida, transformaram suas caixas de guardar o material de pesca, em palhoças comerciais, vendendo bebidas e peixes aos 'visitantes'. A Boca da Barra, com os seus contrastes e modificações, oculta histórias de conflitos de terra<sup>33</sup>, trabalho e lazer, pouco percebida pelos visitantes e muito presente no dia-a-dia dos moradores.

**O mar** em Barra do Camaratuba, mesmo constituindo “um dos recursos naturais de que se vale parte significativa das populações litorâneas” (PAIVA, 1997, p.33), é de pouco interesse turístico para banhistas e, ao mesmo tempo muito procurado pelos surfistas, devido às suas ondas fortes e altas. Representa uma área onde alguns membros da comunidade costeira, como os “mestres” de pesca, são depositários de um maior conhecimento sobre a área natural. Eles são conhecedores dos “segredos da marcação” (MALDONADO, 1994; REGO, 2004) que, mesmo tendo que enfrentar uma pescaria “difícil” com botes pequenos, desafiam as ondas desse mar (fig. 7).



Figura 7 – Pescador entrando no mar de Barra do Camaratuba  
Fonte: André G. Rego, 2002.

Segundo Paiva (1997, p. 33), a existência do mar, para determinadas populações, consiste numa fonte de produção de bens de consumo, necessários à manutenção das famílias que por perto habitam, além de tantas outras importâncias.

---

<sup>33</sup> Estes fatos foram analisados e estudados por Monteiro (2003). Entre eles se encontram disputas e divisão por terra entre familiares, invasão na área da marinha, desmatamento do mangue, e criação de um viveiro de camarão entre outros.

**A caiçara dos pescadores**, também chamada de **palhoça**<sup>34</sup>, é o local que os pescadores usavam para remendar suas redes, falar sobre a pesca, mas também onde dançavam, cantavam, reunindo toda a comunidade em “grandes” festas, agrupando-se num mesmo espaço trabalho e lazer (diversão). Como afirma Cascudo (2002) “a caiçara é o lugar de reunião de excelência dos pescadores”.

As caiçaras dos pescadores a que me refiro, neste trabalho, estão localizadas no centro da comunidade, em frente à igreja São Pedro e na Boca da Barra, próximas ao rio Camaratuba. Em 2001, ainda vimos algumas redes estiradas numa caiçara menor que, em 2002, foi derrubada e substituída por outra maior, construída ao lado da primeira<sup>35</sup>.

Assim, como em tantos outros espaços de um lugar muda ao longo dos anos, em Barra do Camaratuba pudemos observar que a caiçara que antes era ambiente de trabalho, mais ligado à pesca, hoje serve como “ponto de encontro” onde os pescadores mais velhos se reúnem<sup>36</sup> para refletir sobre a vida e lembrar do tempo das “pescariinhas” (REGO, 2004), enquanto outros, mais jovens, jogam dominó e baralho. A caiçara também representa os espaços para se dançar, principalmente no período junino.

Entrevistando alguns pescadores, perguntei qual seria um dos motivos para não dançarem mais coco de roda na caiçara, tendo em vista que, antes era só chamar os amigos, os compadres e trazer os instrumentos, no tempo passado. Eles comentaram que “*hoje a coisa mudou*”, precisava alguém pedir autorização à prefeitura, já que a nova caiçara foi construída por uma instituição pública. E comecei a questionar sobre a caiçara também como espaço público e privado.

A caiçara velha, construída pelos nativos, pescadores artesanais, seria reconhecida como espaço pertencente a eles, enquanto a caiçara nova, só porque foi construída pela prefeitura, seria de domínio “privado”? Mas o que a prefeitura constrói, para um determinado lugar, não seria para o povo? Aqui me parece mais, uma questão de conflitos políticos que implicam no uso deste espaço.

Sendo construído ou não pela prefeitura, permitindo ou não seu uso, a identidade da caiçara ao pescador ainda pode ser visível quando resiste-se e dança-

---

<sup>34</sup> Coberta de folhas da palha de coqueirais, um ambiente sem paredes, de chão batido.

<sup>35</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos

<sup>36</sup> Idem

se o coco de roda no dia anterior à festa, como poderemos observar na festa de São Pedro do ano 2002, relatada no próximo capítulo, ou quando reivindica-se para que o palco do show, as barracas, se concentrem ao lado da igreja, vizinhos à caiçara, para que lá possa-se ainda dançar pelo menos um forró agarradinho, como foi na festa de 2005.

Enfim, a caiçara é pesca, é vida, é trabalho, lazer, dança e lembrança, e por que não dizer que caiçara é ainda a identidade do pescador, a qual faz o povo resistir não só para manter, mas para viver as manifestações da cultura popular.

Falar sobre elementos que estão relacionados à pesca pode levar a vários caminhos se considerarmos a multiplicidade de estudos na área. No entanto, o uso do termo caiçara, aqui apresentado, serve somente para apontarmos as características de uma comunidade originada na pesca e na agricultura.

O termo caiçara também é definido por Antonio Carlos Diegues (2004) para definir um tipo de população tradicional<sup>37</sup>. No entanto, como esse trabalho trata o conjunto das práticas culturais e sua relação com o turismo local, e o uso do termo caiçara é definida aqui somente para definir o espaço de trabalho e diversão do pescador, não adentraremos nas conceituações que a permeiam.

Os espaços do mangue, do mar, das casas de veraneio, da caiçara, do rio, entre outros, representam uma relação entre trabalho e lazer. A descrição destes, neste trabalho, propõe-se como uma forma de situar o leitor no conhecimento de como é o campo onde desenvolvemos a pesquisa, quais os seus limites e apontar, sem adentrar muito nessa questão, pelo menos nesse momento os espaços tidos como coletivos que parecem não mais tão pertencentes a eles, proporcionalmente à chegada de “outros”. Fez-se necessário falar sobre esses espaços porque são neles que perceberemos transformações e refuncionalizações. Esta decorrência poderá ser compreendida no conjunto de análise de trabalho.

#### 3.1.4 A pesca e a agricultura

---

<sup>37</sup> Diegues (2004, p. 9) define os caiçaras como comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato.



Barra do Camaratuba foi constituída, em sua formação, basicamente por pescadores e agricultores, devotos de São Pedro, que tinham como sistema de manejo os recursos naturais baseados na atividade da agricultura e pesca artesanal<sup>38</sup> e de subsistência.

É, era agricultura e pescaria.  
Era como o povo vivia aqui  
(Maria José, E4 em  
16/02/2001).



Figura 8 – A pescaria  
Fonte: Desenho feito por seu  
Antônio da Arraia

A gente trabalhava na agricultura (...) agora num tinha futuro de nada, sabe, era mermo pra que comer pra viver, pra num morrer de fome. Nasci e me criei aqui. Nasci nesse lugarzim e me criei... Aí eu, quando saía daqui era pra trabalhar e voltava de novo, nera... Casei duas vezes, todas duas vezes fiquei viúvo. Ainda hoje moro aqui. Só saio daqui quando for pro cemitério (...) A pesca eu pesquei faz uns trinta e oito pra quarenta ano que eu pesquei no mar, no alto mar lá pra (...) Aqui no canto do rio mermo já *tarrafiei*, por aqui eu pesquei muitos ano (...) Pesquei até lá no rio há uns cinco ano atrás, eu pesquei demais. Mas deixei de pescar. Pesquei muitas vezes. Peguei muito peixe bom no mar... Aqui no rio eu mermo um dia eu peguei um camurupim, deu oitenta quilo. (...) No rio... Agora peixe miúdo eu peguei muito viu, pegava... Tainha eu peguei demais. Hoje em dia eu vou comprar um peixe, a gente vai comprar e num compra. A vida é assim mermo. A gente tem que viver do jeito que Deus quer... e eu fico satisfeito quando tenho, graças a Deus (...) Fora a pesca eu, o que eu fazia, eu pesquei muitas veis, e deixei de pescar. Mas já trabalhei na agricultura também, muitas vezes. Dei muito roçadinho, bom de roça. Plantei muitas veis, trabalhei muitas veis na agricultura ... Agora que eu achava melhor a pesca eu achava, melhor do que a

<sup>38</sup> Simone Maldonado (1986, p.15) define esse tipo de pesca pela sua caracterização simples de tecnologia e pelo baixo custo de produção [...] produzindo com grupo de trabalho formado por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres dos botes. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo, o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização”.

agricultura. Dava mais resultado, né (Manuel Madeiro, E7 em 10/04/2001).

Eu comecei a pesca, olhe! Eu comecei, peguei peixe com catorze anos. Eu e meu pai, aí meu pai chegou levava eu, eu comecei (...) Eu sou pescador profissional. Aprendi a pescar de pequeno (Antônio Arraia, E51, 28/06/2005).

(...) A agricultura daqui todo mundo trabalhava e todo mundo vivia. O povo vivia *aperriado*, mas vivia (Olegário, E56 em 28/12/05).

Antigamente trabalhava muito, muito, muito, muito. Muita gente trabalhava para vender. Trabalhava com a usina e a roça que ele fazia aqui, quando ele fazia aquele roçado, arrancava mandioca, fazia, aí fazia aquela farinha e vendia (...) aquilo que mantinha (Elisandro, caderno de campo, 24/06/2005).

O meu pai foi comerciante por muito tempo. Trabalhou na agricultura, plantou agave e coqueiro. Teve uma época que ele vendeu coco e agave, mas o agave não apareceu mais ninguém que quisesse comprar, então ficou só no coco e trabalhava muito na agricultura (Mãe Santa, E49 em 23/06/2005).

Vivia num mangue pegando um aratuzinho, um negócio, trabalhava quando achava um bico (Liquinha, E52 em 28/06/2005).

É comum comunidades litorâneas desenvolverem duas ou mais atividades simultaneamente, cujas fontes garantam, basicamente, o seu sustento. Afirma Porpino (1997, p. 32) que “as populações em grande parte do litoral [*nesse caso se referindo às praias do Rio Grande do Norte*] desde seus primeiros povoadores, se dão por meio de dois importantes recursos oferecidos pela natureza: o mar e terra, representando os espaços de trabalho da pesca e da agricultura” [*grifos nossos*].

Esta não é uma constância, somente no litoral Potiguar, mas também no litoral paraibano, inclusive em Barra do Camaratuba, onde podemos perceber a

pesca, tanto no mar como no rio, e a agricultura, em alguns momentos na história local, pelo menos até meados de 90, aparecendo como as principais atividades econômicas de subsistência, assim como uma forma de obter a renda familiar, a partir da venda do peixe, da farinha, frutas, coco, *agave*, entre outras, para pessoas da localidade ou comunidades vizinhas.



Figura 9 – Toro mostrando seu instrumento de trabalho.



Figura 10 - Zé do Doce mostrando os caranguejos que "pescou" no mangue.  
Fonte: Gekbede Silva, em 29/12/2005

(...) Que pescava, que a gente trabalhava no roçado, pescava, tirava caranguejo no mangue pra vender, pegava caranguejo no mangue pra vender, era só isso... Se fazia farinha toda a vida aqui, né. Se fazia farinha. A gente trabalhava na agricultura, né. Aí isso era uma riqueza pro povo. Passava meses inteiro trabalhando fazendo farinha. Às vezes meu pai fez muitas vezes, dois, três meses fazendo farinha na casa de farinha. Agora num tinha futuro de nada, né. Sabe, era mermo pra que comer pra viver, pra num morrer de fome. O futuro era pouco. Mas com tudo isso, quando meu pai morreu [Antonio Madeiro] Ele deixou umas coisinha ainda. Ele deixou três bote de pesca, três barco de pesca, e deixou uma casa de farinha e deixou... três casinha. Eu vi ele muitas e muitas vezes ele encher a casa dele de farinha, cheinha de saca de farinha de saca de farinha, fazia pra vender. O povo comprava pra levar pro norte, pelo mar, viajava pelo mar, embarcado em navegação, em bote que vinha aqui pra Barra, que viajava. E num era barco motorizado não, era barco de vela (...) (Manuel Madeiro, E7 em 10/04/2001).

Segundo Maldonado (1993, p. 29), a alternância das atividades econômicas se torna um fato comum como forma de manter sua sobrevivência. A isto, ela dá o nome de "prática do pluralismo econômico" pois, é bastante comum, em grupos pesqueiros, essa prática que consiste na coexistência ou alternância da pesca com a agricultura.

Por ter se formado em bases econômicas assentadas nessas duas atividades - a pesca e a pequena agricultura familiar - Barra do Camaratuba ainda é reconhecida como vila de pescadores.

A pesca de Barra do Camaratuba foi estudada por André Gondim do Rego<sup>39</sup>, que procurou analisar e escrever histórias sobre essa atividade a partir da narração, suportada pela memória dos pescadores. Em seu trabalho, mostrou que apesar de ser a atividade pesqueira uma das principais fontes de renda local no passado, nessa comunidade, sempre apresentou uma grande dificuldade de realização. Por isso os pescadores se referem a ela como uma “pesca difícil”. Foram vários os elementos que convergiram para isso: a violência na rebentação marítima de sua costa, o pequeno nível tecnológico das embarcações ali existentes e, por tudo isto, a baixa produção de pescado. Esta baixa produção é um dos fatores que levaram essa atividade a ser chamada, pelos pescadores locais, de *pescariazinha*. Rego (2004) observou que

Estando atualmente os pescadores sob tipos diversos de condições de produção e reprodução social, foi visto que é a *pescariazinha* tal qual caracterizada localmente, o elemento tencionador principal entre o passado e o presente do grupo [...] A pesca aí praticada, apesar de reproduzir-se segundo uma série de referências comuns a outras comunidades costeiras, apresenta, segundo este próprio entorno, história particulares, uma série de significações bastante específicas. Assim, tanto o trabalho em jangadas, como a pesca de linha e rede, e os conhecimentos relativos à marcação, a mestrança e ao segredo pesqueiro, se articulam na formação de uma estrutura simbólica capaz de dizer que a pesca local é diferente em vários elementos da praticada, por exemplo, no município de Cabedelo” (REGO, 2004, s/p).

Mesmo sendo uma pescaria difícil, os moradores/pescadores lembram desse tempo como um “tempo bom”, pois essa atividade também propiciava os laços comunitários e tinham uma atividade de qualidade, em que se pescava uma diversidade de peixes, porém sem ter para quem vender. Como também aponta Rego,

Naquele tempo a pesca era boa porque havia qualitativa e quantitativamente muito peixe. Mas era fraca porque o peixe não valia nada: não podia ser vendido, apenas trocado, quando não dado, pois poderia perder-se. [...] Ao mesmo tempo não era uma pesca grande, era pouca, pois o mar de sua costa era bastante violento, muito mais que hoje, o que dificultava a atividade. Entretanto os pescadores eram corajosos, pois apesar de todas as

---

<sup>39</sup> REGO, André Gondim do. Pesca e pescadores em Barra de Camaratuba (PB): reflexões sócio-antropológicas sobre um viver costeiro. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

dificuldades, diariamente pescavam. [...] O número de pescadores era bastante alto: dez jangadas era uma porção delas (REGO, 2004, s/p).

Segundo os narradores/pescadores, a pesca no mar se dava com jangadas, botes, e a maior parte das embarcações do local pertenciam a seu Tota Madeiro. Com um mar de arrebentação violenta, alguns preferiam pescar no rio Camaratuba e no mangue<sup>40</sup>. Outros saíam em busca de outros mares, mas depois voltavam.

Seu Antônio Amaro, também conhecido como Antônio da Arraia, é um dos poucos pescadores que ainda vivem na comunidade, entre idas e vindas, e lembra bem dessa época.

Nasci aqui em Barra do Camaratuba. Tenho 44 anos. Minha mãe nasceu aqui também. (...) Me chamam assim porque eu pegava muita arraia. Na minha infância eu rapazinho cansei de trabalhar, eu ia pegar uns *aratu* [crustáceo encontrado no mangue] pra vender. Saía cedinho. Aí a gente chegava antes das onze (...) tinha que chegar umas nove para dez hora, se chegasse mais atrasado o pessoal já tinha almoçado, aí mamãe brigava. (...) Trabalhava só no siri, no caranguejo pra pegar em algum dinheiro (...) Era pra vender pra daqui da comunidade. Aí na época completei quinze anos, eu disse: *Papai eu vou trabalhar*. A na ânsia de trabalhar peguei uma camisa e vesti e fui embora (...) Aí papai foi me procurar (...) Fui embora pra Cabedelo. Saí da Barra pra pescar em Cabedelo. (...) Quando cheguei na Baía da Traição de pés, encontrei um rapaz e ele disse: - *De onde você é?* Eu disse: - *Venho da Barra do Camaratuba*. Aí ele me levou pra casa dele em Cabedelo. Fui pra casa dele e a esposa dele comprou de tudo pra mim, só sei que quando deu meio-dia comecei a chorar. **Saudade de casa?** Não, pensei olhando pra comida (...), mesa farta tinha de um tudo, cheirei... pensei nos meus irmãos que estavam em Barra, tudo morrendo de fome (Antonio da Arraia, E51 em 28/06/2005).

Trabalhando em Cabedelo, também litoral paraibano, encontrou Toro,

---

<sup>40</sup> Nesses locais pescava-se peixes, mas principalmente crustáceos como camarão, caranguejo, siri entre outros.

Fiquei dez anos em Cabedelo, aí juntei com um menino, e passando perto de Barra do Camaratuba ele disse: *-Eu conheço. E ele: -Tu conhece?* [perguntou Toro a seu Antônio] *-Eu conheço, vamo arriar os barcos da lagosta e vim pra cá* [respondeu ele] Eu não conhecia mais ninguém. Só a família de seu Moíses Coelho. (...) E ele num conhecia seu Moíses... era pescador. Então viemo pra cá (Antônio da Arraia, E51 em 28/06/2005).

Toro, pescador nascido em Cabedelo, veio para Barra atraído pela atividade pesqueira. Não havendo nenhum tipo de organização de pesca, fundou com outros pescadores a colônia Walfredo Madeiro da Costa - Z17, em homenagem a seu sogro também pescador, falecido nos anos 80. A colônia foi registrada em 1997 e presidida por Toro desde sua fundação. Apesar de existir há nove anos, a colônia dos pescadores ainda funciona na sua casa, pois ainda não teve condições financeiras para construir o prédio da colônia e são poucos os associados que pagam a taxa mensal. Em 2003 realizou a compra de um terreno com a ajuda da LYONDELL para construção da nova colônia, mas a efetivação do prédio ainda não aconteceu.

As narrativas sobre a atividade da pesca no rio ou no mar, o trabalho nas casas de farinha, entre outras atividades também trazem em seu entorno momentos de descontração, diversão, como os banhos no rio Camaratuba, ou quando todos se encontravam em coletividade para fazer farinha, ou ainda quando nos momentos livres, de não trabalho, brincavam e dançavam coco de roda, lapinha, entre outras brincadeiras até o dia amanhecer.

Trabalho e lazer são esferas unificadas pelas narrativas agregadas e aliadas à memória. Já não são impermeáveis às mudanças rápidas que se desenvolvem entre o mangue e o rio, entre a praia e os coqueiros. Como relatou seu Manuel Madeiro, pescador aposentado, irmão de Tota Madeiro, em entrevista a André Gondim do Rego<sup>41</sup>.

(...) *A gente aqui... o trabalho daqui é pouco também. Num tem. Hoje em dia é que isso, aqui as vistas do que foi, já tá uma cidade, é mermo que ser uma cidade. Só que isso aqui, eu*

---

<sup>41</sup> Ver Anexo A - Quadro de viagens: entrevistas realizadas.

alcançei quando eu era garoto novo, depois que eu me entendi de gente, que a gente só pode falar depois que se entende de gente, né. (...) Eu sabia que tinha umas 14 ou 15 casa, casinha (...) E hoje tem essa porção de casa aí, já é mais adiantada, hoje menos, pelo menos tem ônibus pra gente viajar, quando vai quer, que até um dia desse num tinha, até nessa prefeita agora, até chegar essa prefeita num tinha nada, nada! (...) o camarada podia chegar aí... qualquer hora do dia, da noite, se deitar em qualquer canto, podia se deitar sem medo (...) Veio aparecer algumas coisa mais temerosa de uns anos pra cá, de uns seis, oito anos pra cá, de uns dez anos pra cá. Que pegô se criando gente, pegô se misturando gente, com gente de todos os lugares, mas era um lugar calmo demais, calmo... demais mermo. Eu mermo saía toda hora pra pesca, que toda noite eu pescava no rio, no tempo que eu era mais moço, que eu podia fazer era trabalhar, onde eu, eu ficava era mermo eu num podia mais trabalhar, toda noite eu pescava, toda noite, pra mim era o maior, melhor esporte do mundo, era pescar de tarrafa, que de fato é uma pescaria boa, é um esporte mermo, a pescaria de tarrafa, de repente, no lugar que tem peixe, o senhor de repente pega peixe, só é chegar e pegar de repentezinho, é... a tarrafa é uma rede boa demais. Eu tenho um filho que pesca, direto, tarrafiando (...) Pega muito peixe, chama ele de Tonhão, é... tá com trinta anos. (...) Ele tá com quase com trinta anos. Joca tá com vinte. Ele tá com trinta, ele é mais velho que Joca dez anos (Manuel Madeiro, E7 em 10/04/2001).

Os moradores contam que o crescimento populacional e, com ele, transformações, falta de embarcações suficientes e com condições de entrar no mar, entre outros fatores de conflitos internos (REGO, 2004) a atividade pesqueira de Barra se encontra diferenciada da exercida antigamente. Assim, o pescado vai se encontrando numa escala ainda menor de produção, pois também os pescadores daquele tempo estão velhos e aposentados, outros, como os mestres, foram morrendo e os mais jovens não mostram interesse pela pesca, segundo os pescadores mais antigos que ainda vivem na comunidade.

Dessa forma, muitos passaram a exercer outras atividades (como veremos no próximo capítulo) mas não abandonaram totalmente a pesca. Alguns fazem *baiteras*, nome também dado as jangadas (figs. 11), pequenas embarcações (fig. 12), como

seu Antônio da Arraia e outros que continuam pescando no rio e no mangue. A agricultura também foi decaindo, pois muitos já venderam as terras que tinham. A narrativa de seu Augusto, pescador aposentado, permitiu-nos conhecer mais sobre essa realidade,



Fonte: Gekbede Silva em 23/06/2005



Figuras 11 – Baiteras  
Fonte: Gekbede Silva, em 23/06/2005



Figura 12 - Pequenas embarcações  
Fonte: André G. Rego, 2002.

Eu sou Augusto. Tenho 78 anos. Fui pescador hoje não sou mais mode a idade e a doença. Só quando eu era feliz, quando eu era quando era pescador (...) Aprendi a pescar por cadência [observando outros pescadores], passei quatro anos em pesca de lagosta, depois descendo vim pra Baía da Traição. Eu nasci num lugar aqui embaixo nos Coelho [comunidade vizinha] Sou filho natural dos Coelho, mas me criei aqui na Barra. (...) e ainda tô aqui e pretendo morrer aqui, faz uns setenta anos que estou aqui. Já pesquei muito aqui, na Baía. (...) Homi a Barra aqui no tempo da pescaria, no outro tempo, era de navegação maior que era de jangada. Pescava três pessoas numa jangada e só dava peixe graduado, aí depois o pessoal foram morrendo. Papai mermo, entre eu e papai tinha três jangadas, desses botezinho, cada um tinha dois bote de remo. Papai tinha dois paquete. E então nós vivia bem. Papai era contrator desses pescador e vendia na rua, saía no meio do mundo que naquele tempo não tinha frize, não tinha geladeira, era no sal, e no sol. (...) Saía no meio do mundo, quando eu não ia pra maré sai com ele. Passava o dia no meio do mundo (risos) Era difícil, mas era tempo de fartura. Mas hoje em dia, os mais velhos foram se acabando, foram se acabando e hoje só tem umas baiterazinhas desse tamanho não dá para entrar mais. Diz um: Olhe, vamos fazer um anoitada!? Passa a noite no mar, num bote menor e não sabe procurar o peixe. Hoje acabou o peixe, mas quando vem um peixe maior e acabou-se o peixe. Hoje quando vê um peixe maiorzinho é uma cavalinha, só. Um serrazinha. Mas quando vê um peixe maiorzinho é da Baía ou vem de fora. O pessoal tá indo comprar fora (Augusto, E55 em 28/12/05).



Ainda encontramos histórias sobre a atividade da pesca de Barra narradas em forma de versos de coco de roda (brincadeira popular). Isto mostra a multiplicidade e riqueza da oralidade, e como na memória os sujeitos reconstroem fatos a partir de uma “visão de mundo”, em que se condensam o vivido e o imaginário. Essas narrativas foram cantadas e contadas por seu Epitácio, que nos permitiu deixar gravar sua voz na condição de poder ouvi-la posteriormente.

Vou cantar um coco pra você. Vou cantar um coco aqui, de um coco que aconteceu... Tá gravando? Vou cantar esse coco viu para levar gravado.

*Oh mestre cadê a lancha?  
Minha lancha se perdeu  
De frente a casa amarela  
O contra mestra morreu.*

Resposta pra mulher:

*Vala mi nossa senhora  
Meu Deus que grande agonia  
Só tenho medo da multa que vem da capitania*

Da multa que vem da capitania né. É ou não é? [explicava]. Se a lancha se perdeu? Olhe escute!

*Oh mestre cadê a lancha?  
Minha lancha se perdeu  
De frente a casa amarela  
o contra mestra morreu.  
Vala mi nossa senhora  
Meu Deus que grande agonia  
Só tenho medo da multa que vem da capitania.*

Num é embarcação? Se perdeu... aí levou multa. **Tem mais algum que fale de pesca?** Coco de pesca eu tenho demais... mas vamos deixar esse negócio de pesca pra lá(...) Eu já trabalhei muito em pesca... **Canta?** Eu vou contar um negócio de pesca aí, que aconteceu comigo. Agora grave isso e me traga.

*Amigo eu vou contar uma questão da pescaria.*

Num é o ofício? [explicava]  
*Quando os bote estão na amarra dos caçuar  
Preparado pra botar no outro dia.*

*Cabo Chico era o mestre.  
João de Caná o proeiro.  
Só falta seu Pimenta que é um homi verdadeiro.*

*Mataram,  
um camurupim  
Cabo Chico disse:  
\_Logo tamo feito na peixada.  
Na zuada, você diz:  
\_ Não senhor! Vocês vão comer cação que desse peixe eu não  
dou.*

*De baixo da caiçara  
Aurélio gritou assim:  
\_Vamos tomar uma pro conta do camurupim  
\_Vamos tomar uma pro conta do camurupim*

*Vamos tomar a miota  
Companheiros queridos.  
Pro causa desse peixe cabo Chico está mordido.  
(Epitácio, E56 em 28/12/2005)*

As histórias sobre o lugar, a pesca e a agricultura, a descrição dos espaços, entre outros, foram importantes para conhecermos Barra do Camaratuba, que é caracterizada e identificada pelos próprios nativos como comunidade pesqueira ou vila de pescadores. Procuramos contextualizar a história do desenvolvimento local, entrecruzando passado e presente, que, em alguns momentos, fazem referência às brincadeiras populares, sobre as quais falarei a seguir.

### **3.2 No Tempo das Brincadeiras**

A partir das idas a campo, dos discursos dos nativos e das transcrições das narrativas sobre o passado, percebemos que os moradores vivenciaram

experiências individuais e coletivas relacionadas com brincadeiras populares como o Boi de Reis, a Lapinha, o Pastoril, João Redondo, a cantiga de viola, os bailes de sanfona e o coco de roda, atividades presentes num 'tempo de diversão'. As brincadeiras aconteciam, preferencialmente, nas ruas ou na caiçara dos pescadores, referenciais da tradição local. Eles identificam essas manifestações como brincadeiras folclóricas e populares, dentre as quais, a única que parece tentar resistir ao "tempo" é o coco de roda.

Apresentamos aqui um levantamento de algumas práticas culturais do passado, para compará-las, num segundo momento, às realizadas no presente, enfocando as 'transformações' ocorridas, nas condições de produção e realização da festa tradicional.

Os moradores, ao narrarem o passado da Barra, referem-se a uma comunidade muito mais divertida que hoje, mesmo na ausência de energia elétrica, iam às ruas e realizavam as festas e brincadeiras, cantigas (cantorias) de viola, os bailes com sanfona (forró), entre as outras citadas acima.

Observamos nas narrativas sobre as brincadeiras como, onde e por quem eram produzidas, como se dava a participação popular e quais os significados delas para os brincantes.

Em alguns casos, quando já tínhamos um breve conhecimento sobre a existência de algumas manifestações culturais, através de conversas anteriores, direcionávamos a conversa para confirmar ou completar os nossos dados. Como podemos perceber nesse diálogo com dona Maria José,

**(...) As brincadeiras daqui eram lapinha, pastoril e coco de roda? Só. E essa lacondessa que vocês brincavam? Ah isso a gente brincava de noite nos terreiros. As brincadeiras nos terreiros era lacondessa, o anel, a lapinha, o coco, o São João, o São Pedro e os bailes. Agora essas brincadeira... esse João Redondo vinha de fora. A gente ia olhar (E48 em 23/06/2005).**

Algumas dessas manifestações aconteciam nas ruas e outras nas casas dos compadres, representando momentos de diversão e descontração.

(...) pois antes da luz tinha muito mais divertimento do que agora, porque antigamente, antes tinha o Boi de Resi... vinha um pessoal brincar aqui, tinha... porque assim. Nesse tempo não tinha energia, nem televisão. Brincávamos de João Redondo, tinha o pastoril e cantiga de viola (Mãe Santa, E45 em 29/05/2002).

(...) Ah minha filha, pois aqui era muito divertido, tinha muita festa, era tudo muito pobre, mas o povo era unido (Dona Suna, E9 em 08/06/2001).

Coco de roda? Ah! Coco de roda tinha demais, o povo brincava muito. Eu achava bonito o coco de roda. (...) Antigamente as moças brincavam para se divertir, as moças de hoje em dia é tudo diferente (Maria José, E49 em 23/06/2005).

Eles contam que, mesmo sendo as festas para seu próprio divertimento, devido às dificuldades financeiras, aproveitavam os momentos de algumas brincadeiras para ganhar dinheiro, com exceção do coco de roda. Dessa forma, a participação na brincadeira implicava, mas nem sempre, na presença de dinheiro, a exemplo do caso da brincadeira do João Redondo, um espetáculo de bonecos num cenário montado na casa de um morador e a entrada consistia na compra de um ingresso, ou mesmo a lapinha, que era marcada pela disputa de dois cordões e, ao término da dança, ganhava o cordão quem arrecadasse mais dinheiro.

(...) Aí eu sei que nós começamos a brincar a lapinha e lá vai pra frente, aí peguemos compremos as nossas roupas, né! (...)Tinha gente demais pra assistir, tinha demais naquele tempo. O dinheiro era pouco, mas nós ganhávamos dinheiro porque nós brincávamos muito bem, né! A lapinha nós brincávamos muito bem, dinheiro pouco, mas nos ganhávamos, e dava. Mas naquele tempo as coisas eram mais baratas né, aí dava para nós se manter (Maria José E48 em 23/06/2005).

O João Redondo, também chamado de Babau, era uma brincadeira com bonecos vindo de fora, um “espetáculo” de arte e magia. A brincadeira acontecia na

sala da casa de seu Tota Madeiro e, para entrar e participar da brincadeira, era preciso pagar.

Num era daqui não, vinha de fora. A gente ia olhar (Maria José, E48 em 23/06/2005).

Ah, o João Redondo? O João Redondo era bonito. (...) Meu pai gostava de ir pro João Redondo e a gente ia também e tinha uns espetáculos dentro de casa, do povo que brincava, mas esse eu não lembro muito não, que eu era pequena, mas papai tinha um pessoal que brincava com os espetáculos fazendo mágica... Cada gente pagava o ingresso e fechava as portas daquela casa, ficava todo mundo lá dentro da sala e haja o homem fazer mágica e as baianas dançar lá. Agora isso era dentro de casa. Era como se fosse um circo, mas não era um circo, não. Chamava-se espetáculo, era dentro de casa (Mãe Santa, E45 em 29/05/2002).

Perto da casa que a gente morava tinha uma brincadeira (...) Tinha Babau, João Redondo, a gente aqui chama Babau. (...) A gente pagava a ele (...) O Babau... a brincadeira acabou-se, não vi nunca mais, tem uns vinte ano que acabou (Antonio Arraia, E51 em 28/06/2005).

Os bailes aconteciam nas casas dos moradores que dançavam forró à noite toda acompanhados pelo som da sanfona.

O Boi de Reis é uma brincadeira conhecida como referência tradicional em vários lugares do país. Em Barra do Camaratuba, o Boi de Reis é a lembrança de uma brincadeira folclórica, trazida por pessoas de fora, que apareciam uma vez por ano, no dia de Reis. “*Antigamente tinha Boi*”, contou dona Suna quando conversávamos em sua casa, junto com sua filha Tereza e a neta Maria dos Navegantes. Tereza completou: “*Antigamente vinha muito. Vinha de fora, de Jacaraú*”. Como também conta Alice,

Desde eu criança em todo canto tinha o Boi de Reis, mas vinha de fora. Num era daqui não. Era bonito que só antigamente (E50 em 24/06/2005).

O Boi tinha uma roupa colorida, como uma bata, muitas fitas e espelhos, aproximadamente oito brincantes, entre eles personagens da Catirina, Birico e o Mateu, dançando e brincando na rua central, cumprimentando os moradores, que iam assistir.

Perguntei a Mãe Santa, o que e como era o Boi de "Resi". Nascida e criada no lugar, apesar de não participar de todas as festas, porque seu pai não deixava, podia assistir ou participar das brincadeiras que acontecessem próximas à sua casa. Ela afirmou que esta,

É uma brincadeira folclórica. Tinha, vinha um pessoal brincar aqui, tinha... porque assim. Nesse tempo não tinha energia, nem televisão. Olha, vinha o pessoal de fora brincava Resi. (...) A vestimenta do pessoal do Boi de Resi era bonita, com aquelas fitas com aquela parte aqui, com aquele tecido aqui assim com aqueles pêlos todinho com aquelas fitas. Eu achava tão bonito. E tinha a Catirina, tinha o Birico, o Mateu e o boi (...) Pense quando saía o boi. Cantavam uma música e o boi ia fazer como adoração aquela pessoa. Cantava uma música pra àquela pessoa do lugar e o boi ia fazer uma adoração àquela pessoa. Agora a gente ia... pra o Boi de Resi porque era quase de frente, lá de casa, era casa da vizinha. O pessoal do Resi ficava, aí a gente ia assistir o Resi (E49 em 23/06/2005).

Era, também, uma brincadeira trazida de fora, segundo seu Antônio da Arraia, e acontecia somente nas comunidades e vilarejos. Aos poucos o Boi de Reis também foi deixando de acontecer.

Boi de Resi, ficava na casa de farinha pra brincar à noite. Eu tinha um medo do boi. (...) Era porque tinha aquele Birico todo pintado, aí eu tinha medo, nunca tinha visto o boi, mas vinha nesse período? [se referindo ao período natalino e dia de reis] Vinha. Ele passava em várias comunidades. Ele seguia por ali (...) era tradição. Num vi mais o boi (...) Faz uns 15 anos (E51 em 28/06/2005).

A lapinha era freqüente na comunidade no período de festa de Santo Antônio, São João, São Pedro e, no sábado de Santana. Era produzida pelos moradores e

organizada<sup>42</sup> por dona Maria José e suas irmãs, tendo o apoio do seu marido Walfrido Madeiro, já falecido.

A gente dancemo lapinha, eu quando era moça. Era. Aí eu dancei lapinha junto com minhas irmã, minhas amigas, formemo uma lapinha e aí a gente continuemo na lapinha, aí depois foi tempo que Maria minha irmã saiu, procurou logo casamento e aí pronto, foi que a gente acabou, que ela que era a contra-mestra, né. Aí acabou-se com a lapinha. Até que eu gostava muito da lapinha (Maria José, E48 em 23/06/2005).

Para saber um pouco mais sobre a brincadeira, perguntamos a dona Maria José com quem ela e suas irmãs haviam aprendido a cantar e a dançar a lapinha.

Aprendemos com algumas meninas (...) eram umas meninas que moravam aqui mesmo, mas elas não eram daqui né (...), aí elas já tinham brincado, mas as minhas irmãs costumaram, toda vida brincaram lapinha e pastoril, né (...) Porque tinha lapinha e tinha pastoril, pastoril... a lapinha só é de moça e... o pastoril só é de mulher [casada], qualquer mulher pode entrar nele né (...) agora a lapinha não, a lapinha só é de moça (E48 em 23/06/2005).

A brincadeira acontecia em frente à sua casa, próximo à igreja, no centro da comunidade. As pastoras da lapinha eram em torno de doze, todas moças, residentes da comunidade, que se dividiam em dois cordões: azul e encarnado, usando fitinhas amarradas nas mãos correspondentes à cor do cordão.

Maria José era a mestra e sua irmã a contra-mestra. Juntas cantavam, dançavam e se divertiam até o amanhecer. No final, ofereciam um cravo ou ramallete feito de papel crepom para as pessoas e, em troca, os que participavam assistindo ofertavam com algum dinheiro, o que servia para a compra de novas roupas e também para ajudar na renda familiar. No São João, as pastoras também faziam canjica para vender durante a festa.

---

<sup>42</sup> O significado de organização para eles refere-se a quem ensinou ou estimulou a dança.

A queima da lapinha acontecia na festa de Santana com uma cantiga. As pastoras dançavam em círculo e queimavam na fogueira os papéis que enfeitavam os cordões.

Era bom demais, gostava muito. Só moça lá em casa e nós brincava a noite todinha até o dia amanhecer, eu só saía travada. Antigamente o povo brincava pra se divertir, mas hoje em dia... (Maria José, E49 em 23/06/2005).

Ao falar da lapinha, era comum algum morador fazer referência ao pastoril, também considerada uma brincadeira popular realizada antigamente no lugar. Há quem diga que se trata da mesma brincadeira, mas dona Maria José e Mãe Santa sempre procuravam apontar as semelhanças e as diferenças entre as duas brincadeiras. O pastoril se assemelhava à lapinha quanto ao número de participantes e à divisão dos cordões, e se diferenciava dela em alguns aspectos: era organizado por pessoas de fora; era formado por mulheres casadas e apenas um homem, interpretando o palhaço. A presença do santo na lapinha conferia a esta manifestação um caráter mais religioso.

A lapinha tem o santo, o pastoril num tem. O pastoril tem palhaço, a lapinha é assim, um negócio mais com Deus. (...) E quando era pequena ainda... tinha os pastoris. (...) Vinha pastoril de fora pra casa de seu João Miguel, que era vizinho e o Boi de Resi. Aí a gente olhava porque era vizinha ali (...) Eu sei que naqueles tempo era muita dança, tanto pastoril como lapinha ( Mãe Santa, E49 em 23/06/2005).

É doze pastora. O homem brinca se for pastoril, porque tem o palhaço né. Têm o palhaço. É, pastoril, agora lapinha não, lapinha só é as moças mesmo. (...) Por que não pode, pode não. Quem pode brincar, só as pastoras mesmo, a lapinha né. Pastoril pode brincar o palhaço, é muita graça. **O quê que o palhaço tem?** Graça pro seu rajar do povo. Aí o pastoril, a brincadeira... O pastoril é uma brincadeira que é mais... complicada né (...) É porque ali têm as partes... fulano, tanto a mestra dançar com fulano, tanto a contra mestra dançar com cicrano e aí lá vai né (...), aí às vezes têm cabra muito... metido né, aí quer se aproveitar e o palhaço tá ali, tá na roda (...) Eu nunca gostei de pastoril, não gostei não, agora lapinha



eu gosto. É, eu não gosto desse tal de palhaço não, nunca brinquei não, agora lapinha...(risos). Ainda me lembro de muitas... (Maria José, E4 em 16/02/2001).

Desde as primeiras conversas com dona Maria José, já ouvimos as histórias sobre essas manifestações culturais. Observando que ela lembrava e gostava tanto da lapinha, procuramos saber por que nunca mais tinham dançado. Ao longo das nossas conversas, ficamos sabendo que um dos motivos foi o falecimento do seu esposo, seu Walfredo Madeiro da Costa, com quem ela organizava os momentos da brincadeira. Outro fator foi a chegada de outras pessoas na comunidade e, com isso a quebra dos vínculos familiares e de compadrio, trazendo de certa forma a violência e fazendo com que alguns moradores não quisessem mais brincar. Como afirma dona Maria José,

Porque uma... o que uma quiser, todas queria e hoje aqui, aí pega... eu vou ensinar uma lapinha, eu já... mas não vou ensinar não, não vou ensinar porque uma briga com a outra, briga com outra. (...) A lapinha é que nem umas irmãs, tudo bem unida, que eu brinquei uma lapinha doze pastora tudo de moça, só tinha pequeno anjo guia, mas era tudo controlada, tudo ali do jeito que uma quisesse uma coisa todo disse que ia, eu brinquei muito tempo lapinha, aí os de hoje não quer... aí se uma disser alguma coisa, a outra fica com raiva. A lapinha é uma brincadeira de Jesus, a gente brinca na porta da igreja, [no centro da comunidade] em frente em todo canto... não é para estar brigando na hora da brincadeira aí chega o pessoal dá uma discutida, outra discutida, aí vai... É, a lapinha é sagrado, é. Se fosse umas moças tudo... bem unidinha aqui, eu já tinha inventado. É bonito demais a lapinha (E4 em 16/02/2001).

Minha irmã fazia a lapinha (...) E ela botava mermo. Botava. Era só moça lá em casa e nos brincava a noite todinha até o dia amanhecer só saía dali até amanhecer. Saía toda travada. Antigamente o povo brincava pra se divertir, Hoje não. Qualquer coisa... Pá! Um tiro, uma facada, é o que eu vejo hoje em brincadeira é por isso que o povo não quer fazer a brincadeira (E48 em 23/06/2005).

Percebemos que os seus olhos sempre brilhavam ao falar dessa brincadeira que era organizada por ela e pelas irmãs e, sempre quando terminava de cantar, dava várias risadas. Passava horas nos contando da lapinha e, em alguns momentos, pedimos para cantar um trequinho, e ela continuava cantando e explicando, algumas vezes alegando não lembrar de tudo.

*Campos além, deixar as cabanas*

*Vamos a Belém*

*O sol sem crina, pelas velhas campina,*

*A noite é divina e adorai Jesus*

[ risos]

(...) É assim... Deixa ver... eu esqueci [dizia dona Maria José dando várias risadas]

*Por esses campos, por esses campos eu venho morrer*

*Mas o menino, mas o menino,*

*Mas o menino eu hei de vencer.*

*Por esses campos*

*Por esses campos eu venho brigar*

Agora é a mestra e a contra mestra, com umas espadas grande assim...

*Mas o messias*

*Mas o messias*

*Mas o messias eu hei de levar*

Aí diz a mestra... e a contra mestra.

*\_Ainda mestra vamos ver quem morre perto da vida.*

Aí eu respondo:

*\_A vida por Deus é dada, a vida por Deus é tirada. Eu prefiro a tua vida na ponta da minha espada.*

Aí chama a camponesa, né.

*\_Camponesa vem matar esta romeira que veio socar em noite de Natal, noite de Natal.*

Aí a camponesa diz:

*\_Há quilômetros parabólicos, uma maior consideração em travar esse punhal em cima do teu coração.*

Aí uma espada grande assim, ela encosta assim, né.  
Aí diz assim: [ela começou a cantar]  
*Oh, que dor agoniada, agoniada...*  
*Oh, que dor de aflição,*  
*Que me cravaram este punhal*  
*Em cima de meu coração*  
[risos]  
( Maria José, E4 em 16/02/2001)

Para cada canto, um conto. Eram assim as lapinhas, como diz dona Maria José,

Têm a cantiga de matar a mestre, têm a cantiga de... de levantar a mestra né (...) tem a cantiga dos anjinhos... dos pastores... sai do meio, aí canta tudo ajoelhado né. (...) É a parte das ciganas, têm a parte de tudo. Aqui, têm muita coisa... (E4 16/02/05).

Nas cantigas da lapinha, cantadas por dona Maria José, há sempre uma alusão ao nascimento do menino Jesus e aos santos, como verificamos também em comentários anteriores. Em dois mil e um ela cantou a seguinte lapinha.

*São José não sabia um dia*  
*Que Maria andava a luz*  
*Aos pés de uma manjedoura*  
*Vou olhar que nasceu Jesus*

Essa é da lapinha também né. [disse ela e continuou...]  
*São José de porta em porta*  
*Procurando agasalho sem achar*  
*Aos pés de uma manjedoura*  
*Ele foi se agasalhar*

Essa da lapinha, é bonito... é, é... é muito bonito! (Maria José, em E4 16/02/01).

No dia de São Pedro, de dois mil e cinco, dona Maria José cantou a mesma lapinha. Desta vez, invertendo as estrofes.

*São José de porta em porta  
Procurando o agasalho sem achar  
Aos pés de uma manjedoura  
Ele foi se agasalhar*

Aí diz assim...  
*São José não sabia um dia  
Que Maria ia dá, dá a luz  
Aos pés de uma manjedoura  
foi lá que nasceu Jesus*  
[risos]

Aí diz:  
*Irmãs é tão pobre é aquela  
É tão pobre e tão merecedora  
Deu a luz e seu bento filho  
Aos pés de uma manjedoura.*

Essa é bonita, é de São José [comentava ela] É porque eu me esqueço mulher... passa pelo sentido eu não canto mais essas cantigas. Aí esqueço. Mas é bonita (E53 em 28/06/2005).

Além dessas brincadeiras populares também, podemos falar do coco de roda<sup>43</sup>. A brincadeira do coco pode ser definida como uma dança popular que se caracteriza pelos versos "tirados" de improviso, além daqueles cantos preservados pela tradição oral (AYALA; AYALA, 2000).

---

<sup>43</sup> Essa manifestação cultural também pode ser encontrada em vários estudos sobre a cultura popular. Santos (2001, p. 43) diz que o coco é popular no Norte e Nordeste do Brasil, sua manifestação pode ser identificada desde o século XVIII, sua origem, considerada ainda duvidosa, contém fortes características de negro entrecruzadas as outras etnias de forte presença na cultura brasileira. Segundo Santos (2001) um dos primeiros estudiosos a registrar os cocos no Nordeste foi Mário de Andrade, quando se encantou pela diversidade do coco e catalogou o "folclore" da região, nos anos de 1928 e 1929 e, em seguida, em 1938, na pesquisa que ficou conhecida como Missão Folclórica, resultando num considerável acervo histórico. Seguindo a trilha da pesquisa de Mário de Andrade, uma equipe coordenada pelos professores da Universidade Federal da Paraíba, desenvolveram uma pesquisa fazendo um levantamento e registrando a existência do coco em várias comunidades paraibanas, resultando no livro *Cocos: alegria e devoção*. Reforça Santos (2001, p.44) que estes pesquisadores perceberam que o coco e demais manifestações populares resistem e sobrevivem, apesar de pouco visíveis, "são práticas culturais típicas, inerentes e produzidas pelas classes subalternas que detêm o poder dos discursos [...] nem tão pouco o poder econômico. São trabalhadores, explorados, que sobrevivem em condições de miséria – sufocados economicamente, bombardeados pela cultura massificada. Resistentes, porém, eles sobrevivem e fazem sobreviver sua cultura."

Assim, podemos dizer que o coco-de-roda é brincadeira, diversão, dança, tradição, o fio da teia que relaciona passado e presente, sendo a mais citada entre os moradores, persistindo na memória coletiva, assim como a única que parece tentar resistir ao tempo, passando pelo processo de dinâmica cultural sem perder por completo o sentido da dança: a diversão. Um dos significados do brincar, do fazer a brincadeira pode ser percebido na narrativa de seu Epitácio,

Dançar coco é o prazer da minha vida. Pra nós era um paraíso. Aí a gente ia pra lá, lá para palhoça e digo o bombo veí tá gemendo, aí nós começava. Aí vai chegando amigo, vai chegando outro. Aí nós fazia a giranda (...) e quem chegar pode participar, mas com respeito (E56 em 28/12/05).

Vale ressaltar que nosso objetivo não foi estudar e conceituar a brincadeira do coco de roda em si, mas compreendê-la num conjunto das práticas das manifestações culturais de uma comunidade de pescadores artesanais. Mas curiosos em saber um pouco sobre a origem dessa brincadeira na comunidade, isto é, como e com quem os brincantes nativos aprenderam ou se tratava de uma brincadeira vinda de fora como o Boi de Reis e o João Redondo, perguntamos a alguns de onde vinha o nome coco de roda,

O nome coco já vem dos índio. Ééé (risos). Dos índio [dizia acentuando o tom de voz]. Isso daí não é de nós não, é da aldeia. (...) É brincadeira de pescador também, como falei pra você na palhoça (Epitácio, E56 em 28/12/05 ).

Meu nome é Carminha mas me chamo Maria José Gomes da Silva. Tenho 66 anos. Eu nasci em Coqueirinho sul da Bahia da Traição. Faz muito tempo que vim pra cá. Vim com 15 anos. Eu era mestre de lapinha lá. Aqui nunca brinquei de lapinha, só de coco mermo. Aprendi a dançar coco com minha mãe em coqueirinho (Carminha, E56 em 28/12/05 ).

O tal de coco de roda é o coco de roda. Desde minha mininisse eu escuto falar em coco de roda... Não sei porque tem esse nome coco de roda... A minha família todinha

dançava coco de roda. [sua família tem origem indígena]  
(Alice, E50 em 24/06/2005 ).

Nessa narrativa de dona Alice, é interessante observar que para quem vive ou viveu experiências relacionadas a brincadeiras populares, como o coco de roda, não importa de onde vem e nem a definição de seus nomes, mas o significado e os comportamentos e sentimentos que podem causar, tais como: alegria, descontração, interação, enfim, grande diversão.

O coco em Barra do Camaratuba pode ser apresentado em estrofe-refrão e permite uma verdadeira interação entre brincantes: os tocadores puxam o coco e outros brincantes respondem e dançam em roda, apresentando características múltiplas, como explicou seu Epitácio cantando e contando,

Eu disse pra ela:  
*Eu canto esse canto*  
*E canto outro e vou embora*

Aí eu quero que as mulher diga:  
*As meninas tão dizendo*  
*Não vá não que o bombo chora.*



Figura 13 – Moradoras dançando coco de roda  
Fonte: Gekbede Silva, em 29/06/2002.

Isso é que é coco. (...) Quando eu tô no pé do bombo. Se eles sabem dos cocos, quem responde é essas daí[as mulheres]. Mas quando não tem quem responde é o camarada que tá perto de mim. Entendeu? (...) E vai todo mundo dançando. E lá vai festa viu nêga... E lá vai festa... (E56 em 28/12/05 ).

Dona Maria Padilha, em conversas na sua casa, lembrou e contou muitas histórias sobre essa brincadeira.

A gente ia lá pra casa das minhas primas Diana, Margarida, filha de tia Flor, ia pra lá, as meninas conversavam, brincavam coco de roda, brincava coco de roda. No coco, os homens num tinha uma história de um zambé. Zambé era um pau desse tamanho, dessa grossura. Aí botava um prego pra bater assim. Dançar coco o povo dançava que só. Coco de roda eu acho bonito. Tinha muita coisa, tinha São Francisco

de Roda ou, São Francisco de Rosa, era um velhinho que gostava de brincar lá no Roncador<sup>44</sup> (E11 em 09/06/2001).

As comunidades circunvizinhas a Barra do Camaratuba mantiveram vínculos societários através de práticas culturais realizadas nas festas tradicionais, como por exemplo a procissão do santo São Pedro e o coco de roda, que em alguns momentos reuniu brincantes e tocadores da Barra e a aldeia Cumaru<sup>45</sup>. Essas manifestações aparecem, em alguns momentos, como um elo entre estas comunidades<sup>46</sup>.

A Lapinha, o Pastoril, o João Redondo, os Bailes, a Cantoria de Viola, os bailes, são referidos como brincadeiras de antigamente. Já o coco de roda tem uma característica particular: transita como prática do “ontem” e do “hoje”, pois no período da pesquisa de campo anterior (2000-2003), ainda pudemos apreciá-lo, em alguns momentos, na caiçara dos pescadores ou em comunidades vizinhas.

Segundo os relatos de moradores, como dona Alice, o coco de roda acontecia com mais freqüência no passado. Como alguns coquistas foram envelhecendo, outros morrendo, ficou o mestre Epitácio como um dos “guardiões” dessa tradição. Foi com ele que muitos aprenderam a brincadeira.



Figura 14 – Epitácio  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005

Aprendi a dançar coco aqui, com seu Epitácio. Foi. E eu disse: esse tipo de coco eu num sei não. E sei que num sei, num fim da coisa comecei a brincar. O coco de antigamente foi se Epitácio que ensinou. (...) Não sei porque, mas os mais velho acabou-se tudinho, nesse negócio só ficou Epitácio, com esse negócio de coco. Aí começou a vir o pessoal de Cumaru. Aí pronto inventaram assim...já agora há uns dois anos atrás, um ano ou dois começaram de novo. Porque aqui nunca faltava brincadeira não, e era nessa rua aqui, que é a rua principal que a gente chama (Alice, E50 em 24/06/2005).

<sup>44</sup> Roncador é um sítio ou uma propriedade próxima a Barra, cuja aproximação proporciona relações de compadrio e trabalho. Ver mapa em anexo.

<sup>45</sup> Comunidade vizinha pertencente à Baía da Traição, município da Paraíba.

<sup>46</sup> Esta relação foi observada por Edith Bacalhaó ao estudar o coco de roda na comunidade de Barra do Camaratuba. Ela era doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, na época em que estávamos no campo, e com quem compartilhamos vários momentos da pesquisa.

Como o coco de roda era a única, entre as brincadeiras que citamos aqui, que parecia tentar resistir ao “tempo”, procuramos entendê-lo também num passado mais recente (momentos da pesquisa anterior) apontando como e quais eram os fatores de intervenção na sua realização e produção. Como Barra do Camaratuba trata-se de uma comunidade onde “a política dita as regras”, observamos duas gestões municipais intervindo diferentemente na realização de manifestações culturais, como a brincadeira do coco de roda. A primeira se refere aos anos de 2000 a 2003, quando a prefeita Cláudia, juntamente com uma vereadora moradora/nativa, sabendo da existência de pessoas que dançavam e brincavam coco de roda, reuniram os brincantes, “apoiando” e reorganizando-os em um “grupo fechado”<sup>47</sup>. Foi formado então, o Grupo Coco de Roda de Barra do Camaratuba, também conhecido como Grupo Renascer (BACALHAÓ, 2006, p. 68).

Assim compreendemos a brincadeira do coco de roda em dois momentos distintos, mas também simultâneos. O primeiro faz referência à forma como os brincantes dançavam, sem hora e nem data certa para dançar. Eles dançavam em um grupo “aberto”, caracterizado pela espontaneidade. A partir dos relatos dos narradores, podemos classificar esse tempo como o da diversão, no qual o sentido dado à brincadeira perpassava pelos vínculos comunitários. O segundo momento se dá quando, devido a intervenções da prefeita, a qual deu roupas e transportes para conduzir os brincantes, reorganizados agora em um grupo “fechado”. Passaram a viajar para se apresentar em eventos nos municípios vizinhos ou em outras comunidades, como relataram dona Carminha e seu Epitácio,

*Já fomo brincar em Lucena, em Mataraca, há dois anos atrás. A gente fumo pra brincar. Foi a prefeita que inventou essa brincadeira pra gente ir. Aí o ônibus vinha e buscava a gente (Carminha, E56 em 28/12/05).*

Como narrou também Dona Rita Branca,

**A senhora aprendeu com quem a dançar e cantar coco?  
Eu menina, desde menina que eu brinco. Desde quando eu era**

---

<sup>47</sup> Segundo Bacalhaó (2006, p. 64) a brincadeira do coco teve sua primeira reelaboração, como “grupo”, no início da década de noventa, incentivado pela prefeita Eliane. E em 1997, a prefeita Cláudia, já com intenções políticas, começou a convidar os moradores para realizar a brincadeira retomando os convites ao “grupo”, mas este fato foi evidenciado na sua gestão municipal.



desse tamanho. (...) Lá em coqueirinho [povoado indígena vizinho] (...) Minina! Eu tô com quarenta e cinco anos que eu moro aqui. **E o pessoal sempre brincava coco?** Brincava. Mas aqui eu comecei a brincar mais aqui quando Claudinha [a ex-prefeita] ganhou nééé. **Em 2000?** Foi. Aí começou a butar perguntando quem queria brincar, chamando o povo, aí a gente brinca, aí entrei (...) **Quem era que organizava [a brincadeira] na comunidade?** Era Claudinha, agora a mãe dela que tomava conta da gente quando andava pelo no meio do mundo (E54, em 28/06/2005).

Devido essas iniciativas, a prefeita “Claudinha” ganhou credibilidade na comunidade porque de certa forma favoreceu, em alguns momentos, mas não em todos<sup>48</sup>, ao acontecimento da brincadeira, num tempo e num espaço diferenciado do anterior. Naquele momento a brincadeira deixou de ser somente diversão, sendo-lhe atribuído um caráter de apresentação ou “representação”, definição dada por dona Alice.

Teve uma vez que a gente foi pra fora, pra praia de Lucena, com o grupo dos idosos. Lá foi ótimo visse, só que a gente demorou pouco, mulher! Saímos daqui de quatro horas que o carro veio pegar a gente, aí quando chegemo em Mataraca demoremo um pouquinho passou em Mataraca demorou um pouquinho e chegemo quase seis horas, mas a gente demorou muito pouco. Teve muita representação... Cabedelo, num sei de onde, num sei de onde, fora, mas quem inventou esse negócio foi a mãe da prefeita Cláudia, aí sim aí começou, aí fumo pra lá... outra vez... era tanta da gente. (...) Foi muito aplaudido o coco da gente, sei que era cheio de coisa assim, mas... era competição, isso tá com uns três anos mais ou menos, aparece que foi 2002, 2003 organizada pela prefeitura, depois a gente foi para Itapororoca... foi bom todo. Até um dia tinha uma festa lá e fizeram o pedido para a gente dançar lá (E56 em 28/12/05).

---

<sup>48</sup> Isto porque no dia em que se comemorava a festa de São Pedro, os coquistas não foram convidados a dançar, como descreveremos no quinto capítulo.

Nesse momento, observamos uma tradição reinventada, reelaborada, diante do contexto social, como uma forma de resistir e, assim, manter-se para reafirmação da identidade do grupo. Vale ressaltar que foi o período em que os moradores locais vivenciavam, com mais frequência, transformações de cunho turístico, em seus espaços.

Dona Alice foi uma das moradoras/nativas que nos conduziram a conhecer mais sobre esse segundo momento vivenciado pelo grupo de coco de roda. Conversando com ela, na sala da sua casa, ficamos sabendo um pouco sobre essas “histórias”. Enquanto penteava os cabelos, contava que

Foi há uns dois anos atrás... (...) foi no tempo que inventaram esse negócio do coco, aí disse: Eu vou. Aí butaram eu ali. Aí fui... Aí... já o coco, tava bem animado o coco...E tem um bucado de tempo, sempre quando tinha coco eu ia brincar. Eu ainda sei os passos tudinho (Alice, E50 em 24/06/2005).

Como também conta dona Carminha,

Já fomo brincar em Lucena, em Mataraca, há dois anos atrás... (E56 em 28/12/05 ).

Observamos que nas narrativas de dona Alice, aparece o termo “inventaram esse negócio de coco”. Na verdade ela está se referindo à forma como o grupo foi reorganizado e retomado, com a intervenção da prefeitura. Apesar dos coquistas terem vivenciado esses momentos de “apresentações”, não podemos negar que a brincadeira aconteceu também espontaneamente nesse mesmo período, como observamos no dia anterior à festa de São Pedro de 2002, fato que será relatado a seguir.

Segundo as narrativas dos moradores, as intervenções da segunda gestão municipal à brincadeira do coco de roda iniciaram em 2004, mas não se tratou de um certo “apoio”, como aconteceu na gestão anterior, mas um “não apoio” aos coquistas, ou seja, não possibilitaram a realização da brincadeira, dentro ou fora da comunidade. Nesse período, os interesses políticos e econômicos ainda foram mais explícitos do que o outro mandato, almejando atrair turistas para movimentar a economia local, favorecendo, principalmente, aos donos de pousada. Dessa forma, a atual gestão municipal não mostrou interesse, até o momento em que estávamos

em campo conversando com os moradores e observando as festas, para com os brincantes do coco de roda<sup>49</sup>. Mesmo assim, os moradores/brincantes continuaram tentando “reviver” não somente na memória, mas também na prática, a brincadeira popular do coco de roda, como narrou seu Epitácio,

Eu pra brincar um coco... que toda vida eu brinquei. Tirei coco, cantei coco (...) Ah! Cantando uma brincadeira, quando eu vejo que não tá dando para mim, eu deixo e vou embora, mas quando eu vejo que a brincadeira tá certa a gente faz. Que aqui tem muito cantador de coco (...) Eu gosto demais pra falar a verdade (E56 em 28/12/05).

Outra brincadeira citada nas entrevistas e observada na pesquisa de campo foi a quadrilha, dança junina onde participam homens e mulheres, trajados com roupas de caipira, compondo a história mais recente, pois começou a ser realizada nas festas juninas (São João ou São Pedro) em 2002, com a participação da prefeitura na realização da festa, pois, *“não existia quadrilha, o povo nem sabia o que era”*, como afirmou Maria dos Navegantes. Estas últimas questões serão tratadas no quinto capítulo, quando descrevermos a festa de padroeiro: São Pedro.

---

<sup>49</sup> Isto também se dá por questões de conflitos internos, ocorridos ao longo dos anos, devido a questões de administração política. Pois essa gestão municipal está ligada à mesma família que esteve no “poder” por mais de trinta anos.

## 4 TURISTIFICANDO O "LUGAR" E A "TRADIÇÃO"

O turismo é a uma atividade promissora de desenvolvimento econômico e urbano, nos discursos hegemônicos (políticos e econômicos). Nas análises de Sílvio Figueiredo, essa atividade pode ser entendida como uma forma particular da sociedade capitalista industrial, que surgiu num contexto global com as transformações ocorridas nos séculos XVIII e XIX, ou seja, com a instalação do capitalismo. E foi no século XX que ele mais se desenvolveu em termos mundiais. Tendo como principal função a "recuperação da fadiga, do stress, que o trabalho proporcionaria na nossa sociedade moderna, bem como o conhecimento e a apreciação de ambientes e culturas diferentes" ( FIGUEIREDO,1999, p.208).

Para Fontelles (2004), o turismo é visto, como num todo, mais complexo, pois pode ser uma alternativa do capitalismo para se expandir, para obter novas conquistas, gerando outras modalidades de consumo. Transforma a natureza e a cultura em mercadorias, aliando-se à lógica de internacionalização do capital, da globalização (a homogeneização).

Não pretendemos desenvolver uma discussão sobre globalização, apenas fazermos algumas considerações. Entende-se por globalização um fenômeno multidimensional iniciado na década de 1950 e que se expandiu no final deste século em um processo irreversível. Segundo Fontelles (2004), trata-se de um processo transformador da cultura, da sociedade e da política sem poupar classes sociais, movimentos sociais, partidos políticos, ideologias e utopias. Globalizam-se a cultura, os produtos, os hábitos de consumo, os serviços, o lazer, o turismo, etc, interferindo na identidade das pessoas. Para ele,

A globalização cria ilusões sobre a possibilidade de homogeneizar os aspectos políticos, econômicos e socioculturais. As mesmas forças que tentam homogeneizar fragmentam, criam adversidades, recriam e multiplicam articulações e tensões [...] Dessa forma, a globalização, ao mesmo tempo em que tende a homogeneizar, diversifica. [...] Em certo sentido a globalização reelabora e amplia as contradições, construindo novas formas de relações sociais, ocupando novos espaços, envolvendo diversos atores sociais, ora convergindo, ora contrapondo-se (FONTELLES, 2004, p.70-71).

Nessa mesma perspectiva de raciocínio, García Canclini (1983, p.66) afirma que ainda que o sistema capitalista proponha uma homogeneidade urbana e o “conforto tecnológico” como modelo de vida, mesmo que “o seu projeto básico seja apropriar-se da natureza e subordinar todas as formas de produção à economia mercantil, esta indústria multinacional que é o turismo necessita preservar as comunidades arcaicas como museus vivos”. Por isso,

[...] inserindo-se no bojo da dinâmica e da complexidade pós-industrial, o turismo atravessa as fronteiras dos países desenvolvidos, explorando o setor de serviços nos países subdesenvolvidos, já dominados econômica e culturalmente, portanto em busca de oportunidades de investimentos que gerem emprego e renda, mesmo comprometendo a qualidade de vida das gerações presentes e futuras (FONTELLES, 2004, p.87).

No Nordeste, o fenômeno turístico começou a surgir nos anos 80 com a criação da PRODETUR e, com ele, “as capitais nordestinas banhadas pelo mar e algumas comunidades litorâneas são descobertas pelo turismo” (PAIVA, 1997, p.50). Nesse processo, ao longo dos anos 90, o turismo começou a atuar muito que minimamente, via EMBRATUR e a PBTUR, no estado da Paraíba, inserindo essa atividade ao setor econômico do Estado.

O turismo é “a bola da vez” para o governo atual. Sua prática se faz como uma das atividades que podem ser desenvolvidas, já que atrativos naturais e culturais não faltam à região. Pensa-se nas praias, nos lugares considerados “exóticos”, isolados, de belas paisagens com características tradicionais, com ambientes propícios para implantação de um turismo ecológico, cultural, de lazer, náutico<sup>50</sup>, entre outros. São vinculadas na mídia imagens de comunidades litorâneas, expondo os seus espaços de trabalho do pescador (os rios, o mar, o mangue), as formas de expressão da cultura popular (festas, danças, cantos), a natureza “intocada”, o lugar selvagem, o “rústico”, entre outros, como fascínio para o lazer, transformando-as em mercadorias pra serem vistas e consumidas.

---

<sup>50</sup> Esse tipo de atividade turística começa a ser pensada na Paraíba, onde o mar passa a ser o *locus* de “exploração”. São pessoas que compram barcos e saem velejando, descobrindo pelos mares lugares pouco habitados. Essa é uma proposta ainda em pauta para compor o tipo de turismo implantado no estado paraibano.

Foi criada a Associação dos Municípios Turísticos do Litoral Norte - AMTUR<sup>51</sup> para realizar calendários de eventos turísticos e promovê-los em parceria com as prefeituras. E, nessa perspectiva, a costa paraibana, especificamente no litoral norte começou a aparecer de forma mais evidente, a partir dos anos 2000, no setor midiático como lugares propícios ao lazer. Um pedaço de faixa litorânea peculiar por apresentar uma reserva indígena (na Baía da Traição) e comunidades que passaram um tempo praticamente isoladas, devido à sua formação geográfica e à falta de estradas, o que, de certa forma, impossibilitou um processo de urbanização podendo manter por um longo tempo características “tradicionais” ligadas a pesca e a manifestações da cultura popular. Entre essas comunidades, encontramos Barra do Camaratuba começando a inserir-se nas rotas do turismo paraibano, sendo considerada uma das últimas praias do litoral norte paraibano, que vivência esse processo, sendo colocada num quadro constante de turistificação<sup>52</sup>.

Falar em turismo na Paraíba é tocar no assunto do momento, em que é exposto como o “melhor caminho” ou mesmo a “salvação” para o setor econômico regional. Isto porque promete gerar renda e emprego para os habitantes de “lugares”, onde as condições de sobrevivência são mínimas. Mas nem tudo é tão belo e fácil como se pode imaginar. A partir da leitura de vários autores, percebemos como muitas vezes sua implantação pode ser conflituosa e problemática e isto acontece quando o turismo é pensado de “cima” (pelas gestões municipais, secretarias de turismo, empresários turísticos) para “baixo” (a comunidade), ou seja, quando não é planejado juntamente com a comunidade local. Figueiredo (1999) classifica esse tipo de turismo como predatório<sup>53</sup>. E este, por sua vez, implica em transformações<sup>54</sup>, impactos, mudanças nas festas, intervenções externas etc.

Podemos perceber que, com os empreendimentos turísticos, ocorre uma massificação da cultura popular e os lugares com praias “selvagens” e comunidades

---

<sup>51</sup> Ver anexos

<sup>52</sup> Entendemos por turistificação a forma como o turismo muda o sentido e o significado de objetos, paisagens, lugares para promoção comercial e geração de capital.

<sup>53</sup> Entenda-se por turismo predatório aquele que não considera o planejamento, a instalação e a operação adequada (SUDAM apud FIGUEIREDO 1999, p.209).

<sup>54</sup> Vale ressaltar que as transformações que apontamos nesse trabalho têm um sentido duplo: ora elas aparecem como consentimento da população local, resultante do processo da dinâmica cultural, pois “a mudança é, portanto, um modelo de cultura” (DIEGUES, 2004, p.42) e em outros momentos como intervenção de fatores externos numa arena conflituosa onde os interesses da população são divergentes aos dos seus administradores públicos e empresários turísticos.

que apresentam no seu cotidiano manifestações culturais (as festas) vão sendo incorporados num turismo de viagem, como referencial para visitas, propício para lazer e investimentos imobiliários. Esse tipo de turismo é definido por Brito (2004, p. 68) como “uma forma de exploração de atividade, sugerindo para os visitantes a contemplação de elementos da cultura de um determinado destino turístico”. As propostas turísticas vão “dialogar” com a cultura local e isso pode acontecer de forma conflituosa, quando há uma apropriação dela para interesses políticos e econômicos.

Como observa Figueiredo (1999, p. 210), afirmando que “existe uma lógica no turismo de ver o “atraso”, como principal recurso para a criação do produto turístico, esse atrasado seria, para os agentes turísticos de lugares que ainda não vivenciaram o processo de urbanização e com isso algumas de suas características tradicionais ligadas aos modos de vida, à cultura, tornam-se de grande interesse para o desenvolvimento de sua atividade, apropriando se assim dos seus elementos de práticas culturais como, por exemplo, as festas.

Nessa mesma perspectiva de análise, podemos citar García Canclini (1983, p.67) que afirma que o turismo tem uma função, dentro das sociedades tradicionais ou rurais, de transformar qualquer apelo referente à tradição, ou a associação ao “atraso”, em boas mercadorias para serem vendidas, ou seja, o que aparentemente não tem valor dentro do capitalismo é transmutado, embalado e transformado em possibilidade de troca (venda) pela atividade turística. Isto pode ser percebido em suas análises sobre o artesanato e as festas mexicanas, ambos representantes do diferente e da diversidade, do “exótico”, “rústico”, onde a festa se transforma em feira e depois em espetáculo. “Um espetáculo interurbano, nacional e mesmo internacional, conforme seu alcance turístico.”

Assim, não podemos deixar de perceber que a atividade turística poderá implicar em ressignificações e refuncionalizações nos espaços de moradia, de trabalho e de diversão de comunidades como Barra do Camaratuba, nosso campo de pesquisa.

Falar sobre o turismo de Barra do Camaratuba, torna-se uma análise, por vezes, complexa por se tratar de um “fenômeno” recente e no auge do seu desenvolvimento. Apresentando ainda características “rústicas”, festas tradicionais e belas paisagens, a comunidade tem se tornado um atrativo turístico. Dessa forma, é importante tentar compreender como vão emergir as novas práticas culturais,

quando o processo de turistificação implica na realização das manifestações da cultura popular que, ao serem “confrontadas com outras culturas”, reestruturam os modos de vida dos moradores; refazem seu cotidiano.

Como esse trabalho se propõe à análise do conjunto das práticas culturais reconstruindo histórias de Barra do Camaratuba que levam a uma compreensão do “hoje” dialogando com o “ontem”, focando as manifestações culturais do passado, e como estão no presente no cenário turístico, achamos pertinente contarmos como se deu esse processo na comunidade, antes de falarmos da festa de São Pedro, onde poderemos perceber algumas implicações dessa atividade nos elementos da tradição.

Com as entrevistas, procuramos apreender o que os nossos narradores pensam e como percebem esse recém chegado: o turismo. Para isto, procuramos, neste capítulo descrever como se deu esse processo no lugar, apontar impactos destacados por eles, mostrar como se articulam a nova alternativa econômica e citar brevemente outras comunidades que vivenciaram processos de transformações implicados na atividade turística, para mostrar como essa atividade pode influenciar de várias formas a vida da população nativa, entre outros pontos que achamos pertinentes para análise a que aqui nos propomos.

#### **4.1 A chegada dos “outros”: o turismo em Barra do Camaratuba**

Para compreendermos o processo de desenvolvimento do turismo, dentro do contexto social e cultural, procuramos moradores “antigos”, nativos ou aqueles que vêm vivenciando esse processo. Suas histórias relatam que a atividade turística na localidade se deu devido a vários fatores, os quais também estão relacionados à chegada de “outros”. O primeiro refere-se à chegada dos surfistas, atraídos pelas altas e fortes ondas do mar.

*Mas vinha muito surfista pra cá, eles ficavam na minha pousada, uns quartinhos que tenho aí. Acho que foram os primeiros turistas que chegaram aqui (...) Sempre, aqui sempre foi o surfista. Aqui não vinha turista, agora é que tá vindo né, fica quase cheia toda... mas começou com os surfistas. Oxente! Foi o primeiro a vim pra Barra, foi o surfista, campeonato de surf né, agora não, agora*



não. Nunca mais teve campeonato, mas quem trazia, os turista o... os surfistas. Mas aqui era muito animado mesmo o surf aqui. Tinha, às vezes tinha três campeonatos, quatro por ano, mas agora depois do plano real mudou, acabou, meu Deus! Foi depois do plano mesmo. Depois do plano só houve é... no verão. É porque, é, pra fazer o campeonato aqui tem que ter patrocínio né. Aí, só que agora eles disseram que é mais difícil. Eles só querem patrocinar só lá pra praia de João Pessoa mesmo, pra as de perto, mas pra as de longe, aí a não ser que a prefeita ajude agora os surfistas fazer campeonato. Segundo o que eu ouvi falar, não sei, que vai haver um agora em setembro. De agosto pra setembro, não sei se realmente vai haver né. Eu ouvi falar só de... mas que os pobres dos surfistas foi quem atraiu Barra foi. Foi primeira atração turista, ah! Foi do... foi do surfista (Mãe Santa, E32 em 19/02/2002 ).

(...) E a partir daí o pessoal passando por aqui, aqui é uma praia, já disse que é a praia bem falada do surf né, a praia conhecida pelo surf, já teve campeonato do surf né, surfista, e então através disso aí um amigo vem, gosta, acha bonito, traz outro amigo, né. Pronto, tem uma equipe ali que tá naquela ali e veio um final de semana, alugou uma casa e gostou, já veio outro final de semana e com isso vai atraindo os turistas..." (Belezal, E22 em 19/01/2002).

O segundo está relacionado à influência de João Madruga, ex-presidente da PBTUR, ex-prefeito da cidade de Mataraca, gestor nos anos 70 que, desde então, conhecendo as potencialidades ambientais do lugar, começou a elaborar projetos turísticos e a inserir a comunidade como opção de atrativo para visitas e veranismo.

Tinha seu João Madruga, é um grande homem... a gente tem cobertura de João Madruga que é um irmão... aí deu uma ajuda (Toro, E21 em 19/01/2002).

E o terceiro está relacionado à divulgação do lugar e à construção de casas na área em frente ao mar, e à chegada dos veranistas, no final dos anos 90. Naquela época, a atividade turística se dava como um turismo de veraneio.

Tão divulgando. Tão divulgando a Barra do Camaratuba, que sempre tá em primeiro lugar aqui dessa costa aqui, pra ser a costa da Paraíba derradeira como a gente aqui né, da Barra. Mas tão divulgando melhor do que Baía da Traição. Baía da Traição que é, oxé! Nem se compara (Toro, E21 em 19/01/2002).

Depois vieram a construção de estradas que dão acesso à comunidade e a abertura de um caminho de piçarra, facilitando a entrada de carros para a Boca da Barra, o local que, pela bela paisagem natural, foi se tornando o ponto de maior atração turística e lazer<sup>55</sup>. Também foi colocada a primeira balsa<sup>56</sup> (fig. 14), no ano de 2001, no rio Camaratuba, ligando assim a comunidade às aldeias indígenas, na Baía da Traição, facilitando, dessa forma, um aumento do fluxo de turistas que transitam entre os estados do Rio Grande do Norte e a Paraíba. Isso promoveu o interesse em investimentos na área, assim como, a chegada de turistas no lugar.



Figura 14 – Primeira Balsa na comunidade  
Fonte: Gekbede Silva, em 2001

Sempre aqui apareceu gente, agora aqui não entrava é, carro simples, só entrava o carro traçado ou bugre (Belezal, E22 em 19/01/2002 ).

Eu acho que depois dessa estrada e da balsa facilitou mais essas coisa... tá chegando mais gente (Toro, E58 em 28/12/05).

Percebemos que é na atualidade, com a vinculação da comunidade às rotas do turismo paraibano, que é evidenciada a chegada de turistas e o aumento da especulação imobiliária e, com ela, a venda de vários terrenos para empresários estrangeiros, entre outros donos de pousada. Talvez quando estes estiverem de fato residindo ou construindo hotéis e mais pousadas na comunidade, esta situação venha a ser identificado como um quarto fator.

4.1.1 A comercialização, o artesanato e a prestação de serviços: as novas alternativas de trabalho.

<sup>55</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

<sup>56</sup> Cf. SILVA (2003).

Uma comunidade originada da pesca e da agricultura começou a ver no turismo, ainda recente, novas possibilidades de emprego, trabalho e melhoria da renda familiar, mas também sua inserção como atividade econômica produz novos hábitos, estilos de vida, como afirma Fontelles (2004, p.93): na “atual fase do capitalismo, caracterizando-se como serviço no processo de trabalho, o turismo passa a ser importante espaço de produção – produz atitudes, estilos de vida e padrões comportamentais, principalmente nos núcleos receptores.”

Pessoas que antes viviam das pescarias e da plantação de roçados começaram a mudar algumas práticas, passando a comercializar sua própria residência, assim como comidas, bebidas, principalmente em finais de semana, na época de veraneio, quando na praia encontra-se um considerável número de visitantes. Outros buscam outras atividades. Prestam serviços como salva-vidas, como guia de turismo, agente de saúde, funcionário público da prefeitura, entre outros, mas estas atividades são exercidas por uma minoria, pois podemos encontrar uma população vivendo ainda em condições de miséria e desemprego ou tendo apenas a aposentadoria como única fonte de renda, e a renda gerada pelo turismo beneficia mais os donos de pousadas, os quais não são moradores locais.

O que percebemos é que o turismo é visto, para alguns, como algo positivo enquanto possibilidade de alternativas de trabalho.

*Acho como uma coisa boa. Sabe por quê? Porque aqui o pessoal é muito carente e se isso acontecer tem fonte de trabalho pra o povo, porque aqui mesmo neste estabelecimento, é aqui no meu bar né. Se aqui tivesse uma fonte de renda que tivesse assim bem...aí tem uns dois ou três prédio ali, aí com isso já ajuda, não é? Não só aqui como aí têm as outras pousadas outros bares e cada um fazia sua barrquinha também pra vender qualquer coisa (Mãe Santa, E33 em 19/02/2002).*

*Mas isso aqui era um, um pedaço de terreno aqui que não habitava muita gente, não vinha praticamente turista nenhum. Isso aqui era tudo sujo, palha de coqueiro, litro quebrado, isso era copo, tudo. Então, a partir daí que eu comecei a negociar aqui na Boca da Barra, é, com a barraca (...) Então pra mim é uma, uma honra eu tá aqui na Boca da Barra*

atendendo os turistas, isso é turista, surfista local, isso é autoridade, prefeita, prefeito, quem chegar aqui eu estou pra atender. E com essa chegada desse pessoal, movimenta mais o local, mas também deixa mais renda. Tem, aqui tem uma média de um bocado de jovens já, parece que trabalham né. Trabalham e com isso aí, o lugar vai, é, multiplicando... Eu e várias pessoas trabalhamos em cima do turismo. Se tiver um bote bota pra alugar, uma casa ou tem uma pousada, um restaurante... até as casas. Tão indo para casa dos filhos, tios, aluga e fica tudo apertadinho, mas vão (Belezal, E22 em 19/01/2002).

Eu tô feliz demais, consegui emprego lá e já subi de cargo, pelo menos é um dinheirinho a mais, que aqui não tinha emprego, aí com a chegada desse pessoal aí e dos turistas vai todo mundo fazendo alguma coisa. Hoje eu trabalho na boate e também na Boca da Barra como salva-vida e ainda vou surfar... e pesco também... (Soca, anotação em caderno de campo, 2005).

Os moradores da Barra, percebendo a chegada de “outros”, começaram a buscar formas de alternativa econômica na atividade turística. Pessoas que antes trabalhavam na agricultura e pesca, foram começando a realizar serviços prestados para o turismo. Alguns pescadores inclusive deixaram de pescar e hoje colocam seus instrumentos de pesca, como barcos e canoas para passeios ao longo do rio, principalmente na época do “defeso”, quando estes deixam de pescar.

Mãe Santa é a única moradora nativa<sup>57</sup> que ainda possui casa à beira-mar. Nesse espaço, ela construiu, no final dos anos 90, um Bar e Pousada Brisa-mar, também conhecido por Bar e Pousada de Mãe Santa. Também foi uma das primeiras, entre os moradores/nativos a construir esse tipo de estabelecimento comercial para atender às pessoas vindas de fora. Ela conta que, percebendo a procura dos surfistas e turistas que queriam passar a época de veraneio, decidiu fazer uns quatinhos, ao lado de sua casa, em 2005<sup>58</sup>.

Poderíamos citar também seu Antônio Amaro, conhecido como Antônio da Arraia. Devido ser considerado um dos melhores pescadores de arraia da

---

<sup>57</sup> As outras casas e pousadas pertencem a pessoas vindas de outras localidades e foram construídas há mais ou menos quatro anos.

<sup>58</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

comunidade, decidiu também nos anos 2000 construir um estabelecimento comercial, depois que muitos turistas saíram da Barra sem ter um lugar onde pudesse, fazer refeições. O seu bar, até 2002, era um dos poucos na comunidade e um dos mais freqüentados pelos turistas e moradores.

Teve um dia que veio um pessoal aqui e não tinha nenhum lugar para eles almoçarem, aí foram embora com fome. Aí fiquei pensando que eu devia era colocar um bar e aí depois disso eu resolvi fazer (Antônio da Arraia, E51 em 28/06/2005).

O bar passou um período fechado por questões judiciais, devido a uma discussão com um dono de pousada, fazendo com que ele voltasse a sobreviver somente da “pouca pesca”<sup>59</sup> e da construção de pequenos botes e *baiteras*. Ele contou que na festa de São João de 2004, chamou um sanfoneiro para tocar em seu bar e o proprietário da pousada Porto das Ondas reclamou dizendo que ele estava fazendo política. Isso gerou uma confusão e seu Antônio foi preso temporariamente e solto sob a condição de pagar por um ano fiança à delegacia municipal. Em uma de nossas últimas conversas, ele falou em tom de revolta.



O fórró de sanfona que não faz mal a nada, veio dizer que era política que eu tava fazendo... mas eu vou tornar a abrir o bar (Antônio Arraia, E51 em 28/06/2005).

Figura 15 – “Fórró de sanfona” no Bar da Arraia

Fonte: Antônio da Arraia, 24/06/2004

O ano passado foi a vez de Maria de Fátima, conhecida como Moça, transformar uma parte de sua casa em um pequeno restaurante<sup>60</sup>, depois de trabalhar como chefe de cozinha em pousadas locais, onde adquiriu experiência. Hoje seu estabelecimento serve como ponto de apoio aos funcionários do Programa de Saúde da Família do município de Mataraca que atendem na comunidade.

O turismo vem aos poucos se tornando um novo “mercado de trabalho”, ainda que muito pequeno e, assim como Mãe Santa, seu Antônio da Arraia, Moça,

<sup>59</sup> Essa é uma expressão que os pescadores usam para definir a pesca de pouca produção.

<sup>60</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos

outros moradores articulam-se como podem para receber os visitantes. Alguns construíram bares, outros pequenos alojamentos, quartinhos nos fundos de sua casa ou alugam toda sua residência na época de veraneio, passando para a casa dos parentes. Isso mostra que “a mercantilização praticamente passa a ser a mola mestra de qualquer comportamento social do grupo onde até mesmo a hospitalidade passa a ser um produto vendido e comercializado” (KRIPPENDORF apud FIGUEIREDO, 1999, p.217).

Um dos momentos em que pudemos observar o maior número de residências dos nativos alugadas para pessoas de fora<sup>61</sup> foi quando chegaram à Barra trabalhadores das empresas MILPLAN e EQUIPEX, as duas a serviço da mineradora LYONDELL. A contratação feita por essa empresa gerou emprego para alguns moradores. Foram contratados mais de vinte homens da Barra para trabalhar na mineradora.

A partir daí, algumas mulheres começaram a trabalhar em serviços gerais nas casas que foram alugadas e nas pousadas, como relatam alguns moradores,

(...) Eu saí da pousada e tava trabalhando em três casas. Saio de uma e vou para outra. Tá sendo bom porque tem muita gente trabalhando daqui (Maria das Dores, caderno de campo, 2002).

Eu e várias pessoas trabalhamos em cima do turismo. Se tiver um bote bota pra alugar, uma casa ou tem uma pousada, um restaurante... até as casas. Tão indo para casa dos filhos, tios, aluga e fica tudo apertadinho, mas vão (Belezal, E22 em 19/01/2002).

Outra alternativa de trabalho encontrada pelos moradores foi o artesanato para vender aos turistas e demais interessados. São vários os que usam de sua arte para representar as belezas naturais e a cultura da comunidade. Artesanatos em forma de cestinhas feitas da fibra da palha do coqueiro, de objetos feitos de madeira de mangue, de bijuterias, entre outros. Seu Antônio Careca, cunhado de Mãe Santa, que sempre gostou de pintar a Boca da Barra e fazia peixes e barcos com material extraído dos coqueiros e manguezais, também está fazendo bijuterias usando

---

<sup>61</sup> Este fato está relacionado ao terceiro momento de ruptura da sociabilidade antes existente, na história do lugar, como mostramos no capítulo 3.

sementes de plantas, a quenga do coco, entre outras matérias-primas encontradas no lugar. Como alternativa de trabalho, alguns moradores fazem artesanato para vender a alguns turistas que visitam ou veraneiam e demais interessados e, para eles, isso também é uma forma de divulgar o lugar.

*Eu faço artesanato de tudo que é jeito, e vende bastante... dá pra ganhar um dinheirinho e divulgar aqui a arte do nosso lugar (Antônio Careca, caderno de campo em 28/12/05).*

Desde 2002 encontramos mulheres fazendo artesanatos de fibra da palha do coqueiro para vender para o SEBRAE e turistas<sup>62</sup>. Dentre essas mulheres, conhecemos dona Maria da Conceição, uma senhora que residia há pouco tempo na comunidade. Ela disse que fazer “esse tipo de arte” era uma boa alternativa de geração de renda, embora, o artesanato fosse mais vendido para fora da comunidade, como SEBRAE, outros municípios e em feiras. Maria da Conceição acrescenta ainda o fato de os artesãos enfrentarem dificuldades para vender seus trabalhos na própria comunidade porque os visitantes não têm o hábito de procurá-los. Foi ela também que ensinou, a outras pessoas da comunidade, a usar a fibra da palha do coqueiro para artesanato, como mostra em sua narrativa,

*Maria Ramos da Conceição dos Santos. Sou de Nísia Floresta, Rio Grande do Norte. Tô aqui há dois anos (...) a gente tinha uns amigos aqui, no outro lado, sabe, a terra dos índios, aí a gente veio pra lá, a gente gostou, a gente veio pra cá morar aqui. Vim procurar trabalho. É, trabalho também. Eu achei bom aqui, porque a gente conseguiu trabalhar aqui com as fibras né. E a gente, perto com a prefeita ali, ela informou SEBRAE, aí o SEBRAE ficou comprando as vasilhas que a gente faz. (...) o material a gente pega aqui mesmo, e o SEBRAE é encarregado para... comprar. Faz o pedido e a gente faz, e eles vêm buscar, leva pra vender, vêm pagar... Aqui na Barra é difícil aparecer uma pessoa pra comprar. Somente fala. (...) Eu fiz o curso no Rio Grande do Norte e ensinei as outras. As minhas filhas todas sabem fazer. A gente pretende trabalhar, fora do SEBRAE, a gente pretende fazer bastante coisa. Trabalha uma mulher que*

---

<sup>62</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

chama o nome dela é, Dôdo ali, trabalha Josineide, só as três que trabalha. A gente faz aqui pra o turismo (...) A gente quando manda pra feira o artesanato, aí vai tudo com o nome daqui, meu nome, telefone e tudo... A gente usa a fibra da palha do coqueiro, somente. A gente puxa a fibra da palha do coqueiro, e faz essas pessoas todinha, faz a cesta de aniversário, faz pra decoração, arranjo pra colocar arranjo, faz o peixe, tartaruga, jacaré, caranguejo, todo o tipo de material que pedirem a gente faz. Não é tão fácil não (risos), mas a gente faz (...) aquela parte da palha do coqueiro, que tem no meio, tira o palito que fica do lado né. A gente pega a parte do meio, a gente abre e puxa as fibras, passa no ralo... A gente faz bolsa de cipó...a gente tira... tira na mata. (...) Os turistas, eles vêm, mas acho que não se interessa muito. Eu vejo turista pouco difícil pra cá. Agora quando sai assim pra fora, pra uma feira, aí vende bastante (...) A prefeita sempre ela compra, quando tem uma feira em João Pessoa, ai ela manda, faz um pedido pra mim eu faço, ela leva. Vende pra lá, mas aqui, em Mataraca mesmo não (...) Esse daí, eu vendo para o SEBRAE de um real e cinqüenta... e a cestinha é um real (M<sup>a</sup> da Conceição, E38 em 19/02/2002).

O turismo, apropriando-se das formas do capitalismo, pode gerar renda e outras alternativas de trabalho, mas por ainda ser considerado recente em Barra do Camaratuba e, apesar da chegada de “outros”, possibilitar uma pequena e relativa comercialização, não proporcionou um desenvolvimento para a comunidade e uma visão de mercado para o artesanato produzido no local. Falava-se, em 2002, na criação de um ambiente onde seriam expostos todos os artesanatos da localidade (SILVA, 2003, p. 68-70), no entanto isso nunca foi feito.

Dessa forma, os moradores, percebendo um relativo crescimento, proporcionado pelo turismo, vão buscando nele uma nova alternativa de trabalho: o comércio e a prestação de serviços. No entanto, a atividade turística não tem sido suficiente para beneficiar a população local em sua totalidade. Os moradores locais, segundo os nossos narradores (nativos, os mais “antigos”, brincantes, pescadores), muitas vezes se sentem limitados, sem recursos financeiros para investir em algo que possa gerar mais renda e, também, quando se encontram frente a interesses diferentes aos da administração pública, aliada a donos de pousada. Como mostra



Toro<sup>63</sup>, que trazia em suas narrativas de 2002 expectativas em relação ao turismo como uma atividade possibilitadora de desenvolvimento local<sup>64</sup>,

Tá sendo algo positivo porque tá todo mundo trabalhando é, tão deixando alguma coisa (Toro, E44 em 29/05/2002).

No entanto, nos últimos diálogos soavam como um “desencanto” a forma como o turismo está sendo promovido, pelos donos do capital, sem a participação dos moradores locais. Mesmo assim, essa atividade permanece como uma alternativa de melhoria de vida.

O turismo rapaz... tá do mesmo jeito. Acho que tá cada vez pior (...) O homi [Ivan Burity] tá vendendo tudo pra gringo e nós vai ficando a mercê trabalhando como pode. É o que a gente tá se envolvendo agora nesse ano, porque a gente tá querendo trazer o turismo (...) que pode trazer coisa boa também. Você viu a limpeza aí? O turismo tem tudo pra crescer aqui e a gente espera que dê certo... por enquanto eu tô aqui trabalhando no meu barquinho (Toro, E58 em 28/12/05).

## 4.2 Projetos Turísticos

Em conversas com lideranças locais, percebemos que muitos dos projetos que são desenvolvidos para a comunidade não passam pelo conhecimento deles. Segundo suas narrativas, a partir do ano de 2002, o ex-secretário de turismo da Barra do Camaratuba, Antônio Madruga, Ivan Burity e a prefeita elaboraram vários projetos turísticos para a comunidade. O único conhecido entre eles refere-se à reestruturação das caiçaras comerciais<sup>65</sup>, pertencentes ainda a alguns moradores/pescadores. Nessas caiçaras eles comercializam bebidas, peixes,

---

<sup>63</sup> Ele foi um dos primeiros entre os pescadores a darem outra função ao seu instrumento de pesca, usando o bote de pesca, único barco a motor do lugar até 2003, para passeios turísticos pelo rio Camaratuba. Tornou-se o chefe dos salva-vidas e foi um dos primeiros a incentivar os demais pescadores a exercer atividades de serviços para o turismo.

<sup>64</sup> Cf. SILVA (2003).

<sup>65</sup> Essas caiçaras foram feitas pelos nativos, no final dos anos 90, para armazenamento do material de pesca e, posteriormente, tornou-se espaço comercial e estão localizadas na Boca da Barra.

caranguejo, entre outros aperitivos. Esse projeto pretendia derrubar as caiçaras de palha e construir barracas de alvenaria. O que não estava claro era se depois de toda a reforma elas continuariam a pertencer aos antigos moradores ou à prefeitura e, sendo assim, teriam que pagar um valor estipulado para sua manutenção, como nos narrou Toro e Belezal em 2002.

*Eles estão com esse projeto aí, mas até agora não fizeram nada... pelo menos as barracas vão ficar mais bonitas e limpinhas (...) Talvez depois da reforma a gente tenha que pagar alguma coisa pra eles... (Toro, E21).*

*Eu vi até o projeto, o desenho que vai ser aqui numa média de seis, de acordo com a programação. Primeiro logo seis. Aí de acordo com a programação, seis, oito, dez, doze, de acordo com o determinado tempo. (...) esse projeto com seis não ia deixar ninguém de fora? Não ia deixar ninguém de fora, certo? Agora só que acontece que aqui mesmo aqui na Boca da Barra não, essas barracas todinha, vai ter nêgo que vai ter prejuízo. (...) Isso aí eu digo que não vai ter condições de pagar (Belezal, E22).*

Na época, Belezal já apontava o que poderia vir a acontecer. Nos últimos anos de pesquisa, percebemos que o número de caiçaras comerciais havia sido reduzido, mas não tinham sido reformadas. Perguntei então a Toro porque isto tinha acontecido. Ele explicou que no projeto nem todas as caiçaras poderiam permanecer, então algumas tiveram que ser derrubadas. No entanto o projeto ainda não se tornou algo efetivo. Observamos somente que o cenário da Boca da Barra se encontra modificado com um banheiro que foi construído próximo ao mangue<sup>66</sup>, menos coqueirais<sup>67</sup> do que os que vimos no início da pesquisa, os quais “encenavam” anteriormente a beleza do lugar. Segundo os moradores, eles foram derrubados para condução de energia elétrica para as caiçaras comerciais.

Outro projeto que os narradores não conheciam trata-se de uma lei de criação de uma reserva ambiental, o Parque Eco-Turístico da Barra do Rio Camaratuba<sup>68</sup>, e

---

<sup>66</sup> Este fato causa até hoje muitas discussões entre os moradores, pois tendo sido construído com poucos metros de profundidade e muito próximo ao manguezal e ao rio Camaratuba pode gerar futuramente poluições que causem desequilíbrio ambiental.

<sup>67</sup> Alguns moradores consideraram a derrubada dos coqueirais um desmatamento à mata nativa.

<sup>68</sup> Ver anexos

os planos de gestão municipal que trazem propostas para desenvolvimento do turismo. Em uma das visitas a campo, tendo em mãos o Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Mataraca e a lei nº169/2002 a qual reconhecia e legalizava uma área pertencente à comunidade como reserva ambiental, procurei alguns pescadores, entre eles Toro.

Discutimos as cláusulas do Plano Diretor e, mesmo ele sendo uma das lideranças comunitárias e, principalmente, dos pescadores, e uma das pessoas mais ativas na comunidade, participando de todas as atividades locais, não sabia da existência desse projeto. Toro se mostrou indignado com o fato de projetos importantes como este, que tem escrito em seu contexto a participação de no mínimo um residente local como membro, nunca terem sido conhecidos em sua totalidade. Por exemplo, nunca se soube deste membro. Já que nunca foi deliberado alguma escolha para a comunidade. Perguntei também a outros, se eles tinham o conhecimento deste projeto. Foi unânime a surpresa entre eles em saber que o parque, que parecia ser somente “algo falado”, era lei e que havia tantas propostas de desenvolvimento urbano sem nunca alguém ter pedido as sugestões deles. Portanto, é através de fatos como estes que observamos que as implicações de conflitos internos são geradas por questões econômicas e principalmente políticas, como relatou um pescador,

*Nunca chegou projeto nenhum pra nós. Outro dia fui a João Pessoa. Cheguei lá comprei um jornal. Vi no jornal que a prefeitura tava fazendo tanta da coisa, aquilo outro, eu fui falei, é ta ai no jornal, mas em Barra do Camaratuba nunca chega nada não. Então não serve nada disso não. Porque a família Bessa dominou trinta ou foi vinte e tantos anos, saíram mas tá aí no poder de novo<sup>69</sup> (E... 2005).*

#### **4.3 Turismo não planejado: entre Impactos e transformações**

O processo histórico tem revelado a presença de conflitos políticos e econômicos internos, desde sua formação, que causam de forma direta e indireta, mudanças nos modos de vida e nas práticas culturais.

---

<sup>69</sup> Aqui achamos conveniente não identificar o narrador.

Desde as primeiras visitas ao campo, já percebíamos como o turismo começava a se desenvolver de forma rápida e isto foi nos conduzindo a reflexões sobre as transformações e os impactos ambientais e socioculturais gerados por uma atividade não planejada. Como vimos, na atual conjuntura do município, o turismo constitui um dos elementos que compõem o panorama atual de relações econômicas e sociais, mas a renda criada por ele beneficia uma minoria.

Durante o tempo em que passamos em campo, observamos como a gestão municipal de 2000 e a Secretaria de Turismo mostravam claramente seus objetivos para desenvolver essa atividade, em alguns casos, vendendo a imagem do lugar<sup>70</sup> para atrair pessoas de fora. A parte boa disto foram algumas medidas tomadas para melhorar a imagem local, como por exemplo, os depósitos de lixos colocados em toda a comunidade e alguns moradores contratados para trabalhar na prefeitura no setor de limpeza urbana. Mas o turismo, em comunidades como Barra do Camaratuba, também implica em esferas de conflitos mais amplos, em cujos modos de vida constataremos transformações, impactos ambientais e culturais, entre outros.

Se existe a idéia de que o turismo, ao trazer uma lógica mercantil e capitalista, impõe novas formas de produção material, alterando tanto as formas antes existentes, quanto à cultura dos moradores originais, precisamos observar como eles interpretam essas transformações e como se articulam diante desse novo processo, como estamos mostrando no decorrer das discussões desse trabalho.

Acreditamos que discutir sobre um dado do presente de uma comunidade e, ainda mais, em constante “mutação”, trata-se de uma questão sempre inacabada, pois como esse processo em Barra ainda pode ser considerado um fato recente, sempre haverá novas questões a serem observadas.

Peter M. Burns (2002) propõe que a antropologia abra uma janela através da qual a dinâmica existente entre turismo e cultura pode ser analisada e avaliada, a partir da discussão de questões envolvendo os impactos socioculturais, políticos e econômicos do turismo. Partindo deste pressuposto, fazemos aqui breves colocações mostrando algumas transformações apontadas pelos nativos, pessoas que lutam pela sua sobrevivência, que se mostram preocupadas e descontentes quando uma atividade que deveria gerar renda e emprego reestrutura de forma

---

<sup>70</sup> Ver anexos

conflituosa os espaços de trabalho e diversão e, ainda mais, quando se especula a chegada de estrangeiros com as vendas de muitos terrenos no lugar<sup>71</sup>.

Barra do Camaratuba, como qualquer outro lugar que passa por processo de desenvolvimento<sup>72</sup>, vivenciou alguns impactos sociais e ambientais refletidos em todos os aspectos da vida social dos moradores. Esses impactos estão relacionados a conflitos de posse de terras, à especulação imobiliária e à intervenção de instituições externas (como a prefeitura) nas festas tradicionais. Ao longo da pesquisa, registramos em narrativas gravadas e/ou fotografias, algumas mudanças ocorridas nos planos sociais, culturais e econômicos, nas atividades cotidianas e nas manifestações populares.

Entre as várias histórias de mudança, encontramos a que os moradores contam sobre uma pessoa de Cabedelo que comprou um terreno a uma senhora, herdeira de uma família de influência política, e cercou dois mil e quinhentos metros (região do pantanal e mata atlântica), no ano de 2002, com o objetivo de fazer viveiro de camarão. Isso gerou muita polêmica e discussão entre os moradores que não concordavam com o fato, pois foi desmatada uma parte do mangue, além da poluição que poderia vir a ocorrer ao rio Camaratuba.

Vou falar a refém do cercado que o doutor aí tá fazendo aqui, agravando os trabalhador, pescador né, que tá destruindo o manguezal, uma cerca de dois mil e quinhentos metros e o povo lá da Barra do Camaratuba é todo mundo contra essa cerca. Eu já fui, já falei com a Receita Federal, é, o IBAMA, é, florestal, e até aqui ninguém tomou as providências. Eu fui pra Maceió, lá indiquei o ministro da agricultura né, é nisso já tão pra Brasília e até aqui num tamo sabendo de nada, eles tão cortando, tão cortando manguezal pra fazer viveiro de camarão (...) em mais de três meses, acho que foi em outubro pra cá. Tá roçando e aí vai destruindo o mangue...Está desmatando o mangue, uma cerca de dois mil e quinhentos metros (Toro, E21 em 19/01/2002).

E vai acabar com o mangue, não vai ter caranguejo, tainha, daqui a pouco não vai ter mais nada...Eles serram de moto-serra. Cortam o mangue (Mãe Santa, E32 em 19/02/2002).

---

<sup>71</sup>Os moradores se mostram preocupados com o fato de que, através da chegada de "outros" aumente o custo de vida, prostituição, violência, entre outros fatores.

<sup>72</sup> Cf. FONSECA(2004), PAIVA(1997), CABRAL(2005), MARCELINO(1999).

A pedido da comunidade, a Câmara Municipal de Mataraca realizou reunião no dia 21 de Fevereiro de 2002<sup>73</sup>, para discutir sobre esse viveiro. O projeto foi aprovado, porém Toro e outros moradores reivindicaram posteriormente e conseguiram que não continuassem os desmatamentos.

Eu fui lá, briguei, aí eles pararam. Não tão fazendo mais não, pelo menos por enquanto, mas num sei no que isso vai dá (Toro, E44 em 29/05/2002).

O desenvolvimento turístico também aumenta a especulação sobre o lugar na mídia. Sabemos que “a fascinação nostálgica pelo rústico e pelo natural é uma das motivações mais invocadas pelo turismo” e, assim, o uso da imagem de Barra do Camaratuba vai ganhando dimensão na mídia como lugar de sossego, esquecido no tempo, “como que para confirmar que este lugar paradisíaco do qual fala a revista merece ser visitado pelo modo como superou o atraso, conservando sua beleza” (GARCÍA CANCLINI, 1987, p.67).

Notas, fotos e imagens sobre Barra do Camaratuba começaram a ser divulgadas e, em 19 de maio de 2003<sup>74</sup>, saiu um artigo no JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, onde duas fotos não correspondiam à comunidade. O que pode ser problemático é que a especulação da imagem, quando é usada de forma errônea e indevida, pode atingir diretamente a população, pois ao ser mostrado um lugar maior, do que o que é de fato, o fluxo de turistas aumentará, porém, a comunidade ainda não tem a capacidade para receber muitos visitantes como foi mostrado nas imagens do jornal.

Outro fato marcante que os moradores consideram de impacto foi a construção de uma boate *Potiguar Dancing*, pertencente a Ivan Burity<sup>75</sup>, localizada no centro da comunidade, próximo à caçara dos pescadores e à igreja local. Foi inaugurada no carnaval de 2003 e, desde então, alguns eventos, como desfiles, festas começaram a acontecer na danceteria, dividindo os espaços de “diversão” com a festa de padroeiro. Tornou-se também um ambiente de descontração e animação para os mais jovens e os turistas. Quando foi construída, os moradores

---

<sup>73</sup> Ver anexos

<sup>74</sup> Idem

<sup>75</sup> Atual secretário de Turismo, proprietário da pousada Porto das Ondas e dono de vários terrenos em Barra do Camaratuba.

reclamavam muito devido à estrutura da boate, construída com estruturas praticamente abertas, indo em desconformidade às normas de poluição sonora. A comunidade era obrigada a conviver com o barulho e os que reclamavam recebiam a seguinte resposta: “*Se tiverem incomodados que vendam suas casas*”. Percebemos nas falas dos narradores que a construção da boate ainda causa um certo incômodo, podendo ser assim pontuado como um impacto sociocultural.



Figura 16 - Boate Potiguar Dancing  
Fonte: Gekbede Silva, em 07/06/2003.

Agora essa boate quando tá funcionando ninguém dorme. Dorme não (...) Quem tiver por perto não dorme não. **Os moradores são a favor da boate?** Não... é contra. Incomoda muito os vizinhos (Maria José, E48 em 23/06/2005).

A trajetória da análise de campo também permite refletirmos sobre o universo de comunidades “tradicionais” em torno das transformações sociais e culturais, onde apresentam no seu eixo de “desenvolvimento” questões como apropriações dos elementos tradicionais, intervenções, e ainda a inserção de novos modos de produção como a indústria turística, com as práticas econômicas e sociais de base tradicionais. Assim podemos considerar que essas “forças produtivas externas atuam como divisoras de águas na dinâmica das comunidades, a exemplo da indústria do turismo” (FONSECA, 2005, p.15).

Barra do Camaratuba não é a única comunidade pesqueira a passar por um processo de desenvolvimento margeando a exclusão social<sup>76</sup>. Como exemplo, podemos citar Pipa, Ponta Negra, ambas no estado Rio Grande do Norte; Cabedelo e Tambaú, na Paraíba<sup>77</sup>; entre outras populações “tradicionais” que, ao vivenciarem o processo de “desenvolvimento” turístico ou urbanização, tiveram seus modos de vida e/ou diversão alterados, sofreram transformações no seus espaços de moradia e trabalho, para investimentos imobiliários e turismo; a estetização de brincadeiras populares ou o rompimento de laços comunitários que fizeram com que elas não mais acontecessem; a espetacularização da vida cotidiana e a personalização delas como mercadorias.

<sup>76</sup> Entenda-se aqui sobre exclusão social a não participação ativa na festa e nos projetos de desenvolvimento local, ou afastamento do seu local de origem de moradia e trabalho.

<sup>77</sup> Estes estudos serviram como leituras complementares. Como recorte metodológico, achamos por bem não falar de todos eles ou descrever detalhadamente cada um, mas citar alguns quando achávamos pertinente para comparação e exemplificação do que vem acontecendo em Barra do Camaratuba.

O trabalho desenvolvido por Inete Porpino Paiva (1997) sobre a “comunidade” da Pipa foi um dos que nos chamou mais a atenção, devido à sua aproximação geográfica com a comunidade de Barra do Camaratuba, assim como, nos discursos dos barristas. Em 2003, em conversa com Mãe Santa, ela já fazia comparações de Barra com Pipa e dizia: “aqui logo, logo, será uma Pipa”. E isto não está demorando a acontecer, pois atualmente muitos dos seus terrenos e propriedades estão sendo vendidos para estrangeiros e empresários de Pipa, como já falamos várias vezes e, talvez, isto possa gerar futuramente um processo ainda mais conflituoso.

Pipa deixou de ser reconhecida como vila e comunidade de pescadores e passou a ser a praia de Pipa. Se Barra do Camaratuba ainda é o que Pipa foi um dia, cabe comentarmos algumas reflexões de Paiva (1997), ao analisar a turistificação da praia de Pipa. A autora relatou que, até meados dos anos 80, essa comunidade era caracterizada como uma pequena vila de pescadores, mas começou a sofrer transformações, passando a ser conhecida e descrita na imprensa e, em alguns documentos, oficiais como “praia do turismo”, isto é, um dos principais *points* turísticos do estado do Rio Grande do Norte.

Com isso, vieram mudanças nas ruas, nos costumes, nas relações de trabalho e lazer relacionadas à inserção da atividade turística, pois fez com que o pequeno povoado crescesse, seu espaço se ampliasse e sua organização fosse redefinida, “modificando as funções e as formas de uso e apropriação dos espaços” (PAIVA, 1997, p.9). O turismo na praia da Pipa inaugurou recentemente um processo moderno de ocupação e apropriação constituindo novos grupos sociais, redefinindo novas tramas sociais, novos valores e identidades sociais e, sobretudo, “demarcando um tempo do antes e o depois do turismo [...] como processo moderno de ocupação, o turismo propiciou um processo acentuado e rápido, a entrada e permanência de um número significativo de imigrantes internacionais, interestaduais e regionais” (PAIVA, 1997, p. 26).

Outro exemplo é dado por Diegues e Arruda (2001, p.48) que afirmam que populações tradicionais não indígenas, em grande maioria compostas por pescadores, sofrem transformações em seus espaços de pesca, moradia, e na própria produção e reprodução dessa atividade, com a chegada do turismo e



investimentos imobiliários. Como exemplo, ele cita os jangadeiros<sup>78</sup>, que sofrem hoje a concorrência dos pescadores de botes motorizados e também os impactos do turismo, em particular o de residências secundárias<sup>79</sup>. Esses autores ainda mostram, em seus estudos, que em estados como o do Ceará e nos demais estados nordestinos, os jangadeiros vêm perdendo o acesso às praias, uma vez que suas posses nesses locais são compradas ou expropriadas pelos veranistas.

Se “olharmos” para a costa litorânea paraibana, veremos uma realidade próxima às que apontamos acima. Como exemplo, podemos citar o bairro de Tambaú, estudada por Cleomar Cabral (2005), no município de João Pessoa e a comunidade Ponta do Mato, no município de Cabedelo, estudada por Simone Maldonado (1994). A primeira trata-se de uma “comunidade” que foi originada pela pesca e a atividade da pecuária (criação de gados) e, se tornou, depois dos anos 60, uma área residencial extremamente valorizada do litoral de João Pessoa.

Segundo Cabral (2005), Tambaú foi assumindo um caráter comercial, passando por muitas transformações, que afetaram a cultura e a vida dos antigos moradores. Nesse “lugar” existiam várias manifestações populares, entre elas, brincadeiras como Nau Catarineta (conhecida também como Barca), Boi de Reis, Cantoria (de viola e repente), Charanga, Coco de Roda, João Redondo (Babau, Mamulengo), Pastoril, as festas, entre outras. Assim como essas práticas culturais a pesca artesanal também fazia parte do cotidiano de uma coletividade, mas com o crescimento populacional e o processo de urbanização, a vida comunitária foi rompida, alguns pescadores venderam suas casas e se mudaram para outros bairros mais distantes da praia, outros foram aglomerados numa vila<sup>80</sup>, chamada de vila dos pescadores de Tambaú.

Assim, no cenário atual de Tambaú, podemos perceber que a pesca artesanal deu lugar à pesca industrial e “algumas manifestações populares não existem mais como práticas culturais dessa região”, outras se fazem presentes na memória dos mais antigos, como a brincadeira popular da Nau Catarineta, enquanto outras são retomadas como práticas em novos espaços, como a festa de São Pedro, os ursos

---

<sup>78</sup> Definido por ele como os pescadores marítimos que habitam a faixa costeira situada entre o Ceará e o sul da Bahia, e pescam com jangadas. O trabalho pioneiro sobre as comunidades de jangadeiros foi *A jangada* (2003) de Câmara Cascudo.

<sup>79</sup> Entenda-se por residência secundária, quando o pescador vende ou aluga sua primeira moradia mudando para locais mais distantes do seu ambiente de trabalho: o rio e o mar.

<sup>80</sup> O conhecimento destes fatos na “comunidade” de Tambaú deu-se tanto a partir da leitura do trabalho de Cabral (2005), assim como, de algumas observações que fazemos quando caminhamos pela praia ou conversamos com algum pescador dessa região.

de carnaval. Cabral (2005), ao tratar estes fatos, busca sistematizar a história cultural desse “lugar” a partir dos moradores mais antigos. Seu trabalho revela mais uma “comunidade” que vivenciou ressignificações e refuncionalizações nos espaços de trabalho e diversão.

Sobre a segunda comunidade, Ponta do Mato, encontramos a afirmativa de que os pescadores artesanais mostravam preocupação, no período em que a pesquisadora realizava a pesquisa de campo, com a invasão do território de praia por empreendimentos imobiliários, pois de alguma forma, obrigar-los-ia a viver distantes do mar, alterando a continuidade da atividade pesqueira pelos seus descendentes.

Queixam-se ainda os pescadores artesanais da invasão do território de praia – em que constroem suas comunidades e ancoram seus botes – por empreendimentos imobiliários, de modo que as futuras gerações terão formação diversa das anteriores a elas, pois serão obrigadas a viver distantes do mar. Como disse um pescador autônomo baiano: ‘Desse jeito, daqui uns anos os filhos da gente não vai ser pescador não...’ (MALDONADO, 1986, p.46).

Segundo Maldonado (1986, p.44), as áreas de praia, nas quais geralmente estão situadas as comunidades de pesca artesanal, foram sendo ocupadas por empresas imobiliárias, turísticas e hoteleiras, o que afastou “o pescado do contato sistemático e freqüente com mar”, elemento imprescindível à formação individual e à reprodução do grupo. Para ela, esse tipo de intervenção no ambiente também contribui grandemente para a desarticulação dos grupos marginalizados representados especialmente pelos pescadores, pois,

as modificações ocorridas na composição das tripulações devido à capitalização da pesca e à exploração do ambiente por empresas turísticas e hoteleiras causaram [...] mudanças, que ultrapassam os limites do mundo do mar e o contexto do trabalho (MALDONADO, 1986, p. 26).

No nosso campo de pesquisa, Barra do Camaratuba, observamos que vêm ocorrendo, ainda que recentemente, esses processos de transformação. Os narradores de Barra contam que, anteriormente à construção das casas de veraneio e das pousadas (final dos anos 90), que ocuparam toda a orla marítima da comunidade, com exceção da área protegida pela marinha (o caminho que leva à

Boca da Barra), o espaço aberto proporcionava uma vista do mar, para quem chegasse pela rua principal, onde eram encostadas as embarcações (jangadas e botes) e, também, onde os surfistas acampavam e possibilitavam a realização dos campeonatos de surf ou onde os moradores realizavam antigamente, uma vez ou outra, alguma brincadeira popular. Como afirmou Toro,

O turista aqui vem e vai embora, vem aí [na Boca da Barra] e à tarde vai embora, são surfistas e turistas de fora, vem e vai embora. Houve campeonato em outubro, eu tava trabalhando, só ouvia a zuada pra aculá. Porque quando não tinha a pousada de Nilo ali era bom demais, o campeonato a era ali, mas fez aquele negócio ali e aí acabou. Aí, ali do lado de Mãe Santa é uma coisinha lá na beira da praia [falando do único espaço que ainda encontrasse aberto que dá acesso à comunidade para praia] (...) Acabou, acabou com o surf daqui (...) O surfista vem e vai de Pipa até João Pessoa, ano passado ainda teve, mas eu nem fui olhar... Antes era muito bom... Quando não tinha a pousada de Lira [Pousada Morada dos Ventos] era onde tinha os campeonato (E57 em 28/12/05).

García Canclini (1983) também observou que as comunidades tradicionais indígenas de Michoacán, estudadas por ele, vivenciaram a presença de impactos perpassando a produção, circulação e consumo dos bens culturais. Como vemos nessa sua afirmativa,

Michoacán, um dos estados que apresentam maior desenvolvimento artesanal e afluência de visitantes, permite que apreciemos claramente o impacto do turismo: na produção do artesanato (mudanças no volume e no desenho), na circulação (crescimento dos intermediários, das feiras, mercados e lojas) e no consumo (modificações no gosto da população tarasca) (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.68).

Dessa forma, na perspectiva das análises dos vários autores que contribuíram para nossas reflexões, as mudanças provocadas pela atividade turística, em pequenas comunidades constituídas por pescadores artesanais, que foram ou são classificadas como “tradicionais”, surgiram na perspectiva da esfera do econômico, que, por sua vez, também implica nas esferas que tangem o cultural, pois, “a idéia

de turismo é abordada, trazendo a lógica mercantil e capitalista, que impõe novas formas de produção material, alterando tanto as formas existentes, quanto à cultura dos moradores originais” (PORPINO, 1997, p. 26).

Acreditamos que essas alterações ocorrem em ressignificações, em alguns tempos (passado e/ou presente) da história. De acordo com as observações de campo, acreditamos que as transformações na organização social, devido à chegada de novos moradores, atraídos pelo desenvolvimento turístico, poderão afetar de certa forma a “memória coletiva” de uma comunidade. Claro que não podemos negar que “a mudança certamente existe” (THOMPSON, 1998, p. 268), e grande é a capacidade de transformações sob novas condições, dando à cultura popular novos significados que perpassam as relações de trabalho e a constituição das festas tradicionais.

A verdade é que essas comunidades são passíveis dessas transformações, como tudo que está no mundo global e é dinâmico. Mas também pode-se encontrar formas de resistência frente às mudanças e, assim, a própria comunidade se reorganizar ou ainda confrontar as classes dominantes (os gestores de transformações). As intervenções podem ser percebidas quando a atuação do poder público em parceria com empresários, donos de pousadas, agentes turísticos, transforma acidentes geográficos, manifestações culturais como as festas, em atrativos turísticos, prontos para serem embalados, comercializados e vendidos (FIGUEIREDO, 1999, p.208). A pesquisa de campo vai revelando que Barra do Camaratuba vai aos poucos vivenciando uma relativa “turistificação” do lugar e da festa de São Pedro, organizada pela prefeitura, transformando-se em “mercadorias” e espetáculos para um turismo de evento.

É importante ressaltar que não negamos que a atividade turística, ao se desenvolver em um lugar onde as condições de vida são precárias, pode tornar-se um meio de melhoria de qualidade de vida e gerar emprego, via os setores de serviços informais, e desenvolvimento local e até possibilitar, de alguma forma, reafirmações da identidade dos moradores/brincantes/pescadores e da sua cultura. Portanto, para que a expansão do turismo não gere impactos negativos, nem intervenções externas desestruturadoras para a população nativa, seja no seu ambiente de moradia ou de realização da brincadeira (como veremos na etnografia da festa de padroeiro), é preciso que a comunidade encontre formas de participar

ativamente desse processo, assim como, da “produção e circulação” (GARCÍA CANCLINI, 1983) dos seus bens culturais, uma vez que o capitalismo e, com ele, a indústria do turismo em seu processo de desenvolvimento “não precisa sempre eliminar as culturas populares.” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.12).

O turismo pretendido na comunidade precisa ser repensado de forma a beneficiar seus moradores, os pescadores, os agricultores e todos os outros que compõem o quadro social e cultural minimizando assim, impactos e seus conflitos. Dessa forma, o processo turístico deve ser pensado e implantado nessas comunidades ditas “tradicionais”, assim como em qualquer outra, levando em consideração a importância da participação popular: pensar se as intervenções externas (da prefeitura e gestores de turismo) beneficiam ou “excluem” de alguma forma os moradores locais do seu local de origem ou ressignificam suas festas, no caso de Barra do Camaratuba a festa de São Pedro, suas práticas culturais, em grandes espetáculos para turistas e, por último, e o mais necessário, é saber o que e como a população nativa e residencial percebe e concebe esse processo.

## 5 A FESTA DE SÃO PEDRO: Tradição e Turismo

A pesquisa de campo nos revelou que as manifestações culturais das brincadeiras estiveram, em muitos momentos, relacionadas às festas em comemoração aos santos: São João, São Pedro, Santo Antônio, Santana<sup>81</sup> ou no período de final de ano, em festividades natalinas e dia de Reis. Como disse seu Antônio Madeiro,

*A gente brincava muito, que antigamente a gente brincava muito nesse lugar, porque sempre tinha festas... (E7 em 10/04/2001)*

Os moradores que têm construído as coordenadas dos seus modos de vida no eixo da cultura pesqueira e em relações compartilhadas de laços comunitários por várias manifestações da cultura popular vivenciam alterações que começam na esfera das atividades econômicas e se prolongam significativamente em outros setores da sociabilidade, embora um dos aspectos que parecem atrair o fluxo turístico, seja, paradoxalmente, a imagem de uma comunidade “parada no tempo” e mergulhada em relações culturais voltadas à “tradição”.

Em Barra do Camaratuba, as festas, especificamente a de São Pedro, aparecem nas narrativas dos moradores antigos e nativos como uma referência de

---

<sup>81</sup> As manifestações culturais nas festividades de Santana acontecem nas comunidades vizinhas na Baía da Traição.

manifestação da cultura local, pois falar sobre elas é retomar as lembranças das brincadeiras que aconteciam antigamente<sup>82</sup>, quando os discursos nas narrativas trazem, à tona, a percepção de uma realidade no presente diferenciada do tempo passado, pois no seu novo cenário os elementos “tradicionais” são misturados a novos, trazidos pela prefeitura, que em nome do turismo e interesses políticos, reorganiza a festa não só apenas para ser vivido um “tempo” festivo, mas, sobretudo, para ser vista, mudando os seus significados e a sua função.

Estes fatos serão percebidos a partir de uma etnografia da festa de São Pedro, num cenário diferenciado do tempo passado, produzida agora pela prefeitura, que se “apropria” da festividade com interesses políticos e econômicos e a transforma em espetáculo. Nesse ambiente agora transformado para shows com grupos de forró estilizados pela indústria cultural, percebemos que o tempo e a programação não possibilitaram o acontecimento de brincadeiras como o coco de roda da comunidade, antes comum nessa época do ano, enquanto outras manifestações vindas de fora se apresentam como a tradição local.

Buscamos acompanhar os momentos de produção (montagem dos cenários da festa) e realização das festividades observando e participando das atividades que foram desenvolvidas durante um dia de devoção ao santo padroeiro. Dessa participação, incluem-se contatos com os moradores da comunidade, sobretudo as pessoas que estavam, de uma forma ou de outra, envolvidas na organização da festa. Através da reconstituição da memória, da oralidade e da observação da montagem e produção da festa, das estratégias de trabalho (fig.16 e fig, 17) e da vida cotidiana, procuramos obter os dados que nos facilitassem captar o processo de transformação vivido na prática de realização das manifestações culturais.



Figura 17 - Montagem das barracas comerciais para a festa de São Pedro de 2002.



Figura 18 - Moradores enfeitando a caçara dos pescadores para a festa de São Pedro de 2005.

---

<sup>82</sup> Expressão que eles usam para referir-se ao tempo passado.

Ao longo de toda nossa estadia em campo, registramos essa festa em fotografias, entrevistas gravadas e pela observação participante. Nossos olhos registraram duas festas de véspera de São Pedro, realizadas no dia vinte e oito de junho de 2002 e, no ano de 2005 e, também, outros momentos relacionados a festividades juninas. Trazemos aqui nossas observações em forma de etnografia para compreendermos as questões que permeiam este trabalho. A descrição dos momentos da festa serve como forma de contextualização das relações sociais envolvidas nesse acontecimento que é a Festa de São Pedro e contribui para realização de uma análise do processo de transformação, como também para a compreensão dos novos significados dados a essa manifestação cultural.

### 5.1 Tempo de (a) festa

Comunidades caracterizadas pela pesca, geralmente, têm o santo São Pedro como padroeiro e realizam festividades para lembrar e devotar o seu dia. Em Barra do Camaratuba, a festa de São Pedro é referência da cultura e da tradição local. Ela pode ser relatada na descrição da procissão pelas ruas (fig. 19), das missas na igreja (fig. 20) e no “tempo” de festa.



Figura 19 - Procissão pelas ruas  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.



Figura 20 - Missa na igreja à São Pedro  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

Começamos então a descrição da festa de padroeiro do ano de 2002, que foi realizada pela prefeitura, considerada a maior até aquele momento, se comparada às anteriores. A intenção da gestão municipal era realizar um grande evento para ganhar popularidade entre os moradores da comunidade.

No dia 28 de junho de 2002, saímos caminhando pelas ruas e observávamos que enquanto eram montados um palco e um telão no centro da comunidade, alguns



moradores se preparavam para receber a imagem do santo São Pedro que vinha de uma aldeia da Baía da Traição. Chegando às 17h, a imagem atravessou numa balsa o rio Camaratuba e foi recebida com fogos de artifício e cânticos religiosos. Em seguida, levada em procissão<sup>83</sup> acompanhada por adultos, jovens e crianças, passando em todas as ruas até chegar à Igreja de São Pedro. Na igreja, foi deixada num altar onde ficaria até o próximo São João, quando seria levado de volta para a aldeia indígena de Cumaru e retornaria à comunidade da Barra no dia São Pedro do ano subsequente.

Os moradores nativos realizaram e participaram de uma missa em agradecimento ao santo. Enquanto isso, outros preparavam barraquinhas comerciais, pois com tanta divulgação, seria um momento propício para comercialização (venda de comidas e bebidas). E a prefeitura montava, no centro da comunidade, ao lado da igreja, um palco onde seria o “grande show” e um telão para mostrar algumas imagens de cunho político.

No início da noite, começaram a chegar, por volta das 19hs, turistas e pessoas das localidades vizinhas, moradores de Mataraca, Baía da Traição, Mamanguape, João Pessoa, e tantos outros lugares. A Barra, até então, nunca havia estado tão cheia, segundo os narradores. Havia muitos carros, motos e uns três ônibus. *“Nunca foi assim. Com gente é bom porque vende. Mãe Santa fatura né”*, contava dona Maria Padilha, satisfeita com a movimentação no bar da filha.

Chegando a noite, houve apresentação de quadrilhas de Mataraca e de povoados vizinhos, na caiçara dos pescadores (fig. 21). E depois começou o show com as bandas estilizadas de forró de Luciene Melo (fig. 22) e Curral do Forró, produtos da indústria cultural.



Figura 21 – Quadrilha junina de Mataraca  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2002



Figura 22 – O show: Luciene Melo e Banda  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2002

<sup>83</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

A festa realizada pela prefeitura mostrava uma programação com o objetivo de promover um evento, um show, assim a festa começava a apontar novos significados e função, ou seja, uma refuncionalização e ressignificação: a comercialização e o espetáculo.

Muitos moradores locais aproveitaram os momentos da festa e a presença de pessoas de fora para comercializar bebida, aperitivos e comidas, era uma forma de obter algum acréscimo na renda familiar.

E nesse novo cenário, brincadeiras como o coco de roda que antes eram práticas comuns nessa época do ano, não tiveram “vez”, limitada pelo tempo da programação que dava espaço para as bandas de forró. A gestão municipal que organizava aquela festa tinha sido a mesma que antes havia “apoiado” os brincantes de coco de roda e possibilitado, por um certo momento, que a brincadeira fosse retomada para apresentações em localidades vizinhas, como vimos no terceiro capítulo. Vimos que ao serem reorganizados os brincantes num “grupo fechado”, quando foram cedidas roupas e instrumentos, facilitou uma relativa coesão social e um certo fortalecimento do grupo. No entanto, eles não tiveram “vez” frente ao grande show promovido pela prefeitura.

No dia anterior, a Barra amanhecia de “ressaca”, todos cansados, alguns pelas danças, outros pela bebida ou pela noite de trabalho. Procurei saber o que tinham achado daquela festa.

*Menina! Era gente demais. Tá. Aqui nunca teve tanta gente (Mãe Santa, E45 em 29/05/2002).*

*Foi bom. Eu dancei muito (Maria dos Navegantes, E46 em 29/05/2002).*

*É bom. Dá pra ganhar um trocadinho (Angelita, caderno de campo 2002).*

*Todo mundo vendeu e ganhou o seu (Sr. Olegário, caderno de campo 2002).*

No entanto, os moradores antigos, nativos, brincantes, pescadores, enfim, os nossos narradores, não estavam satisfeitos, faltava algo na comemoração da festa de São Pedro. *“Eu não gosto muito de festa assim (...) muito barulho”*, dizia seu

Olegário referindo-se ao barulho e relatando sua insatisfação. Eles queriam o “popular”, sem coco de roda a festa de São Pedro não seria a mesma.

Então à noite, do dia vinte e nove, os moradores aproveitaram a nossa presença<sup>84</sup>, com a qual se sentiram motivados, para fazer a brincadeira acontecer. As mulheres vestiram suas saias ou vestidos ‘rodados’, os homens trouxeram os instrumentos, o ganzá e o zabumba, e seu Eptácio, junto aos seus amigos de Cumaru, começaram a *puxar o coco*<sup>85</sup>.

Enquanto nós pesquisadores e, naquele momento, brincantes, envolvidos numa roda, unidos pelas mãos aos nativos, respondíamos aos tocadores, na caçara dos pescadores, no centro da roda dançavam duas pessoas, que se alternavam entre pares convidados. Seu Carlos veio em minha direção e me convidou para a roda. Não acertando o passo, voltei ao círculo maior e sentei no chão da caçara dos pescadores para escrever as minhas observações daquele momento. Enquanto isso, Edith gravava os versos, as cantigas e todos dançavam até a chuva chegar e a bebida acabar. Dona Alice, esposa de seu Moisés Coelho, se aproximou e falou em voz alta: “*Agora sim, isso que é festa*”. Dizia, alegremente, sem parar de dançar a brincadeira (fig. 23). No dia seguinte, dona Suna comentava referindo-se ao momento da brincadeira, como um propiciador da sociabilidade comunitária.

*Gostei, todo mundo vadiou e não aconteceu nada (Suna, caderno de campo, em 30/06/2002).*



Figura 23 – Dançando coco de roda  
Fonte: Gekbede Silva, em 29/06/2005.

Anos depois, voltei a perguntar aos narradores, como dona Alice, porque a brincadeira do coco de roda não havia acontecido no dia em que se comemorava a festa do padroeiro São Pedro, no ano de 2002. Além dos motivos citados acima, ela explicou que também a presença de muitas pessoas de “fora” e as mudanças nos espaços onde costumavam realizar a brincadeira, atrapalharia a realização da dança.

<sup>84</sup> Estávamos em campo eu, Edith, marido e filhas e o professor Andrea Ciacchi.

<sup>85</sup> Essa é uma expressão usada para designar o mestre, quem inicia música, os versos para que os outros participantes possam responder.

A festa de 2002 tinha muita gente de fora e não teve coco de roda. Foi nesse dia... a gente num brincou não, tinha muita gente e ia ter quadrilha. Brinquemo no outro dia porque tinha menos gente (...) porque a gente fica brincando... aí fica tudo em cima, porque a gente precisa de um canto reservado... porque coco de roda quanto mais a roda maior, melhor. Aí fica tudo em cima aí a pessoa não pode nem se mexer... (E50 em 24/06/2005).

Como não estivemos em campo nos dias das festas de padroeiro dos anos 2003 e 2004, procurei posteriormente saber com nossos narradores como tinha sido a festa naqueles anos. Os relatos orais sobre a festa de São Pedro de 2003 narraram que alguns moradores começaram a preparar as barracas comerciais e prefeitura a montar um palco no centro da comunidade. A imagem do santo São Pedro foi trazida da aldeia da Baía da Traição e depois levada pelas ruas em procissão, como no ano anterior. No entanto, devido a uma grande chuva, não houve coco de roda e a festa da prefeitura teve que ser cancelada. O diferencial da festa de São Pedro deste ano, para as demais, foi a boate *Potiguar Café Dancing*, pertencente a Ivan Burity. A festa não aconteceu nas ruas, nem no centro da comunidade, mas num espaço privado e sem a efetiva participação popular ao som de músicas eletrônicas. Além da festa na boate, a prefeita inventou uma nova prática de diversão: a maratona, uma competição entre homens e mulheres concorrendo ao prêmio de uma bicicleta. Era a primeira vez que se ouvia falar sobre maratona na festa de São Pedro. Como afirmou seu Antônio da Arraia, “foi a prefeita que inventou a maratona” (E58 em 28/06/05).

Na festa de 2004, segundo os entrevistados, repetiu-se a chegada da imagem do santo, a procissão pelas ruas, a missa na igreja, a segunda maratona e a noite com direito a palco para o shows das bandas Cheiro de Menina e Caboclos do Forró, trazidas pela prefeitura. Houve também a apresentação de quadrilhas. Já nas primeiras conversas com alguns moradores da comunidade, nesse retorno ao campo, contaram-me que essa festa não foi muito animada porque acabou cedo e não houve coco-de-roda. A boate ficou fechada na véspera de São Pedro, por reivindicação dos moradores locais, mas funcionou no dia anterior.

Procurando conhecer um pouco mais os significados da festa para a comunidade, principalmente os narradores, e compreender como se dá essa

“tradição”, também considerando que os nativos quando narram histórias sobre Barra do Camaratuba se referem à existência de brincadeiras populares entre outras manifestações culturais acontecendo com mais evidência nos períodos em comemoração aos santos, achamos pertinente, no ano de 2005 acompanhar a produção da festa, desde a festa de São João.

Chegamos à comunidade no dia vinte e dois, quando ainda pensavam e preparavam a festa de São João. Fomos às casas dos moradores para sabermos sobre os preparativos da festa e percebíamos nos seus discursos o quanto queriam dançar coco de roda naqueles dias de festividade, porém, isto não dependeria somente deles.

Naquele ano observamos como a comunidade havia crescido em relação aos anos anteriores. No novo cenário “urbano”, podíamos ver que tinham sido construídas mais casas, principalmente para veraneio, pousadas estavam reformadas como o Bar e Pousada Brisa Mar de Mãe Santa, encontrávamos com uma certa facilidade barzinhos, mercadinhos, padaria, correios que foi construído, neste ano, pela prefeitura na rua principal, mas o que mais chamou nossa atenção foi uma imagem do santo São Pedro<sup>86</sup> em frente à igreja no centro da comunidade, construída no final da gestão municipal anterior. Podemos dizer que, de certa forma, através desse monumento reafirmou-se a identidade de uma comunidade de pescadores, devotos do santo São Pedro e a festa de final do mês de junho como a festa de padroeiro.

No dia seguinte, véspera de São João, a festa começava 19h15m com umas caixas de som colocadas na palhoça (caiçara dos pescadores) por seu Geraldo. A música animava e levava alguns a dançar forró, crianças soltavam fogos juninos como traques e bombinhas, outros acendiam suas fogueiras de São João para homenagear o santo, prática que se tornou tradição, há muitos anos, em várias regiões do Nordeste, durante esse período. Quando a fogueira estava acesa, brincavam de compadrio<sup>87</sup> ou assavam algumas espigas de milho para depois comerem com os familiares e amigos.

---

<sup>86</sup> Ver Anexo C – Registros Fotográficos.

<sup>87</sup> Brincadeira junina em que alguém escolhe um padrinho e, juntos, ao redor da fogueira trocam, simbolicamente relações de compadrio, passando a se referir ao outro como padrinho ou madrinha de fogueira.

Ficamos algumas horas conversando com seu Olegário, enquanto os jovens da comunidade se preparavam para dançar quadrilha. Às 21h, começou a quadrilha junina (figs. 24).



Figuras 24 – Quadrilha junina dançada por moradores locais.

Fonte: Gekbede Silva, em 24/06/2005.

Mesmo sendo uma dança popular conhecida, num senso comum, como prática cultural nos eventos do período junino, era a primeira vez que os descendentes dos moradores mais antigos, ou seja, os nativos “jovens”, dançavam quadrilha na festa de São João, pois, “*nos outros anos só vinha quadrilha de fora*”, como contou Rosilda, moradora da comunidade. A dança foi organizada por Neno, filho de pescador nascido e criado na comunidade que, percebendo o interesse dos mais jovens em participar da festa, reuniu alguns para ensaiar na caiçara dos pescadores, durante todo o mês da festa.

Essa quadrilha junina, dançada e produzida pelos moradores/jovens locais, de Barra pode ser considerada como brincadeira popular porque foi realizada por moradores locais com caráter de diversão, mais do que de apresentação. Ela também se trata de uma “tradição inventada”, pois a quadrilha junina é uma releitura do “matuto”, o homem da zona rural, representado em dança pelas pessoas da cidade, indivíduos que nunca pegaram no “cabo da enxada”, mas que se vestem com determinadas roupas que caracterizam o homem da roça, porém este não se veste no seu cotidiano como lhe é apresentado na quadrilha, ou seja, a manifestação cultural é uma representação a partir de uma releitura de determinados grupos, em contexto diferenciados. Mas o que importava para os participantes dessa brincadeira era a satisfação de se reunir com os amigos, vestir roupas coloridas e dançar ali na caiçara dos pescadores. Como estávamos fotografando a diversão/apresentação e os brincantes dessa dança, eles pediam que fosse

registrado cada passo para, posteriormente, terem uma lembrança imagética daquele momento.

Apesar da festividade, de véspera de São João, ser considerada “boa” no sentido de proporcionar momentos de reunir os moradores locais e retomar, por poucos minutos, os vínculos comunitários, podíamos perceber que os moradores/brincantes, os mais “antigos” e nativos, queriam dançar e ver acontecer o coco de roda. No entanto, isto não aconteceu, pois lhes faltavam instrumentos para tocar e realizar a brincadeira, entre outros fatores.

Foi também interessante observar como eles se sentiam incentivados com a presença de Edith, pesquisadora que estudou há mais de cinco anos essa brincadeira. Este fato nos conduziu para reflexão sobre a pesquisa participante, como resultante de elementos de interação entre pesquisador, participantes, moradores, revelando seus anseios e nos fazendo co-participantes de sua diversão.

No dia vinte e quatro, às 7h30m, a imagem do santo São Pedro saía da igreja em procissão, sob o anúncio de fogos de artifício, sendo conduzida à Boca da Barra, onde atravessou numa balsa pelo rio Camaratuba até o outro lado da margem (lado indígena) para depois seguir uma trilha de 30 minutos de caminhada até a capela da aldeia Cumarú.

Quando caminhávamos em procissão, acompanhando nossos narradores em todo o trajeto que a imagem seguia, percebemos as relações culturais e de crença, que em alguns momentos aproximam essas comunidades e, achando curiosa a ida e vinda do santo (fig. 26 e fig. 27), perguntamos a alguns nativos se essa trajetória era também uma prática do passado mais distante ou se tratava de um fato mais recente.



Figura 25 – Ida da imagem do santo São Pedro para Cumaru  
Fonte: Gekbede Silva, em 24/06/2005.



Figura 26 – Chegada da imagem do santo São Pedro em Barra.  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

**E a procissão?** Procissão de São Pedro? É bonita. A procissão toda vida teve, é tradição... Toda vida teve a procissão de santo. **Até quando não tinha igreja?** Toda vida teve, desde o avó do meu marido [ Antônio Madeiro] que ele era muito católico (...). Aí tinha as novena na casa dele, todo ano, todo ano. (...) Ele tinha as novena lá. Seu Antônio Madeiro. Aí tinha (...) compadre de Antonira que fazia as procissão lá, muito bonito. **Sempre do mesmo jeito, levando o santo pra Cumaru?** Não. Antigamente não. Antigamente o São Pedro ficava aqui mesmo. Agora foi que de um tempo desse pra cá. Foi que... inventaram de São Pedro ir pro Cumaru, aí o pessoal também vem daqui do Cumaru, o pessoal vem de lá de Cumaru, e daqui ele leva pro Cumaru (...). Aí do Cumaru eles trás. **E começou quando a levar pro Cumaru?** Tá com bem de cinco ano que eles tão com esse negócio. Antes só tinha procissão aqui na Barra, só na Barra mesmo (Alice, E51 24/06/2005).

Dessa forma, podemos aqui nos remeter brevemente às conceituações de Hobsbawm (1984), desenvolvidas no início do nosso trabalho, quando ele define “tradição inventada”. Se “olharmos” para este fato narrado por dona Alice, sob a perspectiva deste autor, diríamos que essa prática cultural começou com as novenas de casa em casa, as missas na igreja e depois veio a procissão de São Pedro, e estes, como elementos na ordem do costume, uma prática comum e coletiva. Pode até ter sido, em um certo momento da história, uma “tradição inventada” mas, por ter se dado desde os antepassados de Alice, tornou-se uma prática comum presente nesses momentos de festividade ao santo protetor dos pescadores. Esse “ritual” foi nos anos mais recentes, período também em que o crescimento do turismo é mais perceptível, inserindo novos elementos como a ida do santo para a aldeia vizinha. Assim, podemos dizer que a procissão, no seu conjunto como prática de manifestação da cultura popular, tornou-se também uma tradição, como mesmo afirmou dona Alice, pois além de ser algo transmitido de geração em geração, comporta a criação de novos elementos, novas práticas, transforma-se, reelabora-se. Mas as transformações e ressignificações percebidas na procissão de São Pedro



são dadas pelos que a realizam, conforme suas interpretações abstraídas do contexto dinâmico social e cultural, ou seja, sua própria “visão de mundo”.

Foi interessante também observar a significação de sagrado que o santo tinha para os devotos. Mesmo debaixo de tanta chuva, a imagem que representava o santo São Pedro era a única que não podia se molhar<sup>88</sup>. Enfeitada com flores e colares de papel crepom, era levada para a comunidade vizinha, acompanhada pelos moradores de Barra e o grupo jovem da igreja “Caminhando com Cristo” que cantavam corinhos em homenagem à divindade. Chegando à aldeia de Cumaru, o santo foi levado para a capela local, onde alguns nativos da comunidade indígena e o grupo de jovens de Barra do Camaratuba celebraram uma missa. Ao fim, a imagem do santo foi deixada no altar e voltamos para Barra, onde esperaríamos o próximo retorno, que seria na festa de padroeiro.

A 18ª festa de São Pedro foi anunciada, para o dia vinte e oito de julho, em todas as rádios nas comunidades vizinhas, como a maior festividade em Barra do Camaratuba, vista nos últimos tempos. Para os nativos foi um momento especial, pois correspondia ao “tempo” de diversão e homenagem ao santo, uma tradição iniciada no ano de 1988, logo depois da construção da igreja São Pedro.



Figura 27 - Preparação para a festa de São Pedro. À esquerda o monumento do santo São Pedro e a caçara dos pescadores; à direita a boate Potiguar Dancing. Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

Os moradores preparavam os enfeites que seriam colocados na caçara central e os festivos ligados à igreja: o bingo<sup>89</sup>, prática retomada dos antigos leilões; as missas; os batismos que antes eram realizados com mais frequência em Mamanguape ou Mataraca, enquanto os funcionários da gestão municipal preparavam os detalhes finais para a terceira maratona e montavam o palco para o “espetáculo”.

<sup>88</sup> Ver anexo C – Registros Fotográficos.

<sup>89</sup> Ver anexo C – Registros Fotográficos.

À tarde, funcionários da prefeitura realizaram a terceira maratona, prometendo aos campeões da corrida vários prêmios, entre eles: fogões, bicicletas ventiladores, entre outros, que foram expostos na caieira dos pescadores<sup>90</sup>. Os moradores locais se animavam para participar, na perspectiva de ganhar algum desses prêmios. Eram homens e mulheres, entre eles idosos, que correram pela praia, seguindo o percurso demarcado pelos organizadores. Fim da competição, o ganhador só precisaria aguardar a premiação que seria à noite, nos momentos da festa de padroeiro, quando estivessem presentes o prefeito e outros representantes políticos.

A comunidade começava a ficar movimentada desde cedo, mas a preocupação dos nativos era o retorno do santo, que tinha sido deixado durante o São João, na comunidade vizinha. Fomos para a Boca da Barra, acompanhando alguns moradores para esperar, mais uma vez, a travessia da imagem, que chegou às 17h, mesmo horário do ano de 2002. Recebida pelos barristas com fogos de artifício, seguiu em procissão por todas as ruas até a igreja, onde foi colocada num altar e realizada mais uma missa, acompanhada por corinhos cantados pelo grupo de jovens. Um fato que chamou nossa atenção se refere à festividade de 2005, que se diferenciava da que vimos no ano de 2002. Uma das diferenças estava na forma como a comunidade buscou participar da festividade. E sua maior representatividade era o grupo de jovens da igreja católica, que havia recentemente se organizado. Eles realizaram à parte “sagrada” da festa ou a qualquer outro evento que remetesse recursos financeiros à igreja de São Pedro, como exemplo, a barraca colocada para a venda de bebidas e comidas para arrecadação de dinheiro (fig. 28). Nessa barraca foi realizado a entrega dos prêmios para os vencedores da 3ª Maratona.



Figura 28 – Barraca comercial da igreja e Grupo Jovem Caminhando com Cristo  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.



Figura 29 – Grupo Renascer de Mataraca  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

<sup>90</sup> Idem.

Barra do Camaratuba esteve movimentada durante todo o dia. Chegavam pessoas de carros, de balsa, de moto, entre turistas para as pousadas e os de fora (pessoas de outras comunidades e municípios próximos). À noite chegou na caiçara central um grupo de idosos “Renascer” (fig. 29), que reunia dançadores de ciranda e coco de Mataraca, para se apresentar na festa produzida pela prefeitura, mas devido ao atraso da aparelhagem de som, que viria com as bandas de forró<sup>91</sup>, contratadas para o “grande show”, os dançadores/brincantes resolveram ir embora sem participar.

A festa não aconteceu na caiçara dos pescadores, como antigamente, devido à quantidade de pessoas vindas de fora e de turistas além das bandas de forró esperadas para tocar à noite. Por essas razões, o espaço “da festa” precisava ser mudado. A prefeitura tentou montar um palco na rua principal da localidade, para transferir os espaços de local da festa, porém a comunidade, representada pelas lideranças da igreja e da colônia dos pescadores, não permitiu que isso acontecesse.

*Eles queriam fazer na rua, a comunidade não deixou (...) A festa tem que ser perto da igreja (Antônio da Arraia, E51 em 28/06/2005).*

Então, o palco foi montado no centro da comunidade, ao lado da caiçara dos pescadores, no local onde sempre realizaram as festividades populares. Dizia Toro: *“a gente sempre fez a festa aqui. Por que vai mudar agora? Não. Tem que ser aqui, do lado da igreja”* (caderno de campo, 2005).

Próximo às 22hs foi anunciada, no palco, a 18ª Festa de São Pedro, a festa de padroeiro. Depois da fala do prefeito Ivan Lira, de outros representantes políticos e do secretário de turismo, a festa da prefeitura foi iniciada com a apresentação do grupo Macambirais (fig. 30), grupo parafolclórico do município de Passa e Fica, estado do Rio Grande do Norte. Jovens com roupas iguais de cores azul e branca dançavam no palco, encenando manifestações da cultura popular. Era a mistura de vários ritmos: forró, ciranda, maracatu, coco de roda, entre outros, que conduziam as

---

<sup>91</sup> Era anunciada para a festa, nos meios de comunicação, a participação de três bandas de forró: Gata Bronzeada, Balança Nenê e um outra de Mataraca.

moças a rodar suas saias e os rapazes a girar na batida do pé, numa belíssima apresentação para ser “vista” e apreciada.



Figura 30 – Grupo parafolclórico Macambirais  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.



Figura 31 – Jovens de Barra dançando xaxado  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

Os mais jovens<sup>92</sup>, filhos de pescadores da comunidade, decidiram também participar daquela festa. Segundo os narradores e os participantes, uma pessoa de Mamanguape, ensinou-lhes a dançar xaxado. Então, após vários ensaios, eles subiram ao palco depois da apresentação do grupo parafolclórico Macambirais e dançaram com satisfação, pois estavam participando, de alguma forma, da festa. A dança do xaxado (fig. 31) representou um diferencial para a comunidade, nessa festividade, se comparada às outras, por ser a primeira vez em que moradores locais subiam nesse palco e também apresentavam esse tipo dança. Podemos dizer que a dança do xaxado marca uma “invenção da tradição”, pois foi trazida para o novo cenário da festa uma manifestação cultural que nem se quer tinha antes. Ainda podemos pontuar que o xaxado é considerado uma manifestação que faz parte de uma “tradição inventada”, em se tratando de Brasil, porque se organizou depois que o cangaço desapareceu, na década de 50. Veja que tanto os grupos dominados como os dominantes inventam e, por que não dizer, reinventam a tradição, como afirmou Giddens (2003), pois tradições são criadas e recriadas a todo momento, dentro de todo um processo histórico e determinado.

Nos espaços da festa, percebíamos os elementos “tradicionais” misturados com o “moderno”. A boate Potiguar Dancing foi aberta, para o funcionamento do bar, onde ficariam recepcionados os políticos e os convidados “vips”. O cenário era híbrido, constituído pelo povo (a comunidade nativa e residencial), alguns turistas e

---

<sup>92</sup> Estes são os mesmos que dançaram a quadrilha no São João.

os de fora<sup>93</sup>. Os coquistas, brincantes de coco de roda, não realizaram sua brincadeira/dança; se quer foram convidados pelos organizadores a participar. Mas eles estavam lá, misturando-se e dançando na caçara dos pescadores ou em frente ao palco montado pela prefeitura ou nas barracas, esperando a qualquer momento, a batida do zabumba.



Figura 32 – Público da festa de São Pedro  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.



Figura 33 – Coquistas dançando forró na caçara dos pescadores  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

Ficamos na caçara dos pescadores conversando com nossos narradores, os quais estavam juntamente com os amigos dançadores e cantadores de coco de roda de Cumaru. Eles comparavam a festa atual à dos anos anteriores e comentavam o que tinha mudado da festa de antigamente para a do presente. Dona Alice e Rita Branca comentaram não gostar muito da banda,



Figura 34 – Neves, Aragão, Rita Branca na caçara dos pescadores  
Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005.

Ah! Essa tal de banda, era bom o toque do ganzá (Rita Branca, E54 em 28/06/2005).

Essa tal de banda, eu preferia um coco de roda, eu num gosto disso não. Preferia um coco (Alice, caderno de campo, 2005).

Esperavam que seu Epiácio chegasse para talvez animar a festa deles. Um senhor comentou que se tivesse coco de roda os coquistas teriam que se apresentar em vinte minutos. Dona Rita respondeu dizendo: “*Ele pensa que é assim*”, referindo-se à espontaneidade da dança sem limites de “tempo” para acabar.

Enquanto o show acontecia no palco, entre tantos barulhos, dona Rita Branca cantava para nós um coco de roda na caçara dos pescadores. Isto revela como a

---

<sup>93</sup> Usamos concepções diferenciadas para nos referirmos às pessoas de fora. Por exemplo, quando nos remetemos ao passado, referimo-nos às pessoas que vinham dos sítios ou comunidades vizinhas, consideradas próximas, a partir dos vínculos comunitários, de relações de parentesco e de compadrio.

memória e a cultura popular se tornam vivas, atuantes e buscam formas de se fazerem presentes, apesar do “tempo” da festa, diferenciado por uma programação em que só “cabem” shows de bandas de forró e grupos parafolclóricos.

*Roseira, roseira  
Eu vou mi' bora  
Eu vou mi embora.  
Roseira, roseira  
Quando eu digo eu sempre vooou.  
Roseira, roseira,  
Eu aqui não sou querida.  
Roseira, roseira,  
Mas na minha terra eu sou.*  
(Rita Branca, E54 em 28/06/05)

A partir da pesquisa de campo, da observação das festas, percebemos que as intervenções externas da gestão municipal, de donos de pousadas, dentre outros com interesses econômicos (atividade turística) e políticos, implicam nas instâncias de produção e realização da festa, muitas vezes, gerando uma interação conflituosa. Em campo, percebemos a apropriação dos elementos da tradição (o sentido religioso e junino da festa), pela prefeitura, para promover também o turismo local, quando usa a festa de padroeiro como referência e traz outras manifestações culturais vindas de fora, como grupos parafolclóricos, e bandas de forró estilizado para compor o “caráter tradicional da festa” e dizer que aquela é “a festa tradição” da localidade, a maior festividade realizada na comunidade.

Isto pode ser apontado como uma interferência de mudança cultural, transformando a festa num espetáculo com novos significados e uma nova função: a apresentação e a comercialização, quando os realizadores não buscam, ao menos, saber o que a população espera dessas festas. Isso não quer dizer que a comunidade não participe, não assista, e que alguns não gostem e até achem bonito. Mas os mais “antigos”, os brincantes de coco de roda, enfim, os nossos informantes, reclamam porque sentem falta dos laços comunitários e das brincadeiras que eles realizam as quais davam sentido à festa popular. Como vimos, a participação efetiva dos nativos e moradores mais “antigos”, como organizadores, se dá na parte “sagrada” da festa, mas o cenário e a programação do “show” é produzido pela prefeitura, “inventando uma tradição”: a maior festa de padroeiro de

pescadores da região. E, assim, a “cultura de grupos externos apresenta-se com a capacidade de interferir na cultura local”, gerando, em alguns momentos, choques culturais, ao mesmo tempo em que “esses conflitos tornam-se forças motrizes criadoras de novas formas culturais” (Coriolano, 1998, p.50).

## **5.2 Do “tempo de atrás” ao “tempo de agora”**

Logo cedo do dia em que comemoravam o São João, anterior à festividade de São Pedro, ouvimos o barulho de fogos de artifício nas ruas, simbolizando a chamada dos devotos para o início da missa. Caminhando entre as ruas, passamos pela casa de dona Alice para conversar um pouco e saber mais sobre as brincadeiras e as festas de Barra do Camaratuba. Ela usou as expressões “tempo de atrás” e “tempo de agora”, comparando o “ontem” e o “hoje”.

Foi interessante perceber que ela não era a única a falar das histórias do lugar, principalmente as que discursavam sobre as manifestações culturais; que comparava sempre essas duas temporalidades. Dessa forma, começamos a compreender que os discursos, a todo tempo, apontavam para as transformações nos seus espaços de festa, de vínculos societários, de trabalho, relacionadas à chegada de “outros”, num processo em que o turismo e tradição vão compondo o mesmo quadro social.

E se “a festa é uma continuidade do cotidiano” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.128), como apontam nossos narradores, então esse “agora” transformado refletirá também transformações na tradição, no modo de produzir, realizar e transmitir a cultura popular. Dessa forma, cabe aqui, depois da descrição da festa de padroeiro, entrecruzarmos mais uma vez essas duas temporalidades - presente e passado - procurando apontar mais elementos relacionados às manifestações culturais (as festas e as brincadeiras) e às implicações do turismo na cultura.

Segundo os relatos dos moradores mais antigos, são apontados vários fatores que se interpuseram e se interpõem à realização de algumas manifestações populares como práticas de vínculos comunitários. Entre eles, o crescimento populacional, a chegada de “outros” que ocasionou uma ruptura na sociabilidade antes existentes, a morte de alguns brincantes, intervenções nas festas produzidas pela prefeitura, o desenvolvimento do turismo não planejado. Mas também é interessante observar que um outro fator que se interpôs, apontado por alguns

deles, trata-se da chegada da televisão, a qual mudou os valores, se tornou um entretenimento e foi aos poucos ocupando o “tempo da diversão e do brincar”.

Naquele tempo não tinha televisão, dava muito cantador de viola, arranjava um, dois, três, na casa de compadre Antônio. E depois do terço a gente ia apreciar eles cantando. Tinha uns, cantava tão bom (...) Vinham... da banda daqui de cima, banda de Jacaraú, do Ingá, banda da Montanha. (...) A gente ia pra lá pra casa das minhas primas Diana, Margarida, filha de tia Flor, ia pra lá, as meninas conversavam, brincavam coco de roda, brincava coco de roda, ela só, ninguém ouvia essas histórias dessas coisas. O coco, os homens num tinha uma história de um zambê, zambê era um pau desse tamanho, dessa grossura. Aí botava um prego pra bater assim. Dançar coco. O povo dançava que só. Agora coco de roda eu acho mais bonito que, né? Tinha muita coisa, tinha São Francisco de Roda, é, São Francisco de Rosa. Era um velhinho que gostava de brincar lá no Roncador, um bocado deles, os rapazes... mas agora que o povo só quer beber. (...) É, só quer beber, eu acho tão diferente. Essas histórias dessas coisas hoje em dia. (...) Depois dessa televisão, dessas coisas mudou muito (Maria Padilha, E5 em 10/04/01).

Como conta também Mãe Santa.

Depois da televisão (...) acho que foi devido a televisão mesmo (...) que tinha muita cantoria de viola, muitos violeiros e agora quando os violeiros vêm ninguém liga, não vai nem olhar (E32 em 19/02/2002).

Ou na narrativa de outra moradora,

Eu acho tão diferente. Essas histórias dessas coisas hoje em dia (...) Depois dessa televisão, dessas coisas mudou muito (Alice, E50 em 28/06/05).

Muita coisa pode ter mudado, mas também isto faz parte do processo da dinâmica social, no entanto os narradores não cessam de comparar “ontem” e “hoje” afirmando, muitas vezes, de forma contraditória, que o passado era melhor, apesar



das condições precárias em que viviam. São as manifestações culturais que caracterizam o que foi e como é essa “comunidade”.

É, antigamente era melhor porque tinha brincadeira, né, aí tinha a lapinha, aí ia gente brincava, quando terminava aí, ia pra os baile, tinha os baile, quem queria dançava, quem não queria ia simhora. Era bom, mas hoje, hoje eu mesmo não gosto dessa tal de banda [os grupos de forró trazidos pela prefeitura na festa de São Pedro] não. Eu não saio da minha casa não pra olhar essa tal de banda porque eu não gosto. Eu não gosto não. Eu fui pra Mataraca no comício de Ivan Lira, porque a menina insistiu, e eu: *Meu Deus! Que hora essa banda vai começar? A festa hoje espera por uma banda, num tem outra graça. Só vê a banda. O povo só quer saber da banda. E lá vai, lá vai... que horas essa banda vai tocar?* (Maria José, E49 em 23/06/2005).

Dentre as brincadeiras que aconteciam no passado, a Lapinha, o Pastoril, os bailes de sanfona, o Boi de Reis, o João Redondo, a única que parece ter resistido por mais tempo como prática cultural, foi o coco-de-roda, apesar de não ser tão evidenciada a sua permanência. A brincadeira do coco, especificamente, ainda foi aparentemente incentivada pela administração municipal, em um certo momento, como foi visto no terceiro capítulo, vem nos últimos anos denunciando sintomas de “decadência” que provêm de um conjunto mais amplo de práticas sociais.

Assim, as vozes dos “narradores” da Barra constroem uma narrativa nostálgica do passado que agora parece ter urgência em reconstruir-se como presente. Mesmo assim, segundo os depoimentos e o tempo da pesquisa de campo, a realização das brincadeiras vai se “limitando” à falta de interesse dos mais jovens, ao falecimento dos brincantes e de puxadores (no caso o coco de roda) ou mesmo, daqueles considerados os organizadores, à falta de “apoio” da gestão municipal atual, à falta de tocadores, de instrumentos ou por outros motivos relacionados à realização da festa pela prefeitura. Dona Alice contou que

Antigamente aqui tinha... era aqui coco direto. Fazer como hoje, dia de São João, São Pedro? Ah! Dava dia, amanhecia dia. Era assim, mas afastou-se mais... (E50 em 24/06/2005).

Mesmo assim, o coco de roda ainda aparece em alguns momentos, como forma de resistência, seja em discursos ou ainda quando as mulheres vestem suas saias floradas à espera de um ganzá tocar. Neste ponto, a “resistência” da cultura popular é perceptível, considerando que

A cultura popular deve ser pensada também como fenômeno que marca historicamente, ou seja, quando da constatação de situações em que novos e velhos modelos de vida sócio-culturais entram em conflito [...] As culturas populares têm resistido, têm mostrado no dia-a-dia uma capacidade de organizar-se, reivindicar direitos de sobrevivência, apesar da imposição de fórmulas urbanizadas de vida sócio-cultural. As pessoas constroem suas concepções sobre o mundo, sobre si próprios, sobre a vida, elaborando modos de viver e encontrando meios de fazer sua cultura permanecer (ASSUNÇÃO, 2005, p. 19).

Em relação às festas, a partir da observação de campo e das narrativas contadas pelos brincantes, referentes às manifestações culturais, percebemos que a festa no passado era o momento de dançar o coco-de-roda, o forró agarradinho, entre outras brincadeiras; o tempo de brincar, de devotar o santo com missas, e encontrar os amigos e compadres na rua central ou na caiçara dos pescadores. A diferenciação da festa de São Pedro do “tempo de atrás” para com a “do tempo de agora” se dá na realização da festa, pois antigamente era produzida só pelos nativos, para eles e os de fora e, num segundo momento, organizada pela prefeitura para os nativos e para os outros (turistas e moradores de municípios vizinhos) inventando assim uma “tradição”: a festa de padroeiro. O que antes era em devoção ou/e para diversão transforma-se em espetacularização, com o advento do turismo.

Comparando as festas de “ontem” às de “hoje”, que aconteciam mais com bailes ou brincadeiras populares, soltavam muitos fogos de artifício, acendiam velas e fogueiras ao santo, faziam leilão e cerimônias da igreja: as novenas, os terços, as missas na igreja ou na casa de alguns “habitantes” e procissões somente pelas ruas da comunidade. Dona Alice lembrou e narrou que

(...) Era sanfoneiro, num tinha esse negócio de som, era sanfona e não tinha esse negócio de som, né. Antigamente era baile de sanfona, ainda hoje em dia você vê na televisão que isso [a incorporação de outros estilos de músicas ou som como chamam nas festas, nos bailes] foi depois do rádio... de primeiro ninguém via esses negócio de banda não (E50 em 24/06/2005).

Consideramos as transformações no cenário cultural da comunidade recorrente não só das intervenções externas, como a chegada “outros”, o turismo não planejado, mas também como processo da dinâmica social. A atividade turística reorganiza os modos de vida e traz à tona uma outra “tradição”, onde a cultura popular se confronta e se mistura com outros níveis de cultura ainda para tentar resistir e manter a coesão do grupo social.

García Canclini (1983, p.38) em *As Culturas Populares no Capitalismo* afirma que no turismo “a cultura popular é transformada em espetáculo”, ou seja, esse tipo de atividade é um mecanismo de apropriação das manifestações culturais turistificando assim “populações tradicionais” e seus elementos culturais.

Segundo García Canclini (1983, p. 54)

A festa sintetiza a totalidade da vida comunitária, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças.

Ele aponta ainda que,

Para as populações indígenas e camponesas, as festas são acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da população coletiva da família. Nas cidades a existência da divisão entre as classes sociais, de outras relações familiares, o maior desenvolvimento técnico e mercantil voltado para o lazer, a organização da comunicação social que apresenta um caráter massivo criam uma festividade que é distinta [...] A estrutura segue uma lógica mercantil que transforma o motivo religioso num pretexto; ao invés da participação comunitária, é proposto um espetáculo a ser admirado (García Canclini, 1983, p. 112)

Nesse sentido, podemos afirmar que toda festa é e procura manter uma relação com o cotidiano porque tem relações de trabalho envolvidas, as pessoas trabalham para realizar a festa, num cotidiano que também comporta relações de poder. Por isso os moradores de uma comunidade, quando vivenciam crescimento urbano e conseqüentemente transformações nas manifestações culturais, precisam se relacionar e se relacionam com as gestões que administram os setores econômicos, sociais e políticos também como formas de se adaptar e viver sob novas condições. Sabemos que as festas em comunidades de pescadores

artesanais fazem parte do seu cotidiano, mas também representa um momento em que se coloca extracotidiano. Muitas festas se definem numa atividade em que as pessoas “param” suas atividades diárias, rotineiras e realizam outras para celebrar algum elemento que as une enquanto grupo e sociedade.

No caso de Barra do Camaratuba, a festa de São Pedro tem sido ressignificada e refuncionalizada para promoção do turismo e da gestão municipal. Portanto, podemos afirmar que a festa de São Pedro atual (a festa de padroeiro), a produzida pela prefeitura, faz parte de uma “invenção da tradição”, pensando numa perspectiva de Hobsbawn (1984), pois numa lógica mercantil, a prefeitura desestrutura, reorganiza, refuncionaliza a festa e algumas práticas culturais, traz novos elementos “tradicionais” para dizer que a festa com shows e bandas de forró e grupos parafolclóricos, xaxado e quadrilhas representa a tradição local. Ao mesmo tempo, em Barra, a tradição é reelaborada, porque a partir de cada gestão municipal ou conforme a comunidade responde a essas transformações e às intervenções externas, a festa se apresenta com uma multiplicidade de sentidos e interesses diversos, mas trazendo à tona e reafirmando, de certa forma, a identidade de uma comunidade de pescadores devotos de São Pedro. Nesse sentido, a tradição é também um instrumento de socialização da cultura, criando novas relações sociais.

Seguindo a lógica dos autores referidos nesse trabalho e conforme as observações de campo, podemos afirmar que a tradição como elemento imutável é algo impossível de se pensar porque ela pode ter aparência de não mudar, no entanto, ela muda, apesar de ser idealizada, muitas vezes, pela “classe dominante” que a cria, afirmando que tudo continua do mesmo jeito desde o “início do mundo”. Ou seja, essa idéia mostra uma contradição: a “tradição inventada” tem a aparência de não mudar, é criada para dizer que nunca foi criada, ela quer se apresentar como algo natural, mas ela não é. Pontuamos isto para que fique claro que não pensamos “numa tradição isolada, fechada em si mesma, petrificada, estamos pensando numa tradição que se renova, que tem corte, hiatos, alterações, transformações, muitas delas sutis, mas ressignificadas.” (ASSUNÇÃO, 2005, p.2) O importante é que essas reelaborações sejam concebidas no interior dos grupos, pelos brincantes e participantes que fazem as manifestações culturais e vivem na comunidade.

Retomando os textos de Hobsbawn e Ranger (1984), a “tradição inventada” tem uma data de surgimento, muitas vezes essa data pode ser recuperada historicamente, como o 7 de Setembro que comemora a festa da Independência, 25

de Dezembro com a festa de Natal, o carnaval no mês de Fevereiro, as festas juninas no período do mês de Junho, entre outras. No caso de Barra do Camaratuba a 18ª festa de São Pedro recuperou a data de 1988 como o ano de sua criação como festa de padroeiro. Ela é criada, recriada, vem sendo “encenada” e os mais jovens que vão crescendo, percebendo aquela festa como um costume, como parte de seu cotidiano, mas os mais antigos que vivenciaram momentos da festa com outras brincadeiras populares percebem os recortes históricos e as mudanças no seu contexto.

Essas discussões sobre a festa junina e de padroeiro em Barra do Camaratuba nos remetem também à festa do “maior São João do Mundo”, realizada em Campina Grande, no estado da Paraíba. Esse evento, estudado e analisado por Elizabeth Lima (2002), trata-se de uma festa que se constitui em um ciclo temporal e em um espaço determinado, cujos sentidos são revestidos de múltiplos discursos que objetivam exatamente transformá-la em um evento localizado, em um espaço para o sonho e para a fantasia. Para Lima (2002), a festa, antes com sentido “religioso”, foi adquirindo novos sentidos e transformando-se em espetáculo.

A pesquisadora que observou essa festa buscou analisar as práticas, as experiências e os discursos que tornaram possível uma determinada visão do evento junino em sua versão urbanizada, atentando para as categorias e enunciados que o objetivaram como um fenômeno que sempre existiu, arraigado na idéia de continuidade da tradição e experiência coletiva. Neste sentido, aborda essa festividade como produto de uma multiplicidade discursiva, como “fragmentos que se unem, como dispersão, como conexão de práticas e discursos produzindo efeitos: efeitos de verdade, de poder, de saber, de sonho, de paixão, de riso, de deveres.” (LIMA, 2002, p. 17).

A cultura da festa junina no espaço urbano é concebida por Lima (2002) como um constante movimento de criação, recriação, apropriação e conservação da tradição, averiguando como a festa aparece na condição de um projeto que “mascara sua fabricação”, onde o evento apresenta múltiplos interesses políticos e econômicos. Ela observa que, “sob a armadura e proteção do conceito de tradição, cria e inventa as figuras de ‘um santo’, de ‘um povo’ e de uma cidade, como um fenômeno *sui generis* ao mesmo tempo preso a todo um conjunto de idéias de continuidade das origens” (idem, p. 24). Dessa forma, a festa junina de Campina Grande ganhou uma grande repercussão na mídia e se transformou num negócio

rentável para o município, para a iniciativa privada, para os setores formal e informal da economia, possibilitando também um desenvolvimento turístico no seu período de realização. São estes motivos que levam Lima (2002, p.30) argumentar que

[...] a festa junina, tal como é construída anualmente em Campina Grande, não é um evento ingênuo, espontâneo, desprovido de intencionalidade, pelo contrário, apresenta-se como uma articulada, segmentada e hierarquizada empresa para auferir lucros e poder.

E ainda acrescenta que,

[...] assim a festa vai paulatinamente adquirindo um novo sentido: de uma comemoração dos santos de junho, até então bem menos pretensiosa, como foram o caso das décadas de 70 e início de 80, ela passa a assumir novos e múltiplos sentidos: é uma festa para incentivar o turismo, para servir como uma espécie de cartão-postal da cidade, para orgulhar os seu habitantes, para destacar o seus políticos locais, para incrementar a economia local, para destacar o folclore local, as origens festeiras do campinense, as suas mais legítimas tradições (LIMA, 2002, p.62)

Nessa citação, podemos observar algumas semelhanças ao que vem acontecendo com a festa de São Pedro em Barra do Camaratuba, claro que a realidade de ambas as festas é diferente pelas próprias características de formação e composição da população. No nosso campo de pesquisa, cada vez mais, a festa vai sendo ressignificada e refuncionalizada, ou seja, o sentido de uma comemoração em devoção do santo São Pedro, em que também podiam ser vivenciados momentos de lazer e diversão decorrentes dos vínculos comunitários, passa a ser uma promoção para o turismo local, transformando-se em espetáculo, num evento, na Festa de Padroeiro, para destacar também os políticos locais.

Barra do Camaratuba tem um histórico cuja política sempre apareceu como propiciadora de conflitos. Isso se dá pelo fato de uma mesma família, os Bessa Lira ter passado muitos anos no “poder”. Somente nas eleições de 2002 que a oposição ganhou, e não se tratava de alguém da família anterior. No entanto, no ano de 2004 a família Lira retoma o poder e o velho ideário político que, anteriormente havia mais de duas décadas. É interessante relatar isto porque a partir da vitória da oposição, a prefeitura passou a organizar efetivamente a festa de São Pedro (antes era a igreja responsável pela sua realização). Parece que a partir do ano de 2000, a gestão municipal descobriu que esta seria a promoção do “espetáculo” poderia ser uma

forma de ganhar aceitabilidade na comunidade. E com isso o fazer da festa começou a ser apropriado como jeito também de fazer “política”. Isto pode ser percebido quando comparamos as duas festas de padroeiro dos anos 2002 e de 2005.

Em Barra, a festa de São Pedro acontece aparentemente nos mesmos espaços, no centro da comunidade, porém foram inseridos no seu cenário um palco para shows de bandas de forró estilizados, um telão e uma boate. Podemos perceber que ela começa a se fragmentar em diferentes grupos: no centro os mais jovens assistem e dançam ao ‘som’ do show; enquanto os moradores/nativos/brincantes transitam pela barraca da igreja e na caçara dos pescadores; sem contar que outros se dividem e criam festas paralelas como as da boate e outras, como uma que foi montada na última festa em 2005, ao lado da casa de Mãe Santa, na única rua calçada da comunidade, chamada pelos seus organizadores de “festa liberal e moderna”, com músicas eletrônicas, jogo de luzes e DJ’s.

Conforme as observações de campo, desde 2000, acreditamos que em Barra do Camaratuba tem sido construído um novo espaço social e cultural, pois muitas vezes,

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo [...] Criação de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar [...] Esses dois processos apontam para o fato de que ao vender-se o espaço, produz a não identidade e, com isso, o não-lugar, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida [...] nos momentos de trabalho e de não- trabalho (CARLOS, 1999, p. 26).

Estes fatos podem trazer reflexões sobre o tipo de turismo que é implantado em “comunidades pesqueiras”, como a exemplo de Barra do Camaratuba. Claro que este se trata de um trabalho aberto, com algumas lacunas sem respostas, pois nosso interesse não é, necessariamente, trazer soluções precisas, mas apontar problemáticas para induzir a outras reflexões e, a partir delas, serem pensadas formas de se trabalhar conjuntamente a comunidade local e os setores de gestão pública e privada.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. Pensando sobre cultura popular. **Revista Ceia Cultural**. Natal:CEI, nº 2, p. 19, maio 2005.

\_\_\_\_\_. O falso brilho do folclore potiguar. **Revista Virtualcult**. 2005. Disponível em:< <http://www.www.virtualcult.net>>. Acesso em: 12.dez.2005.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_.(Orgs.). **Cocos: Alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000.

AYALA. Maria Ignez Novais. Aprendendo a aprender a cultura popular. In: PINHEIRO, H. (Org.). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003. p.83-119.

BACALHÃO, Edith Carmem de A. **Transmissão Oral e Repertório de Mulher: o grupo de Nau Catarineta e da amizade**. 2000. 208f.. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

\_\_\_\_\_. **A Brincadeira do Coco: uma expressão de cultura popular da comunidade de Barra do Camaratuba, Litoral Norte da Paraíba**. 2006. 279f.. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de NiKolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221. (Obras escolhidas, v.1)

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 36.

BORNHEIM, Gerd. O conceito de tradição. In:\_\_\_\_\_.(Org.). **Cultura Brasileira: tradição, contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 13-29.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In:\_\_\_\_\_.(Org.). **Cultura Brasileira: tradição, contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 33-58.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Bruno D. Muniz. **As manifestações culturais e sua relação com o turismo na Grande João Pessoa**. 2004. 160f. Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.



BURNS, Peter. **Turismo e Antropologia**: uma introdução. São Paulo: CRONOS, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. SP: Cia. das Letras, 1989.

CABRAL, Cleomar. F. **Meu tempo, Meu lugar: trabalho, cultura memórias dos antigos moradores de Tambaú**. 2005. 179f.. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, 1998.

CARLOS, Ana Fani A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; Carlos, A. F. A.; CRUZ, R.C.A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.

\_\_\_\_\_. Cultura popular. In: \_\_\_\_\_ **Civilização e cultura**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1983. p. 678-693.

\_\_\_\_\_. **Jangada**: uma pesquisa etnográfica. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CHAGAS, Adriene do Socorro. **Escavações mnemônicas** : memória social na festa da padroeira em Pium – Parnamirim/RN. 2004. 125f.. Monografia (Graduação de Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CIACCHI, Andrea. A história somos nós: reflexões sobre histórias de vida, autobiografia, cultura popular, narradores e pesquisadores. **Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 13, 1997. p. 223-235.

CIACCHI, Andréa, et al. Entre o mar e o canal: memória e narrativas em Barra do Camaratuba. **Revista Engenho**, João Pessoa, n. 3, abr. 2002.

Disponível em:< [http://www.funesc.com.br/engenho3/textos/lite\\_x08.htm](http://www.funesc.com.br/engenho3/textos/lite_x08.htm)>. Acesso em: 05.maio.2002.

\_\_\_\_\_. Voz de pescadores: memória e história em Barra do Camaratuba. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, n. 1. 2003, João Pessoa. **Anais do I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 2003. 1 CD-ROM.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Rocco, 1987.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. Conceitos e definições. In: **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio-Ambiente, São Paulo: USP, 2001. p. 32.

DIEGUES, Antônio Carlos. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997. p. 85-99. (Coleção Turismo)

\_\_\_\_\_. A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização. In: \_\_\_\_\_.(Org.). **Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB/CEG, 2004. p.9-44.

\_\_\_\_\_. O patrimônio natural e o cultural: por uma visão convergente. In: \_\_\_\_\_. **Ecologia Humana e Planejamento em áreas costeiras**. 2. ed. São Paulo: NUPAUB, 2001. p. 217-225.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Turismo e Cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico. In: YAZIGI, E, et al. (Org.). **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 207-222.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia**. NAEA/UFPA: FUNTEC, [19--].

FONSECA, Ana Claudia Mafrá. **Histórias de Pescador: As culturas populares nas redes das narrativas Papary/ Nísia Floresta/RN**. 2005. 266f.. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

FONTELLES, José Osmar. **Turismo e Impactos Socioambientais**. São Paulo: ALEPH, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para sair e entrar da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

GRAMSCI, Antonio. “Observações sobre o folclore”. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e vida nacional**. Trad. e sel. Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.183-190.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio Janeiro. 1989.

GIDDENS, Anthony. Tradição. In: \_\_\_\_\_. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 47-60.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: \_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 247-264.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

JOSÉ DA SILVA, Marinaldo. **Lapinha em cena**: uma dança dramática e sua memória cultural. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade federal da Paraíba, João Pessoa.

JUCÁ, Gisafran N. Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 423-477.

LIMA, Elizabeth C. de Andrade. **A fábrica dos sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. Urbanização turística, cultura e meio ambiente no nordeste brasileiro. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997. p. 43-58. (Coleção Turismo)

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **O mundo de Jove**: a história de vida de um cantador de coco. João Pessoa: UFPB, 2001.198f.. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MALDONADO, Simone C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Princípios)

\_\_\_\_\_. **Mestres e mares**: espaço e indivisão na pesca marítima. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

MARCELINO, Ana Maria T. “O turismo e sua influência na ocupação do espaço litorâneo.” In: **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. p.177-183.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss – Antropologia**. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (Org.) São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Os ‘Usos Culturais’ da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais”. In: YÁGIZI, et al. (Org.). **Turismo**: Espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 88-99.

MILLER, Francisca de Souza. Barra de Tabatinga: Terra do povo, mar de todos: a organização social de uma comunidade de pescadores do litoral do Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, UFRN, 2002.

MONTEIRO, Ariana A. G. **Entre o mar e o canavial**: representações e uso de espaços em Barra do Camaratuba. 2003. 91f.. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PAIVA, Ilnete Porpino. “**Vendo coisas que nunca viu, vendo gente que nunca viu**”: Pipa turistificada. 1997. 148f.. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: VON SIMPSON, Olga R. de Moraes (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

REGO, André Gondim do. Pesca e pescadores em Barra de Camaratuba (PB): reflexões sócio-antropológicas sobre um viver costeiro. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTOS, Carmelita Salomé. **Cultura popular à beira-mar**: festas e memória na comunidade da Penha. João Pessoa: UFPB, 2000. 62f.. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n. 38, Out. vol.13, 1998.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext7poid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext7poid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=isso)>. INSS 0102-6909. Acesso em: 25. dez. 2004.

SANTOS, Nara. **Mulher, sim senhor**: um estudo sobre a representação feminina no forró. 2001. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Gekbede Dantas da. **A memória, o turismo e cultura popular no litoral norte paraibano**. Revista CAOS. João Pessoa. n. 5. 2003. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/05-silva.html>> Acesso em: 24. set. 2003.

\_\_\_\_\_. **Vou contar com São Pedro**: a cultura, o turismo e as relações sociais em Barra do Camaratuba-PB. 2003. 95f.. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURISMO. **No sossego da Barra**. João Pessoa: A União. v. 1, n. 23, nov. 2005.

VIVÊNCIA. **Cultura Popular**. Natal: EDUFRN, n. 27. 2004.

\_\_\_\_\_. **Memória**. Natal: EDUFRN, n. 28. 2005.

VIVERNORDESTE. **João Pessoa**: venha descobrir esse paraíso. João Pessoa: Feedback Comunicação. v. 1, n. 1, Out./Nov. 2005.

XIDIEH, Osvaldo Elias. Cultura popular. In:\_\_\_\_\_, et al. **Feira nacional de cultura popular**. São Paulo: SESC, 1976. p. 1-6.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Trad. Jerusa Pires e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

## **Anexos**

## Anexo A - Quadro de viagens: entrevistas realizadas

Período: 2001 a 2003

Visita	Entrevista	Data	Entrevista gravada	Pesquisador (es)	Transcritor
1	#	04/01/2001	Observação de campo sem entrevista	An; Ar; Ge; Ed	#
2	#	17/01/2001	Observação de campo sem entrevista	An; Ar; Ge; Ed	#
3	E1	09/02/2001	Mãe Santa	An; Ar; Ge	Gekbede
	E2	09/02/2001	M.ª Padilha	An; Ar; Ge	André
	#	10/02/2001	Observação de campo sem entrevista	An; Ar; Ge	#
4	E3	16/02/2001	Toro	An; Ar; Ge	Gekbede
	E4	16/02/2001	M.ª José	An; Ar; Ge	Ariana
	#	17/02/2001	Observação de campo sem entrevista	An; Ar; Ge	#
55	#	09/04/2001	Observação de campo	An; Ar; Ge; Ed	#
	E5	10/04/2001	M.ª Padilha e Mãe Santa	Ar; Ge	Gekbede
	E6	10/04/2001	Mãe Santa	Ar; Ge	Gekbede
	E7	10/04/2001	Manuel Madeiro	An	André
6	E8	08/06/2001	Olegário	Ar	Ariana
	E9	08/06/2001	Suna, Teresa e M.ª dos Navegantes	Ar; Ge; Ed	Gekbede
	E10	08/06/2001	Manuel Madeiro	An	André
	E11	09/06/2001	M.ª Padilha e M.ª Soares de Avelar	Ge	Gekbede
	E12	09/06/2001	Moisés Coelho	An	André
	E13	09/06/2001	Antônio Miguel (bar da arraia)	An	André
7	#	20/07/2001	Observação de campo	An; Ar; Ge	#
	E14	21/07/2001	Olegário	Ar; Ge	Ariana
	E15	21/07/2001	Mãe Santa	Ge	Gekbede
	E16	21/07/2001	Moisés Coelho	An	André
	E17	21/07/2001	Toro e Geraldo	Ge	Gekbede
	E18	21/07/2001	Antônio Caboco	An	André
	#	22/07/2001	Observação de campo	An; Ar; Ge	#
8	E19	18/12/2001	José Nascimento	An	André

9	E2 0	19/01/2002	Menininho	An	André
	E2 1	19/01/2002	Toro	Ge	Gekbede
	E2 2	19/01/2002	Belezal	Ge	Gekbede
	E2 3	20/01/2002	Luciano Mota	Ge	Gekbede
	E2 4	20/01/2002	Luíza	Ar	Ariana
10	E2 5	18/02/2002	Prof. Manuel Vicente	Ar	Ariana
	E2 6	18/02/2002	Conceição	Ar	Ariana
	E2 7	18/02/2002	Miguel	Ar ou Ge	Ariana
	E2 8	18/02/2002	Angelita e M.ª José	Ge	Gekbede
	E2 9	18/02/2002	Anderson	An	André
	E3 0	19/02/2002	Antônio Caboco	An	André
	E3 1	19/02/2002	Luciano Mota e Alexandre	Ar	Gekbede
	E3 2	19/02/2002	Mãe Santa	Ar	Gekbede
	E3 3	19/02/2002	Moça	Ar	Danificada
	E3 4	19/02/2002	M.ª dos Navegantes e Severino	Ar	Ariana
	E3 5	19/02/2002	Antônio Miguel	An	André
	E3 6	19/02/2002	Teresa e M.ª dos Navegantes	Ge	Gekbede
	E3 7	19/02/2002	Jerônimo	An	André
	E3 8	19/02/2002	M.ª da Conceição e Antônio Miguel	Ar	Ariana
	E3 9	19/02/2002	Zom	An	André
11	E4 0	29/03/2002	Caboca	Ar	Ariana
	E4 1	29/03/2002	Maria da Conceição	Ar	Gekbede
	E4 2	28/05/2002	José Madeiro	An; Ar; Ge; Ed;Ac	Ariana



12	E4 3	29/05/2002	Menininho	An	André
	E4 4	29/05/2002	Toro e Maria José da Costa	Ge	Gekbede
	E4 5	29/05/2002	Mãe Santa	Ge	Gekbede
	E4 6	29/05/2002	Luciano Mota e Maria dos Navegantes	Ge	Gekbede
	E4 7	29/05/2002	Rosilda Mendes	Ge	Gekbede
13	#	28 a 30//06/2002	Observação da festa de São Pedro	Ge; Ed	#
14	V1 (vídeo)	07/06/2003	Paisagem, Toro, Mãe Santa e M. <sup>a</sup> José	An; Ge; AM; LG; Di	#

Pesquisadores: Gekbede(Ge); André(An), Ariana(Ar); Edith(Ed); Ana Claudia(Ac)  
Ana Marinho(AM); Luiz Gonzaga(LG)

**Período: 2005**

15	#	22/06/2005	Observação de campo sem entrevista	Gekbede, Edith
16	E48	23/06/2005	Maria José	Gekbede
	E49	23/06/2005	Maria José, Mãe Santa e Osicleide	Gekbede
	E50	24/06/2005	Alice	Gekbede
17	#	25/06/2005	Observação de campo sem entrevista	#
18	E51	28/06/2005	Antônio da Arraia	Gekbede
	E52	28/06/2005	Liquinha e Valdemar	Gekbede
	E53	28/06/2005	Suna e Tereza	Gekbede
	E54	28/06/2005	Rita Branca	Gekbede
	#	28 a 29/06/2005	Observação da Festa de São Pedro	Gekbede e Edith
19	#	27/12/05	Observação de campo sem entrevista	#
20	E55	28/12/05	Seu Epitácio e pescadores	Gekbede
	E56	28/12/05	Seu Epitácio e Carminha	Gekbede
	E57	28/12/05	Toro e Neno	Gekbede
	E58	28/12/05	Seu Antônio Careca (sem gravação)	Gekbede
	E59	29/12/05	Seu Olegário	Gekbede

## **Anexo B - Notas: Biografia dos moradores**

### **Os narradores**

Não poderia concluir esse trabalho sem descrever, um pouco mais, alguns dos sujeitos das vozes que construíram este trabalho. Sem eles jamais entenderia o “viver” em Barra do Camaratuba, as brincadeiras, a realização da festa, mas também, às preocupações, o “grito” de resistência diante dos conflitos que permeiam toda sua história. A estes, só posso agradecer e contar mais um pouco sobre os homens e mulheres que me fizeram entender que a cultura popular é viva e pulsante. Os personagens principais dessa história são:

#### **MÃE SANTA (Maria de Fátima)**

Foi nosso primeiro contado. Seu nome é um dos mais citados pelos moradores nas entrevistas. Pertence a uma das maiores e mais antigas famílias da Barra: a família Madeiro. Seu pai, Tota Madeiro (já falecido), foi um dos primeiros a legalizar as terras da localidade e teve uma grande contribuição no seu desenvolvimento. Caçula, entre cinco irmãos (por parte de pai), herdou grande parte das terras deixadas pelo pai. Nascida na Barra do Camaratuba, hoje está com quarenta e sete anos. É casada com Juvenal e mãe de dois filhos. Nunca trabalhou na agricultura como seus irmãos, mas às vezes vendia farinha entre outras coisas. Hoje é a única nativa que possui casa a beira mar e possui um estabelecimento comercial conhecido como Bar e Pousada Brisa Mar possui. O desenvolvimento e todas as mudanças no lugar, assim como a vivência de seu pai, as manifestações populares do passado estão presentes em suas narrativas.

#### **MARIA PADILHA DA COSTA**

Oitenta e três anos de idade, mãe de Mãe Santa, segunda esposa de seu Tota Madeiro. Nasceu em Catu – PB e foi para Barra do Camaratuba em 1942 quando casou. Quando a conhecemos, morava com sua filha. Faleceu no ano de 2004. Era uma senhora meiga e muito comunicativa. Ela nos forneceu numerosas informações sobre o passado da comunidade. Tinha uma memória bem conservada, lembrava com saudades das festas populares, apesar de não participar delas, mas gostava de

assistir. Segundo seus relatos, quando chegou na Barra só havia algumas casas, duas de alvenaria e as outras de taipa, era uma época de muita pobreza, sem saneamento básico, água encanada e energia elétrica, mas um povo unido e divertido, apesar do isolamento geográfico.

### **ALBERTINA MARIA DA COSTA**

Aposentada, com setenta e três anos, nasceu na comunidade e morou toda sua vida com a família de seu Tota Madeiro. Muito religiosa, vai semanalmente ao terço. É comadre de Mãe Santa e sempre a ajuda nos afazeres de casa. Recorda do passado da Barra como um tempo bom e tranqüilo.

### **TORO (Antônio José Miguel da Silva)**

Cinqüenta e sete anos. Natural de Cabedelo-PB, mas mora na comunidade há mais de vinte e cinco anos. É casado com Angelita, neta de seu Tota Madeiro. Pescador, mergulhador profissional de lagosta e chefe dos salva-vidas. Mostra no seu trabalho toda dignidade e força de vontade. Proprietário do único bote motorizado do lugar. Foi o fundador em 1997 da colônia dos pescadores Z17, a qual preside desde então. Toro é um dos moradores que mais atuam e se preocupam com a inserção do turismo na comunidade. Em 2002 comprou uma balsa para transportar os carros até a Baía da Traição, mas anos depois teve sua balsa substituída por outra pertencente a um proprietário de pousada. Em todas as atividades políticas e administrativas relacionada aos pescadores, ele se posiciona como representante legal pela colônia dos pescadores.

### **ANGELITA**

Com 41 anos. É casada com Toro há dois anos e tem uma filha chamada Angélica. É neta de seu Tota Madeiro, por ser filha de Walfrido Madeiro (já falecido). Ela lembra bem do tempo das festas: a lapinha, o coco de roda, realizado nas casas e ruas. Sua mãe, dona Maria José, e suas irmãs dançavam e cantavam nas festas populares.

### **MARIA JOSÉ DE PAIVA**

Sogra de Toro, aposentada, nascida em 1935 tem setenta e um anos. Foi casada com Walfredo Madeiro da Costa (falecido), o primeiro filho de seu Tota Madeiro e também foi vereador na região em 1982. Com seu marido e suas irmãs organizavam e produziam a brincadeira da lapinha na comunidade nos anos setenta e oitenta.

### **DONA SUNA (Maria de Cândida)**

É uma senhora sorridente que gosta de ficar, à noite, fumando seu cachimbo e observando o movimento das pessoas. Descendente de índios potiguara. Ela nos contou que seus pais se mudaram da Baía da Traição - PB para a Barra do Camaratuba em busca de melhores condições de vida. Assim nasceu na comunidade e hoje se encontra com setenta e sete anos. Tem cinco filhos e reside na rua principal. Lembra da infância como uma época de muita pobreza. Desde cedo começou a trabalhar na agricultura. Apesar de estar aposentada continua cultivando mandioca e feijão, tendo no seu trabalho uma forma de garantir a sobrevivência de sua família. Disse lembrar das festas e brincadeiras que havia, principalmente dos pastoris, mas quando pedia para contarmos um pouco sobre a brincadeira, ela afirmava não lembrar. Dançou muito coco e ensinou suas filhas todas as danças e cantigas.

### **TEREZA LIRA DA SILVA**

Nasceu na Barra e tem cinquenta e dois anos. É filha de dona Suna e mãe de Maria dos Navegantes. Sua memória é um grande registro do desenvolvimento da comunidade. Para ela a chegada de outras pessoas de “fora” e turistas é uma possibilidade de progresso. Dançou muita pastoril, mas hoje diz não ter mais idade.

### **MARIA DOS NAVEGANTES**

Neta de dona Suna, filha de Tereza. Nascida em Barra do Camaratuba tem o privilégio de vivenciar fatos importantes para a comunidade, assim como ouvir, de sua avó a descrição do passado do lugar. Tem seus trinta anos. Navegantes foi uma das jovens que mais trabalhou com a perspectiva do turismo desenvolver economicamente e socialmente a comunidade. Fez cursos de primeiros socorros e de guia turístico, promovido pela prefeitura em 2002. Trabalhando no posto de

saúde da comunidade descobriu seu “dom” profissional e, atualmente, mora em Mamanguape-PB e cursa o técnico de enfermagem em João Pessoa-PB, mas sempre visita seus familiares em Barra.

### **MANUEL MADEIRO**

Seu “Manezim” como é conhecido na comunidade, ou “Tio Mé” como chama mãe Santa. Pescador aposentado que já ensinou sua arte para várias pessoas do lugar. Faleceu no início do mês de agosto, com seus noventa anos. Nascido e criado na comunidade era um dos moradores mais idosos da Barra. Apesar de sua idade era muito lúcido o que lhe permite nos deixar conhecer várias histórias de sua vida e da comunidade. É irmão de Tota Madeiro, e, portanto tio de Mãe Santa, e pai Joça, jovem pescador que herdou os ensinamentos da profissão com seu pai.

### **MOISÉS COELHO**

Era outro pescador nascido na comunidade cheio de histórias para contar. Casado com dona Alice. Faleceu em 2004, com quase oitenta anos. Seu Moisés mesmo aposentado, não cansava de trabalhar em seu “roçadinho”. Aprendeu a arte pesqueira com o seu Manuel Madeiro e narrava em detalhes as histórias vividas pelos dois. A perda do seu pai aos onze anos de idade possibilitou que começasse a pescar cedo e a assumir responsabilidade pelos irmãos mais novos, ajudando sua mãe a criá-los.

### **ALICE COELHO SOARES**

Nascida em Barra, foi morar na Baía da Traição onde aprendeu com seus pais a dançar coco de roda. Tem 66 anos e é uma das dançadoras do coco da comunidade, mas deixou de dançar depois que seu marido, Moisés Coelho faleceu.

### **ANTÔNIO CABOCLO**

Genro de seu Moisés. Recebeu este apelido dos parentes por ter sido registrado como índio. Pescador, pai de seis filhos, orgulha-se dos seus quarenta anos de carteira assinada com a profissão. Apesar de já ter pescado em vários lugares pelo Brasil, hoje está de volta a sua terra natal dizendo com satisfação que não pretende

mais sair. Hoje em dia pesca sozinho em sua jangada, mas também se ocupa de alguns “bicos” nas casas dos veranistas.

### **ANTÔNIO DA ARRAIA (Antônio Miguel Amaro)**

Conhecido assim por ser considerado o melhor pescador de arraia. Proprietário de um dos estabelecimentos comerciais da comunidade, o “Bar da Arraia”, é famoso pela comida que serve. Também pescador, resolveu construir seu comércio após uma visita de muitos turistas que saíram da Barra sem ter um lugar para almoçar. Além dessa atividade, também exerce a função de caseiro, em algumas das casas de veranistas, trabalho que lhe permitiu melhorar seu estabelecimento e, constrói baiteiras, pequenas jangadas e vende entre os pescadores locais. Tem quarenta e dois anos e é casado com Sônia com quem teve quatro filhos.

### **OLEGÁRIO INÁCIO DA SILVA**

É conhecido como o poeta da comunidade. Apesar de não saber ler, nem escrever conta sua vida em verso. Ele conta que fazer versos, sem nunca ter ido a escola, foi um dom, dado por uma inspiração divina, ou seja, começou a fazer versos depois de uma visão que teve do divino Espírito Santo. Já foi pescador, mas não exerceu essa atividade na Barra, local onde hoje mora e vive com sua mulher Josefa. Divulga seus poemas através dos filhos que moram na cidade. Aposentado com oitenta e três anos não cansa de trabalhar, aproveita os fins de semana, quando a praia fica movimentada, para vender comida e lanches na Boca da Barra.

### **NEZITA RIBEIRO DA COSTA**

Filha de Geraldo Madeiro e Nilde Ribeiro da Costa (a senhora mais antiga da comunidade, que faleceu aos noventa e um anos). Nasceu na Barra, teve sete filhos, mas nunca casou e quando a conhecemos morava com a mãe e um filho. Para ela a Barra, antigamente, tinha festas e brincadeiras mais divertidas pois todos participavam como uma só “família”. Recorda bem das farinhadas, do corte do agave, entre outras coisas que faziam parte do trabalho, mas também das diversões dos moradores como a lapinha, o Boi de Reis. Atualmente ela está morando em Mamanguape.

### **BELEZAL (Manoel da Silva Bezerra)**

Era reconhecido por todos como um dos artistas da Barra. Ele próprio se considerava o descobridor da Boca da Barra, pois a sua barraca comercial foi uma das primeiras a ser construída no local, no final dos anos noventa. Foi pescador, trabalhou de vigia por treze anos e atuava no comércio e se dizia um bom cozinheiro. Assim como Toro, ele mostrava grande preocupações e interesse pela inserção do turismo na comunidade. Sua caçara comercial, na Boca da Barra era uma das mais bonitas, pois sua arte fazia-se presente no formato das cadeiras e mesas feitas de pau-ferro. Já foi preso, por causa de uma questão de terra com uma pessoa da família Lira. Belezal foi assassinado em 2002, no entanto, as narrativas que nos contou, nos primeiros anos de pesquisa de campo, ajudou bastante em nossas reflexões e percepções.

### **MENININHO**

Trinta e um anos. Nascido na Barra tem nos seus três tios maternos a referência da prática pesqueira. Trabalha como salva-vidas. Divide a atividade da pesca com o trabalho assalariado da prefeitura, pois a baixa produção pesqueira conseguida com sua baitera é insuficiente para sustentar à família.

### **ALEXANDRE**

Nasceu em Barra do Camaratuba. É filho de José Antero da Silva e Maria do Socorro Soares. Seu pai mora com a irmã, Maria Madeiro da Costa, em Baía Formosa-RN. Tem trinta anos e pesca desde os dez. É casado com Maria de Fátima Soares de Avelar e tem dois filhos. Com escolaridade de primeiro grau incompleto, trabalhou na agricultura, às vezes pescava. Foi para o Rio de Janeiro em 1999 e voltou em 2000. Praticante do surf desde adolescência, considera o mar da comunidade um dos melhores para surfistas. Trabalhou como salva-vidas na Boca da Barra, em 2002, e com Toro no transporte dos carros pela balsa, depois foi contratado para trabalhar na MILLENIUM.

## **ROSILDA MENDES**

Nascida e criada em Barra do Camaratuba, com trinta e seis anos recorda do tempo que não havia energia elétrica, onde só havia o trabalho na agricultura e as farinhadas na casa de farinha.. Trabalhou um ano na pousada Morada dos Ventos e atualmente trabalha na agricultura, na casa de farinha e serviços domésticos na casa de um veranista aos finais de semana.

## **GERALDO**

Tem cinqüenta e quatro anos e é casado com Rosilda e pai de dois filhos com ela. Viveu na comunidade quase quinze anos, trabalhou como pedreiro e, às vezes, pescava. Também trabalhou, temporariamente, na Pousada Morada dos Ventos. Atendendo o pedido de alguns turistas, que chegavam na pousada e mostravam interesse em conhecer o percurso do rio e a reserva de manguezais decidiu fazer passeios de canoa, mostrando aos visitantes as belezas do lugar, sendo um dos primeiros pescadores a usar seu instrumento de trabalho para o lazer. Em busca de melhores condições de vida para sua família, foi em 2002 para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, mas voltou para Barra em 2004.

## **SOCA (Severino)**

Jovem pescador que gosta de surfar. É sobrinho de seu Moisés. Natural da Barra com vinte e nove anos. Trabalhou com Toro no transporte de carros através da balsa. Está sempre contando uma piada para os turistas, para ele é uma forma de relacionar-se mais rápido com eles. Foi contratado para trabalhar na MILLENNIUM por uns seis meses, e atualmente, trabalha com segurança na boate Potiguar Dancing.

## **ZÉ DO DOCE (José Miguel de Brito)**

Casado com quatro filhos e nascido na comunidade. Conhecido assim devido o exercício do seu trabalho vendendo doces na comunidade. Pescava peixe mas devido um acidente teve que se afastar do mar, e hoje, para compelmentar a renda familiar trabalha como funcionário da prefeitura, no setor de limpeza da comunidade



e é catador de caranguejo nas horas vagas. No ano de 1989 foi embora para Santa Catarina, ficando lá uns dois anos e sentindo saudades da família resolveu voltar para à Barra, onde mora até hoje.

### **MANUEL VICENTE**

Conhecido por todos como Manuel Professor, devido a atividade exercida na escola municipal. Tem cinqüenta e três anos. Foi um dos primeiros moradores que conhecemos. Aprovado no concurso público da prefeitura começou a trabalhar de vigia no posto de saúde.

### **MARIA RAMOS DA CONCEIÇÃO**

É natural de Nísia Floresta-RN e tem aproximadamente cinqüenta e três anos. Casada e mãe de nove filhos, conheceu a comunidade através de amigos. Veio com a família à procura de trabalho e também segundo ela, pela beleza natural do local. Trabalhou, um tempo, fazendo artesanatos em parceria com o SEBRAE. Ensinou algumas meninas da comunidade a fazer artesanatos, mas descontente com a falta de emprego decidiu voltar a sua terra natal.

### **ELISANDRO**

Genro de seu Antônio da Arraia. Tem trinta anos. Pesca, de vez em quando, com o seu irmão, mas vive mesmo das fotografias que tira. Quando conversávamos sobre á comunidade, mostrava-se triste e insatisfeito com as poucas oportunidades de emprego para os moradores locais.

### **MARIA DAS DORES**

Nascida e criada na Barra, tem quarenta e um anos. É neta de seu Epitácio e, com ele aprendeu a dançar e cantar coco de roda. Trabalhou na agricultura e na Pousada Morada dos Ventos e na limpeza de casas de veraneio, também aprendeu a fazer artesanatos para comercialização.

### **EPITÁCIO COELHO SOARES**

Pescador aposentado. Natural de Barra e casado com Carminha. Era conhecido como o melhor puxador de coco de roda de Barra do Camaratuba, o “guardião dessa tradição”. Faleceu esse ano deixando saudades ao grupo do coco. Tinha 64 anos.

### **CARMINHA (Maria do Carmo da Silva)**

Tem 65 anos. Nasceu em Coqueirinho, comunidade potiguara da Baía da Traição-PB, mas com 15 anos foi morar na comunidade. Aprendeu com seus pais a dançar coco de roda ainda quando era pequena. É casada com seu Epitácio.

### **RITA BRANCA (Rita Virginia do Nascimento)**

Tem sessenta e cinco anos. Natural de Coqueirinho, mas passou a morar em Barra a partir dos 17 anos. É uma das integrantes da brincadeira do coco de roda.

### **NEVES (Maria das Neves de Souza)**

Nascida em Barra, tem sessenta e seis anos. Integrante do grupo de coco de roda da comunidade, aprendeu a brincadeira com a mãe e as pessoas da comunidade.

### **LIQUINHA (Maria Mendes Gonzaga)**

Tem sessenta e um anos. Nasceu em Araçagi, município de Guarabira- PB, mas cheio jovem em Barra do Camaratuba. Casou com Pascal Luiz Gonzaga, morador/nativo que presencia o desenvolvimento da comunidade há sessenta e seis anos. Juntos sempre participavam das festas e das brincadeiras locais, delas recorda como lembranças dos “melhores tempos” vividos em Barra.

Aos demais, aqui não citados, sintam-se também lembrados e homenageados.

## Anexo C - Registros Fotográficos



Fonte: André G. Rego, em 07/06/2003.  
Barra do Camaratuba



Fonte: Folder Pousada Porto das Ondas, 2003.  
Barra do Camaratuba, vista área



Fonte: Ana Claudia Fonseca, em 28/05/2002.  
Casas de taipa



Fonte: Gekbede Silva, em 22/06/2005.  
Casas de alvenaria na rua principal



Fonte: Gekbede Silva, em 23/06/2005.  
Casa de farinha



Fonte: Gekbede Silva, em 29/05/2002  
Nezita descascando a macaxeira e  
peneirando a goma



Fonte: Gekbede Silva, em 29/05/2002.  
Preparando a farinha



Fonte: Gekbede Silva, em 29/05/2002.  
Rosilda preparando a goma



Fonte: Gekbede Silva, em 23/06/2005.  
Os coqueirais nas ruas da comunidade.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Pescadores na caiçara.



Fonte: Gekbede Silva, em 17/01/2001.  
A igreja de São Pedro e a caiçara velha dos pescadores no centro da comunidade.



Fonte: Gekbede Silva, em 19/02/2002.  
A velha e a nova caiçara dos pescadores.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Caiçara nova dos pescadores e a boate.



Fonte: Gekbede Silva, em 22/06/2005.  
Monumento em homenagem ao santo São Pedro no centro da comunidade.



Fonte: Gekbede Silva, em 07/06/2003.  
Movimentação turística e as caiçaras comerciais na Boca da Barra.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Paisagem da Boca da Barra.



Fonte: Gekbede Silva, em 25/06/2005.  
Bar e casa de Moça (à esquerda).



Fonte: Gekbede Silva, em 25/06/2005.  
Bar da Arraia



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Correios



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Pousada de Mãe Santa



Fonte: Gekbede Silva, em 10/02/2001.  
Terreno ao lado da casa de Mãe Santa em 2001.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/12/2005.  
Terreno ao lado da casa de Mãe Santa em 2005, primeira rua calçada na comunidade.



Fonte: Gekbede Silva, em 18/02/2002.  
Mulheres fazendo artesanato da fibra da palha do coqueiro.



Fonte: Luiz Gonzaga, em 07/06/2003.  
Artesanato de Barra do Camaratuba



Fonte: Gekbede Silva em 28/06/2002 e 28/06/2005  
O santo São Pedro sendo trazido da aldeia de Cumaru em 2002 e 2005.



Fonte: Gekbede Silva, 24/06/2005

Procissão de São Pedro: o santo protegido da chuva.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Competidor da 3ª maratona



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Prêmios para os vencedores da 3ª maratona.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Festa de São Pedro de 2005



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Bingo promovido pela igreja na festa de São Pedro 2005.



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Grupo parafolclórico Macambirais



Fonte: Gekbede Silva, em 28/06/2005  
Jovens da comunidade dançando xaxado



Mãe Santa e sua filha Lúcia



Maria Padilha



Albertina



Seu Moíses, Alice e o neto



Augusto



Epitácio ouvindo sua voz



Epitácio e Carminha



Rita Branca, Alice e Neves



Olegário



□  
Maria José, Angelita, Toro e Angélica



Dona Suna, Maria dos Navegantes, Tereza e seu esposo



Maria Nazaré e família



□  
Soca e Toro



Antônio da Arraia



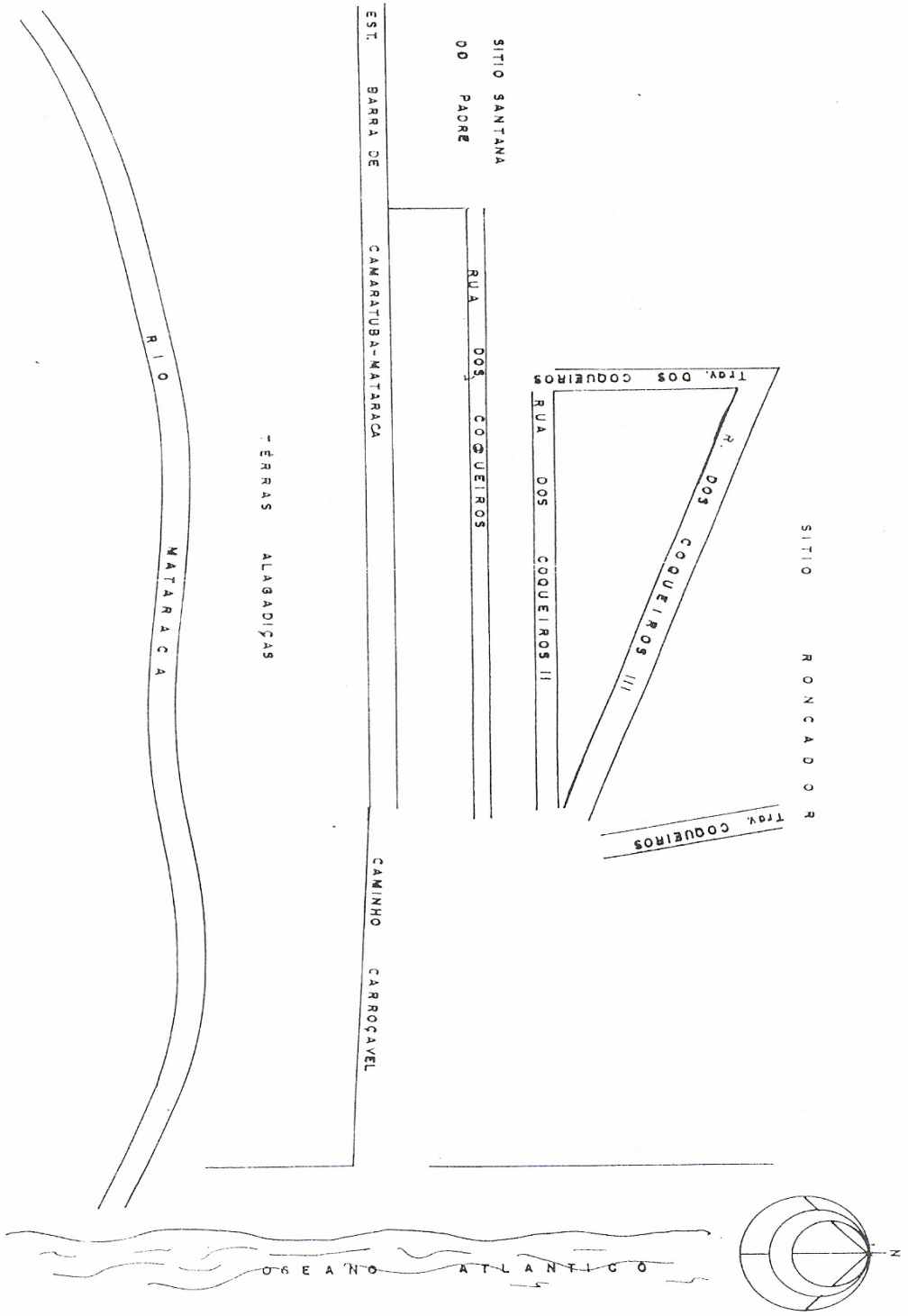
Manuel professor na escola municipal



Anexo E - Planta da comunidade Barra do Camaratuba - 1989

MUNICÍPIO MATARACA  
 POV. BARRA DE CAMARATUBA  
 COD. 9305

X RECENSEAMENTO GERAL  
 DO BRASIL



# Anexo G – Programação da 18ª festa de São Pedro de Barra do Camaratuba

## Convite

### 18ª Festa de São Pedro

À

Comunidade de Barra do Camaratuba,  
Representada pela Igreja de São Pedro e o  
Grupo de Jovens Caminhando com Cristo  
de Barra do Camaratuba-PB,  
Convida os queridos irmãos e irmãs em Cristo  
Para participar da 18ª Festa de São Pedro.

## Programação

### Dia 20.06.2005 (segunda-feira)

19:00h Celebração animada com Grupo Jovem  
“Caminhando com Cristo”, de Barra do Camaratuba, em Ação de  
graças aos idosos e doentes.

### Dia 21.06.2005 (terça-feira)

19:00h Celebração animada com A Pastoral da Criança e Grupo  
Jovem “Caminhando com Cristo”, de Barra do Camaratuba, em Ação de  
graças pelas crianças.

### Dia 22.06.2005 (quarta-feira)

19:00h Celebração animada com o Grupo Jovem “Caminhando com Cristo”,  
de Barra do Camaratuba, em Ação de graças pelo Prefeito, Vice – Prefeito e  
Vereadores.

### Dia 23.06.2005 (quinta-feira)

07:30h Saída de São Pedro para a Aldeia Cumarú  
19:00s Celebração animada com o Grupo Jovem “Caminhando com Cristo”,  
de Barra do Camaratuba, em Ação de graças aos professores e Estudantes.

### Dia 24.06.2005 (sexta-feira)

19:00h Celebração animada com o Grupo Jovem “Caminhando com Cristo”,  
de Barra do Camaratuba, em Ação de graças aos fundadores da Igreja e a Catequese.

### Dia 25.06.2005 (sábado)

19:00h Celebração animada com o Grupo Jovem “Caminhando com Cristo”,  
de Barra do Camaratuba, em Ação de graças aos comerciantes.

### Dia 26.06.2005 (domingo)

19:00h Celebração animada com A Pastoral da Criança e Grupo  
Jovem “Caminhando com Cristo”, de Barra do Camaratuba, em Ação de  
graças aos Jogadores de Futebol e Funcionários Públicos.

### Dia 27.06.2005 (segunda-feira)

19:00h Celebração animada com A Pastoral da Criança e Grupo  
Jovem “Caminhando com Cristo”, de Barra do Camaratuba, em Ação de  
graças aos trabalhadores rurais e desempregados.

### Dia 28.06.2005 (terça-feira)

09:00h Maratona de São Pedro  
16:00h Chegada de São Pedro na Boca da Barra  
19:00h Missa com Pe. Marcelo animada pela comunidade do Cumarú  
em ação de Graças aos Pescadores  
20:30h Show de Prêmios ( Bingo )  
22:00h Show Pirotécnico ( Queima de Fogos )  
22:30h Apresentação das Bandas ( Gata Bronzeada, Balança Neném e  
Chibata na Preguiça)

### Dia 29.06.2005 (quarta-feira)

16:00h Procissão de São Pedro  
Homenagens:  
Dom Aldo  
Pe. Marcelo  
Animadores:  
Grupo Jovem Caminhando com Cristo  
Pastoral da Criança  
Comunidades: Barra do Camaratuba, Mataraca e Cumarú.

### Preito de Saudades:

Antonio Madeiro da Costa  
Antonio Madeiro da Costa Filho  
Maria Isabel Padilha  
Walfredo Madeiro da Costa  
Joana Elias  
José Domingos Lucas  
João Madeiro da Costa  
Moisés Coelho Soares  
Miguel Soares de Avelar  
Maria Regina da Conceição  
João Brasilino Ferreira → m. de Santos

### Organização:

Grupo Jovem Caminhando com Cristo  
Pastoral da Criança

### Agradecimentos:

Grupo Jovem Caminhando com Cristo  
Pastoral da Criança  
Equipe Gráfica: Jackson Assessoria de Eventos



NA BICA DE SERTÃOZINHO

# Litoral Norte lança calendário turístico

Cada um dos 10 municípios que compõem a Amtur-LN deverão promover 2 festas típicas anuais

**M**amanguape - A Associação dos Municípios Turísticos do Litoral Norte (Amtur-LN) lança hoje em Mamanguape o calendário de eventos para os 10 municípios da região. O lançamento será feito na Bica de Sertãozinho e contará com a presença do governador José Maranhão.

Cada município vai promover, até agosto do próximo ano, duas festas típicas, segundo o prefeito de Mamanguape, Fábio Fernandes, que é o presidente da Amtur. "Nós estamos trabalhando para desenvolver o turismo no Litoral Norte de uma forma conjunta", afirma o prefeito.

Ao meio dia, segundo a programação do lançamento do calendário, haverá recepção aos convidados com coquetel de sucos de frutas tropicais e drinques regionais. Às 12h30m o governador José Maranhão chega com a sua comitiva. Às 13h será servido um almoço.

Às 14h, durante o encerramento da solenidade, haverá apresenta-

ção de grupos folclóricos de vários municípios do Vale do Managuape. Um ônibus sairá da frente da sede da PB-Tur, em Tambaú para conduzir os jornalistas e convidados a Mamanguape.

"Os prefeitos dos 10 municípios do Litoral Norte estão conscientes de que o turismo só se desenvolverá na região se contar com o apoio do governo do Estado



A frase

*"Nós estamos trabalhando para desenvolver o turismo no Litoral Norte de uma forma conjunta"*

Fábio Fernandes

Fernandes.

Para ele, o Litoral Norte ainda está com suas belezas naturais preservadas, diversos parques ecológicos já foram criados e a aposta do prefeitos é exatamente no turismo ecológico e cultural.

Fábio lembrou que todos os municípios têm as suas peculiaridades e devem tentar vender isso como produto turístico. "A parte

Fábio Fernandes, prefeito de Mamanguape e presidente da Amtur-LN: investimento no turismo

e do governo federal e se atuarem de forma unida e conjunta", diz Fábio

mais bonita da costa paraibana está localizada no Litoral Norte, onde ainda há praias selvagens, como as que se situam depois do Rio Camaratuba", diz ele.

Conforme o prefeito Fábio Fernandes, os municípios do Litoral Norte têm tudo para desenvolver o seu turismo e esperam contar com o apoio do governador José Maranhão. "Com a segunda etapa da Rodovia Abelardo Jurema o turismo vai crescer muito no Litoral Norte e os prefeitos estão conscientes disso", avalia Fábio.

JARDIM BOTÂNICO DE JOÃO PESSOA. AQUI A PARAÍBA É MAIS VERDE

turismo

A UNIÃO

JOÃO PESSOA, 26 E 27 DE NOVEMBRO DE 2005

(ano I - número 23)

este suplemento não pode ser vendido separadamente

CAMARATUBA MOSTRA PORQUE  
ESTÁ ENTRE AS MAIS BELAS  
PRAIAS DO NORDESTE BRASILEIRO

NO SOSSEGO DA  
**barra**





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)